

ERECHIM



DAS CINZAS AO SONHO

Erechim destruída por incêndios e renovada pela modernidade

Aline Skowronski

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROURB
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo

ERECHIM

DAS CINZAS AO SONHO

Erechim destruída por incêndios e renovada pela modernidade

Aline Skowronski

Dissertação de apresentação ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, FAU-UFRJ, como parte integrante dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Urbanismo, área de concentração História da Cidade.

Prof. Cristóvão F. Duarte

Orientador

S628

Skowronski, Aline Beatrís,
Erechim das cinzas ao sonho: Erechim destruída por
incêndios e renovada pela modernidade./ Aline Beatrís
Skowronski. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008.
xx,161 f. : il., 30 cm.

Orientador: Cristóvão Fernandes Duarte.
Dissertação (Mestrado) – UFRJ/PROURB/Programa de
Pós-Graduação em Urbanismo, 2008.
Referências bibliográficas: p.141-147.

1. Evolução urbana – Erechim (RS). 2. Erechim (RS).
I. Duarte, Cristóvão Fernandes. II. Universidade Federal
do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. III. Título.

CDD 711.5

Agradecimentos

Esta dissertação reflete o trabalho de pesquisa e dedicação de um grupo especial.

Aos autores que mantiveram viva a história da cidade de Erechim.

À instituição, Universidade Federal do Rio de Janeiro que, através do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, PROURB e sua coordenação, representada pela professora Denise P. Machado, por proporcionarem o encontro com professores únicos e colegas especiais com muitas idéias para trocar e muita vontade de aprender.

Aos financiadores, Capes - CNPq, pelo incentivo à pesquisa e por contribuírem para o ingresso aos grandes centros de ensino e pesquisa.

Aos colaboradores:

Arquivo Histórico Municipal de Erechim e sua equipe;

Enori Chiaparini e seu incansável trabalho histórico sobre a cidade;

Secretaria de Turismo de Erechim e o precioso levantamento histórico e fotográfico;

Arquiteta Karla Funfgelt, mestre em urbanismo que cedeu gentilmente informações importantes e fotografias inéditas sobre a cidade;

Isabel Gritti, professora de História em Erechim, por registrar em livro seu estudo sobre a imigração na região;

Entrevistados, moradores e amantes da cidade, por transmitirem ao interlocutor (meu pai) suas lembranças guardadas na memória.

Aos participantes ativos:

Luiz Skowronski, meu pai, pesquisador e entrevistador;

Cristóvão Duarte, meu orientador, que adotou a cidade de Erechim e trabalhou em sua causa para que eu conseguisse ver além e transmitisse neste trabalho os grandes enfrentamentos desta cidade.

Aos assistentes que compreenderam minha ausência e se mantiveram ao meu lado:

Carmelinda, mãe e ouvinte, Marcelo, companheiro e paciente, Vergínia e Marcelo, irmãos torcedores.

Aos amigos Ana Paula, Luisa, Sérgio e Aline, por sempre me apresentarem uma resposta.

Ao esforço conjunto de todos no desenvolvimento deste trabalho, muito obrigada!

“Assim, a união entre o passado e o futuro está na própria idéia da cidade, que a percorre tal como a memória percorre a vida de uma pessoa e que, para concretizar-se, deve conformar a realidade, mas também conforma-se nela. E nessa conformação permanece em seus fatos únicos, em seus monumentos, na idéia que temos deles.

(ROSSI, 2001: 200)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar a relação entre a ocorrência de um fato acidental, o incêndio, e o desenvolvimento urbano da cidade de Erechim.

A cidade em estudo localiza-se no norte do Estado do Rio Grande do Sul e teve sua origem associada à criação dos núcleos coloniais pela Comissão de Terras e Colonização, órgão do governo responsável pela ocupação e distribuição das terras no estado. Erechim foi sede da Colônia de mesmo nome fundada em 1908 pelo governo do Estado e se desenvolveu a partir do projeto urbano idealizado pelo Engenheiro responsável pela Diretoria de Terras e Colonização. Ao mesmo tempo foi ocupada por imigrantes europeus que implantaram uma arquitetura tradicional segundo as imagens que traziam de suas cidades natal.

Os incêndios foram caracterizados como uma ruptura na linha histórica da cidade e suas influências na transformação urbana de Erechim foram reveladas a partir do estudo da forma urbana. Aldo Rossi e Henri Lefebvre fornecem as bases conceituais e direcionam o estudo da cidade de Erechim. Através da análise da forma urbana na evolução da cidade se pretende ressaltar o período de ruptura causado pelos incêndios e entender as transformações que a cidade enfrentou durante esse período.

Resumo

A análise será feita a partir de um levantamento histórico da formação e desenvolvimento urbano da cidade até os anos quarenta, período onde a cidade se reconstrói devido aos incêndios. Com a verificação dos mapas e de um conjunto de fotografias, sempre observando a forma da cidade, se estudará as relações entre o período anterior e posterior aos incêndios para entender a dimensão desses acontecimentos na evolução urbana da cidade de Erechim.

A forma urbana como um tempo da cidade revela as ações globais e locais sobre ela o que possibilita entender as continuidades e discontinuidades na história da cidade. As recordações dos moradores mais antigos da cidade completam a análise e contribuem para a formação da imagem da cidade antes e depois do ocorrido.

Abstract

This work aims to verify the relation between the occurrence of an accidental fact, a fire, and the urban development of Erechim City.

This city under study is located in the Northern of Rio Grande Sul, the Southeast State of Brazil and had its origin associated with the creation of colonial nuclei by the Commission of Land and Colonization, governmental department responsible for the occupation and distribution of State lands. Erechim was the Community's center Erechim founded in 1908 by the Government of this State and has developed from urban project designed by Engineer responsible for the Board of Land and Colonization.

The fires were characterized as a disruption in the city historic line and its influence on urban transformations of Erechim were revealed from the study's urban form. Aldo Rossi and Henri Lefebvre provide the conceptual basis and guide the research about Erechim City. Through the analysis of the urban form of the city evolution is intended to emphasize the disruption period caused by fires and understand the transformations that the city faced during that period.

The analysis will be done from a historical survey of the city formation and urban development

Abstract

until 1940's period where the city reconstructed due to fires. With maps and set photographs verification always looking for urban form where examines relations between the period before and after the fires to understand the magnitude of these events in urban evolution of the Erechim City.

The urban form as a time of the city reveals the global and local actions over the city it can understand the continuities and discontinuities in the city history. The memories of old habitants complete the analysis and contribute to the formation of the city image before and after the event.

Lista de Figuras

CAPÍTULO 1

1.	Caxias do sul - vista aérea	26
2.	Caxias do Sul - réplica da Av. Júlio de Castilhos localizada na Feira da Uva. Principal avenida criada pelos imigrantes	26
3.	Caxias do Sul - estação ferroviária.....	26
4.	Garibaldi - rua da cidade.....	26
5.	Garibaldi - vista aérea	26
6 e 7.	Bento Gonçalves - estação ferroviária e casa de pedra.....	27
8.	Bento Gonçalves - vista aérea.....	27
9.	Primeiros habitantes da região	39
10.	Castelinho construído em 1912	41
11.	Vista aérea do centro da cidade - década 50 e ano 2000	43
12.	Casa em madeira construída pelos italianos para sua sede.	53
13.	Castelinho em 1917	53
14.	Edificações existentes hoje na cidade.....	58

CAPÍTULO 3

15 e 16.	Modelo de casas européias com a forte presença do telhado inclinado. Imagens de Cedynia, uma cidade no interior da Polônia.....	121
17 e 18.	Modelo de edificação de origem italiana - Casa Trombini, e polonesa, em 1014.....	122
19.	Fotografia da década de trinta onde se identifica a presença da arquitetura dos imigrantes.....	123
20.	Fotografia do centro em 1927 onde se identifica a presença da arquitetura dos imigrantes.....	123
21 e 22.	Localização do lado oeste e leste do centro da cidade de Erechim, respectivamente.....	124
23.	Planta baixa e vista oeste da via central elaborada a partir de fotografias da década de trinta.....	125
24.	Planta baixa e vista leste da via central elaborada a partir de fotografias da década de trinta.....	126

Lista de figuras

25.	Imagem da planta com a área central e os edifícios de cunho político e religioso.....	127
26 e 27.	Incêndio em 1931.....	140
28.	Localização e identificação das edificações destruídas pelo primeiro incêndio.....	141
29 e 30.	Avenida José Bonifácio com indicação das casas incendiadas no primeiro incêndio.....	142
31 e 32.	Avenida José Bonifácio com indicação das casas incendiadas no segundo incêndio.....	143
33.	Localização e identificação das edificações destruídas pelo segundo incêndio.....	144
34.	Incêndio em 1933.....	145
35.	Localização e identificação das edificações destruídas pelo terceiro incêndio.....	146
36 e 37.	Avenida José Bonifácio com indicação das casas incendiadas no terceiro incêndio.....	147
38 e 39.	Casa na periferia da cidade em 1920 e em 2005.....	167
40.	Planta baixa e vista oeste da via central elaborada a partir de fotografias da década de quarenta.....	175
41.	Planta baixa e vista leste da via central elaborada a partir de fotografias da década de quarenta.....	176
42 e 43.	Lado oeste e leste com os edifícios construídos depois dos incêndios.....	177
44 e 45.	Avenida principal sentido Norte-Sul anos 40.....	177
46 e 47.	Edifício da Prefeitura em 1932 e nos dias de hoje.....	178
48.	Construção da Igreja da Matriz - 1928.....	179
49.	Igreja da Matriz - 1933.....	180
50.	Praça da Bandeira, antiga praça Cristóvão Colombo, que recebeu o trabalho de Francisco Riopardense de Macedo no desenho do piso.....	180

Lista de Mapas

INTRODUÇÃO

1 e 2. Localização geográfica da cidade de Erechim (RS).....	03
--	----

CAPÍTULO 1

3. Estado do Rio Grande do Sul em 1857.....	22
4. Região serrana do Estado do Rio Grande do Sul, onde estão situadas as antigas colônias, ou colônias velhas, como eram chamadas.....	25
5. Subdivisão da Colônia Erechim em lotes urbanos em 1913	34
6. Projeto para a sede da Colônia de Erechim projetado por Carlos Torres Gonçalves em 1914	47

CAPÍTULO 2

7. Planta de Washington proposta por Pierre L'Éfant.....	74
8. Georges Eugène Haussmann, Plano de Paris, 1851-1870.....	75
9. Litografia do plano de projeto de Barcelona de Ildefonso Cerda em 1859	77
10. Projeto desenvolvido para Belo Horizonte pelo arquiteto Aarão Reis em 1897.....	100

CAPÍTULO 3

11. Centro da cidade de Erechim com a localização das ruas.....	118
12. Projeto de Torres Gonçalves (1914).....	136
13. Projeto implantado (1914 1950).....	136
14. Plano atual (2000).....	137
15. Planta proposta em 1931 desenvolvida sob ordem superior.....	170

Sumário

RESUMO	XI	CAPÍTULO 2	
ABSTRACT.....	XII	...INFLUÊNCIAS E REFERÊNCIAS...	59
LISTA DE FIGURAS.....	XV	2. Século XIX e início do XX	61
LISTA DE MAPAS.....	XVII	2.1 Industrialização	62
SUMÁRIO.....	XIX	2.1.1 Características da industrialização	62
INTRODUÇÃO.....	1	2.2 Urbanização.....	66
		2.2.1 Modernização	67
		2.2.2 Planejamento urbano	69
		2.2.3 Utopias urbanas	70
		2.2.4 Cidades planejadas	72
		2.3 Contexto nacional	80
		2.3.1 Industrialização e modernização	80
		2.3.2 Brasil Republicano	84
		2.3.2.1 Positivismo	86
		2.3.2.2 Imigração e colonização	90
		2.3.2.3 Planejamento urbano no Brasil	94
		2.3.3 Rio Grande do Sul	101
		CAPÍTULO 3	
		... AOS FATOS!	109
		3. Contextualização - anos 20 e início dos anos 30.....	111
		3.1 Forma urbana	114
		3.1.1 Área de estudo	116

Sumário

3.1.2 Arquitetura	118
3.1.3 Marcos urbanos e vida social	129
3.1.4 Urbanismo	132
3.2 Fogo!	138
3.2.1 Primeiro incêndio	139
3.2.2 Segundo incêndio	143
3.2.3 Terceiro incêndio	145
3.2.4 As marcas da tragédia	147
3.3 Rompimento: continuidades e transformações	150
3.3.1 A cidade interrompida - década de 30	150
3.3.2 O incêndio como acelerador do processo	156
3.3.3 A cidade e a memória coletiva	162
3.4 A nova cidade - anos 40	168
CONCLUSÕES	183
BIBLIOGRAFIA	191
ANEXOS	203

Introdução

A forma urbana da cidade é sempre um tempo da cidade, como afirma Aldo Rossi, e é a partir da análise dela no processo e evolução urbana da cidade, que as mudanças são percebidas. A continuidade histórica permite, a partir da verificação das permanências, detectar também os períodos de ruptura e as interferências na vida e na forma urbana.

Uma cidade se transforma ao longo do tempo pela ação da população e através da interferência de processos globais, como ocorreu com a industrialização, e esse processo contínuo lhe confere um caráter e uma imagem. A mudança destas características urbanas também pode ser influenciada por processos naturais, como a ocorrência de enchentes, incêndios, terremotos, que podem mudar o curso de desenvolvimento da cidade.

No caso da cidade em estudo, Erechim, a ocorrência de três incêndios destruíram grande parte do acervo edificado em madeira na área central da cidade causando grandes mudanças nas décadas de 30 e 40 do século XX. Esse período influenciou a imagem da cidade que passou a carregar essas mudanças importantes da arquitetura e da forma urbana. Entender como um fato acidental pode interferir na evolução urbana da cidade é a principal questão deste trabalho. Os incêndios considerados como esse fator acidental foram os responsáveis pela

Introdução

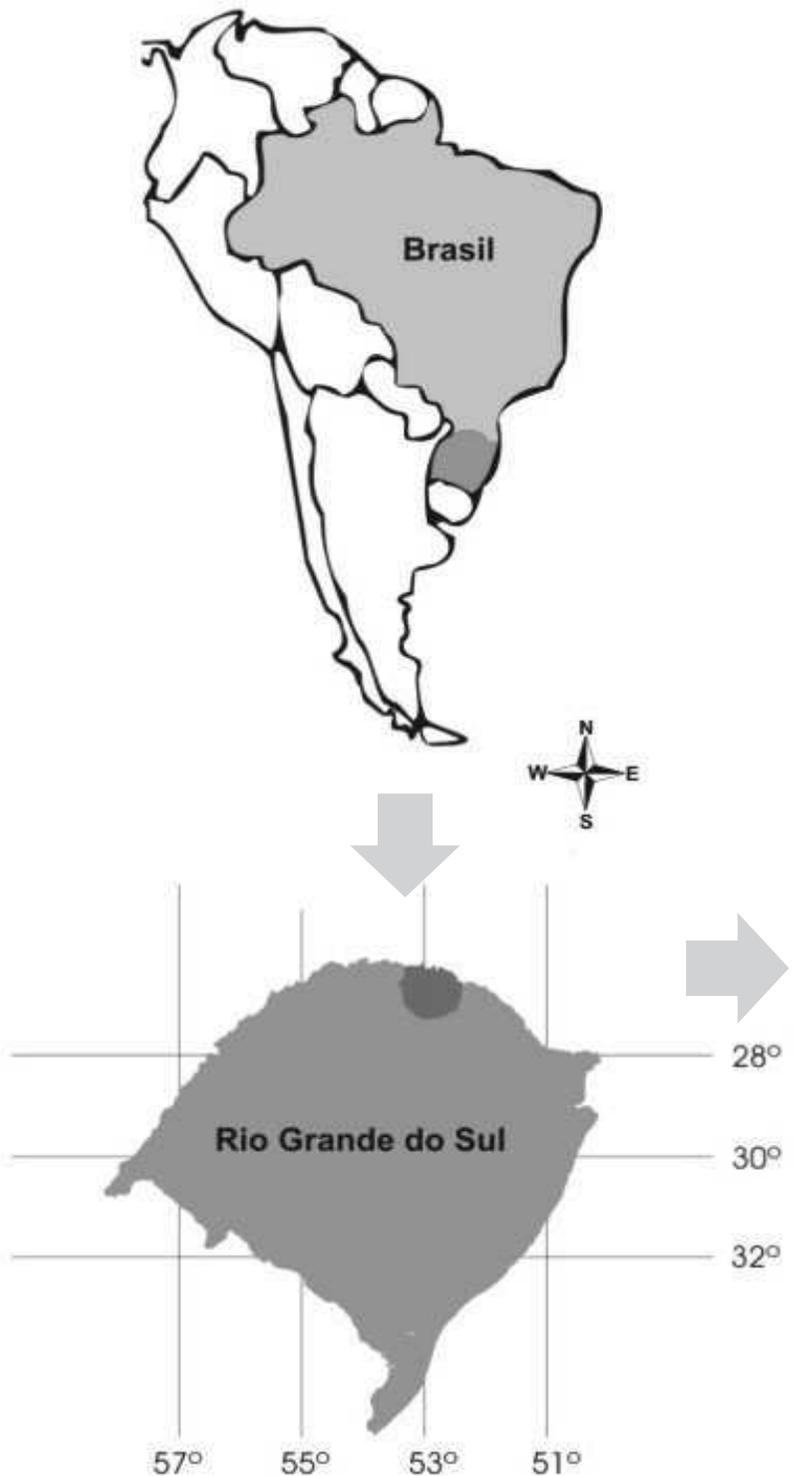
aceleração do tempo de ocorrência das transformações da forma urbana, antecipando a modernização da cidade com a reconstrução dos edifícios em alvenaria e a adoção de novas medidas de reforma urbana.

Situação e localização

Erechim localiza-se na região norte do estado do Rio Grande do Sul, na microrregião Alto Uruguai, tendo como limites, ao norte, os municípios de Aratiba e Três Arroios, ao sul, Getúlio Vargas e Erebangó, ao leste, Gaurama e Áurea e a oeste, Paulo Bento e Barão de Cotegipe. Erechim fazia parte até 1938 da Colônia Erechim (emancipada em 1918 permanecendo com o mesmo nome). A Colônia Erechim foi fundada pelo então governador do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa Gonçalves, em 1908, e era composta por nove núcleos urbanos (correspondentes às estações ferroviárias implantadas na região norte). Pertenceu ao oitavo distrito de Passo Fundo até 1918.

A Colônia Erechim surgiu a partir da Comissão de Terras e Colonização do Estado. A antiga sede (hoje correspondente à cidade de Getúlio Vargas) foi sendo ocupada em 1910 com a

Introdução



Mapa 1 e 2 Localização geográfica da cidade de Erechim (RS). Mapa do Brasil - Mapa do Estado do RS e antiga Colônia Erechim.
Fonte: RAMPAZZO (2003)

Introdução

construção do edifício para abrigar a Comissão de Terras e de mais alguns edifícios erigidos por imigrantes que já chegavam à região. Em 1913, com cerca de 5.000 lotes demarcados e uma população que chegava a 18 mil, sendo 10 mil imigrantes da Europa, a Colônia Erechim era próspera e seu crescimento era visto como resultado do rápido progresso na região.

Foi nesse período que Governo e Comissão, coordenada pelo Engenheiro Carlos Torres Gonçalves¹, decidiram por escolher uma nova sede para a Colônia Erechim que deveria representar os ideais de desenvolvimento almejados por ambos. A região escolhida pelo Engenheiro Torres Gonçalves não contava com uma estação ferroviária no projeto de instalação da estrada de ferro obrigando o Engenheiro a solicitar um desvio no traçado proposto para que se instalasse uma nova estação, a estação Paiol Grande.

Com a estação instalada, em 1914 iniciaram-se as demarcações das terras na região escolhida para a nova sede, um local central, próximo aos núcleos que se desenvolviam e com maior altitude em relação a eles. O engenheiro Norberto de Barros Lacerda (da Comissão de Terras regional de Passo Fundo) foi o responsável pela demarcação do traçado, proposto e desenvolvido para uma população de 15 mil habitantes.

1 O Engenheiro Torres Gonçalves veio da Escola de Engenharia do Rio de Janeiro e tinha forte formação positivista.

Introdução

Em 1918 considerando os pedidos da população e as descrições favoráveis à Colônia, que ressaltavam seu intenso crescimento e desenvolvimento, o governo estadual elevava o oitavo distrito de Passo Fundo (Colônia Erechim) à categoria de Município, com a sede transferida para Paiol Grande, que passou a se chamar Boa Vista e hoje corresponde à cidade de Erechim.

Objeto de estudo

A partir dos conceitos de permanência e ruptura, através da observação e análise da forma urbana, é que se estudará o período histórico correspondente a uma fase de grandes transformações na cidade de Erechim.

Até a década de 30 prevaleceu na cidade a arquitetura desenvolvida pelos imigrantes, principalmente italianos e poloneses. A forma da cidade era, então, marcada por morfologias e tipologias arquitetônicas tradicionais baseadas na herança cultural trazida pelos imigrantes, identificadas pelo tipo de tratamento dado à madeira e, principalmente, pela inclinação acentuada dos telhados.

Os imigrantes italianos partiram das três antigas colônias, já saturadas, da serra gaúcha em

Introdução

direção ao norte do Estado². Os poloneses chegaram no Estado após os alemães e italianos que já haviam ocupado grande parte das terras do Estado e se dirigiram à região Norte e aos estados de Santa Catarina e Paraná. Verifica-se que nos primeiros anos da Colônia Erechim, o número predominante de imigrantes era de origem polonesa mas logo foi sendo superado por italianos vindos das antigas colônias.

Os imigrantes que chegavam ao Brasil eram recebidos pelo Governo Federal através da Inspetoria de Terras e Colonização e distribuídos nas regiões onde os núcleos estavam sendo formados. Além da colonização oficial, da qual faziam parte as Comissões Estaduais, a presença de empresas privadas na fundação de novas colônias foi significativa.

A partir de 1911, com o crescimento da Colônia, o Engenheiro Torres Gonçalves apresentou ao governador um projeto para a nova sede da mesma que seguiria alguns dos conceitos mais marcantes dos planos de urbanização modernos que se desenvolviam no país. Segundo o relatório da Comissão de Terras e Colonização de 1914, essa cidade seria o primeiro caso no Estado onde a instalação seguiria um projeto previamente estudado.

2 As antigas colônias são definidas pelas atuais cidades de Farroupilha (antiga Nova Milano), Garibaldi (antiga Conde d'Eu) e Bento Gonçalves (antes Dona Isabel).

Introdução

Mas a arquitetura desenvolvida em Paiol Grande (atual Erechim) pouco se relacionava com seu traçado urbanístico. As edificações tinham a tipologia herdada das cidades européias, cidades de origem dos imigrantes, com apenas um andar, algumas vezes finalizadas com um sótão, feitas de madeira e com os telhados inclinados. Em contrapartida, o traçado urbano foi planejado pela Comissão de Terras do Estado com base nos traçados de grandes cidades, formado por largas avenidas incorporadas ao traçado xadrez onde se sobrepuseram avenidas diagonais. Esse tipo de projeto estava sendo muito utilizado nas cidades brasileiras, como os que vinham sendo desenvolvidos em Belém, Manaus e Belo Horizonte.

Essa particularidade atribuída à cidade de Erechim e a sua ocupação por imigrantes, que nela desenvolveram um tipo específico de arquitetura, gerou uma imagem da cidade registrada nos documentos iconográficos que serão resgatados a fim de mostrar as transformações que marcaram a década de trinta.

Os três grandes incêndios, o primeiro em 1931, seguido de outros dois, em 1932 e 1933 destruíram três dos seis quarteirões já ocupados nesse período. E junto com isso levaram sonhos, destruíram anos de trabalho e lembranças guardadas desde a chegada dos

Introdução

imigrantes ao país.

Erechim experimentou num curto período de tempo as glórias do desenvolvimento e o choque pela perda de todos os anos de construção provocados pelos incêndios. A importância de se estudar esse período de ruptura se afirma primeiramente quando se buscam informações e registros da época, que estão dispersos e ainda são raros. Conjuntamente, pretende-se verificar os impactos causados na forma da cidade por esse período de mudança buscando auxílio em autores que desenvolveram trabalhos que abordassem esse tema e descobrindo elementos que podem ter sido atingidos por essa transformação.

Para o estudo do período de ruptura na forma urbana de Erechim, caracterizado pelos anos trinta, serão utilizadas as contribuições teóricas principalmente de Aldo Rossi (1931-) e Henri Lefebvre (1901-1991). O estudo da forma urbana cederá as bases para o entendimento da cidade na sua evolução, ruptura e continuidade. Na cidade de Erechim, ela será analisada através do método histórico proposto por Rossi e do método progressivo-regressivo, definido por Lefebvre.

Introdução

Os métodos de estudo da cidade desenvolvidos por esses autores abordam os pontos de vista essenciais para o entendimento da cidade, sua construção no tempo e transformação no espaço, e propõem uma análise a partir da cidade de hoje.

O método histórico propõe uma análise urbana a partir da observação da cidade como um “fato urbano” ou o local onde se encontram muitos fatos urbanos. O fato urbano, definido morfologicamente, é composto pela arquitetura: por sua inserção no espaço e no tempo e, socialmente, pela relação que adquire com a região e a população. Paralelamente a esse ponto de vista que aborda a forma da cidade como fato verificável, o autor propõe um caminho que vai além da estrutura física da cidade, aborda a “idéia que temos da cidade como síntese de uma série de valores.” (ROSSI, 2001: 194) Rossi analisa a cidade através das permanências e para essa análise divide as partes da cidade nos componentes área-residência e elementos primários, classificação que será adotada nesse trabalho.

Introdução

“O método histórico acaba assim não tanto identificando as permanências, mas sendo constituído sempre e apenas pelas permanências, porque só estas podem mostrar o que a cidade foi, por tudo aquilo em que o passado difere do presente.” (ibid., 2001: 53)

O método regressivo-progressivo desenvolvido por H. Lefebvre propõe uma análise da cidade hoje para explicar o passado e entender as projeções futuras. Aproxima-se do método de Rossi quando analisa a arquitetura e o lócus. E vai além, com uma proposta dialética que estabelece duas direções de estudo, a vertical, que analisa a coexistência de processos históricos diferentemente datados; e a horizontal, quando insere-se o objeto no contexto de sua época.

A análise progressiva-regressiva permitirá inserir a cidade de Erechim no contexto nacional e mundial de desenvolvimento das cidades a partir da evolução da tecnologia e do homem. O objeto inserido na história mundial identifica os processos globais que, direta ou

Introdução

indiretamente, cruzaram com a história da cidade de Erechim deixando marcas que os caracterizassem.

Os dois métodos dão conta da análise que se pretende desenvolver. Com o método regressivo-progressivo analisa-se a presença da cidade no contexto de desenvolvimento do Estado do Rio Grande do Sul para entender a ruptura causada na forma da cidade no início da década de 30. As contribuições de Rossi servirão de base para uma reconstrução da cidade através da análise de sua arquitetura e do contexto em que ela foi inserida na cidade e vivida pelos seus moradores, também para a análise da arquitetura como arte e sua inserção no contexto urbano.

Desta forma o trabalho foi dividido em três capítulos que compreendem a origem e o contexto da cidade, o período de ruptura originado pelos incêndios e a cidade transformada, reconstruída após os incêndios.

O primeiro capítulo irá apresentar a formação da cidade e seu desenvolvimento até o período da ocorrência dos incêndios, sendo analisados prioritariamente, a arquitetura e o urbanismo,

Introdução

num contraste entre eles estabelecido desde sua origem. Para esta análise foram utilizadas informações sobre a história da cidade buscadas em autores locais, notícias em jornais e relatos dos principais atores que contribuíram para essa história; as informações sobre o projeto e a iniciativa de instalação da colônia e fundação de sua sede com prévio planejamento foram encontradas nos Relatórios dos Negócios das Obras Públicas do Estado, nos arquivos da Secretaria da Agricultura em Porto Alegre, que também informam sobre a demarcação das terras, a população de imigrantes e a atuação da Comissão na formação dos núcleos; para a análise técnica foram buscadas informações nas plantas e mapas da região e da cidade desenvolvidos como estudos e como projeto de implantação, encontrados no Arquivo Histórico Municipal; complementando as informações, as imagens da época, que mostram a história concreta, a forma urbana, a cidade de Erechim.

O segundo capítulo insere a cidade no contexto nacional e mundial sob três pontos de vista, o urbanismo, o modernismo e a industrialização. Sob esses aspectos se procurou entender as mudanças que as cidades vinham absorvendo devido à inserção da indústria e de seus principais agentes de transformação, e quais os reflexos desta fase no urbanismo e na

Introdução

maneira de pensar e projetar a cidade.

O terceiro capítulo retoma a formação da cidade com enfoque principal sobre o período dos grandes incêndios. Aborda a questão do incêndio como meio de aceleração de um processo histórico e apresenta outros exemplos de cidades que estiveram em situações semelhantes. Sempre vendo a cidade sob o conceito da forma urbana este capítulo reforça a relação entre ruptura e permanência, durante um determinado período de tempo e reúne as informações relativas à memória coletiva.

Para essa fase contribuíram os autores anteriormente citados, os documentos do Arquivo Municipal como fotos e relatos dos incêndios e entrevistas realizadas com moradores da cidade com idade em torno de 70 e 80 anos. A seguir procurar-se-á definir o principal conceito utilizado no desenvolvimento deste trabalho.

Forma Urbana

Rossi define a forma urbana como o conjunto de fatos urbanos que se encontram na cidade e se percebem ao longo de sua história. A forma urbana assume o papel de agregadora das

Introdução

partes da cidade. Ela dá origem à paisagem e ao mesmo tempo reflete sua sociedade. É através da forma que Rossi estuda a cidade “pois esta parece resumir o caráter total dos fatos urbanos, inclusive a origem deles.” (ROSSI, 2001: 17). O estudo da forma permite entender a cidade através dos conjuntos que a configuram, a arquitetura e o traçado urbano. E é sob esses aspectos que será desvendada a cidade de Erechim.

Para Carlos (2001), “a forma não é o simples desenho que explicaria o conteúdo da cidade.” (2001: 47). Ela busca em Roncayolo uma ampla definição da forma:

“As discontinuidades da morfologia [...] não explicam a inscrição espacial das rupturas no tempo urbano, do ocasional, mas são seu efeito; as formas também constituem quadros de referência da ação e delimitam, impedem, permitem o uso.” (RONCAYOLO, apud op. cit.: 47)

A forma urbana e os tipos arquitetônicos são essenciais na interpretação da cidade pois eles assumem e atribuem valores à ela e guardam na sua história a própria história da cidade,

Introdução

contribuindo para o desafio que estamos propondo nesta pesquisa.

A cidade de Erechim se propõe a esse estudo por apresentar num período de sua história marcos que modificaram sua imagem. Os impactos produzidos na cidade pelos três grandes incêndios se revelam na sua forma urbana e aceleram um processo que apenas parcialmente havia sido adotado na cidade, a modernização. Um grande ponto a favor da presença da modernidade na arquitetura construída após os incêndios foi o plano urbanístico implantado no início do século. O projeto desenvolvido e implantado segundo os princípios modernos serviu de base para a arquitetura eclética seguida pelo Art D'eco adotados na reconstrução da cidade.

O contexto em que os incêndios ocorreram e suas conseqüências refletem as principais mudanças geradas na cidade principalmente pela industrialização. Com esse processo global surgiram novas discussões sobre o urbanismo que resultaram em novos conceitos para projetos de reforma e construção de cidades, adotados em muitas regiões brasileiras.

As soluções propostas para as cidades se propagavam através de engenheiros como Carlos

Introdução

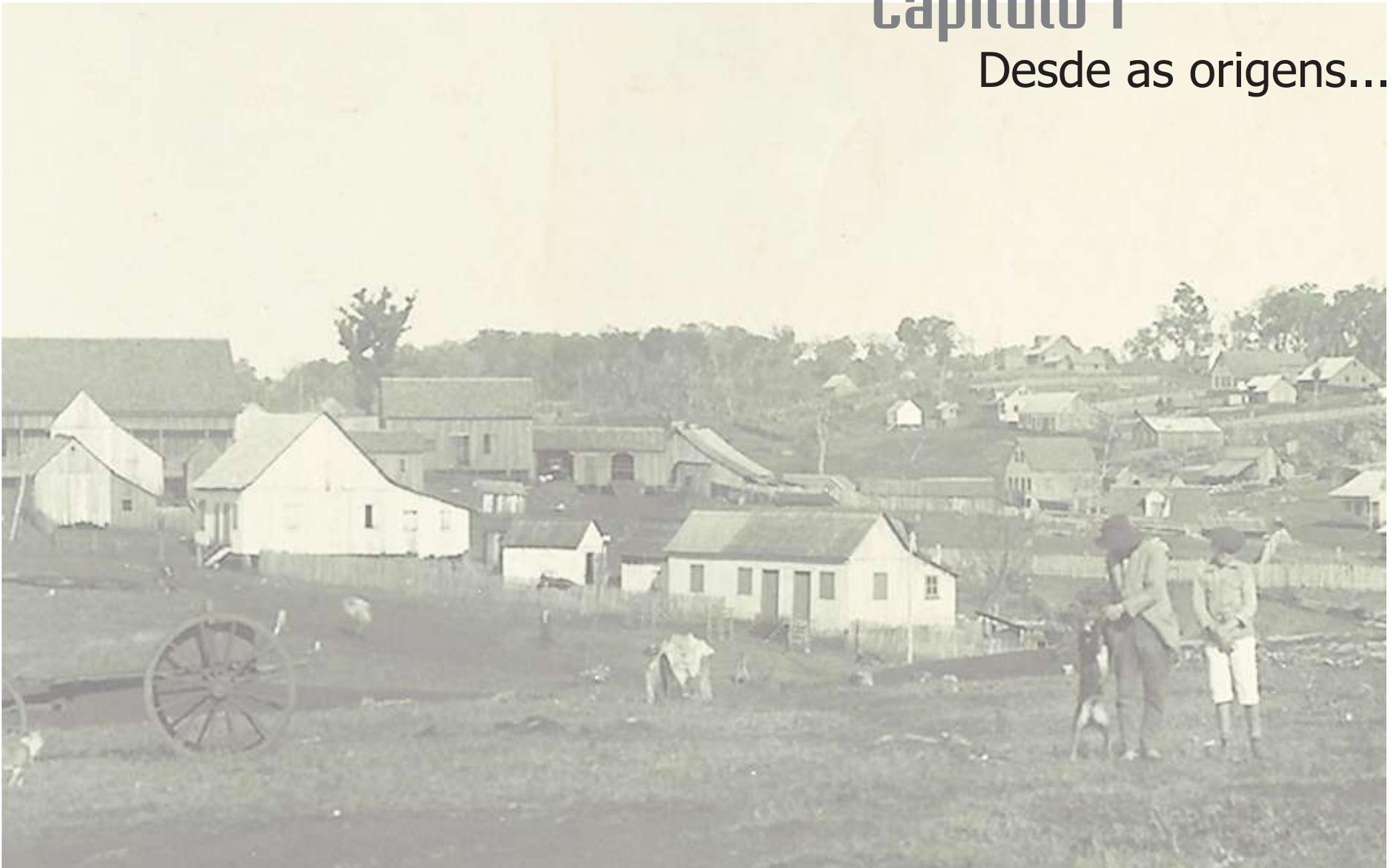
Torres Gonçalves, o autor do plano urbanístico para a cidade de Erechim bem como o grande mediador para a implantação deste projeto.

A nova imagem da cidade a partir dos anos quarenta é resultado da composição do plano nos moldes do urbanismo moderno do início de século com a arquitetura eclética da década de trinta. Essa imagem revela a aceleração do processo de evolução urbana da cidade, pela mudança radical do conjunto edificado, na sua forma e em seu material, e pela aproximação das novas construções com os conceitos modernos que vinham sendo adotados em todo o país nesse período.

Esse fato comprova que os incêndios foram os principais responsáveis pela imagem da cidade que hoje encontramos e que a torna um exemplo único no estudo das transformações urbanas, revelando em sua forma o momento em que o Brasil se encontrava na questão do planejamento urbano e da arquitetura internacional.

Capítulo 1

Desde as origens...



SÉCULO XX - ANOS 10 e 20

A Colônia Erechim foi fundada em 1908 pelo governador Carlos Barbosa e era composta por diversos núcleos que hoje constituem as cidades da região Norte do Estado do Rio Grande do Sul, na microrregião Alto Uruguai, sendo uma delas a cidade em estudo, Erechim.

O período de fundação e início do desenvolvimento da Colônia corresponde ao início do século XX caracterizado pela autonomia dada aos Estados, que passaram a coordenar o crescimento e desenvolvimento de suas terras, principalmente na questão da imigração, que deixou de ser subvencionada pelo governo federal desde 1895. Essa atividade passou a ser de responsabilidade dos Estados através da Diretoria de Terras e Colonização, subordinada à Secretaria de Obras Públicas. O Rio Grande do Sul, através da Inspetoria de Terras, passou a comandar a imigração e organizar a criação de núcleos populacionais, oferecendo assistência e acompanhando o processo de adaptação dos colonos durante os primeiros anos.

A formação da cidade de Erechim está relacionada à nova ordem de divisão e comercialização das terras no país. Através da Lei de Terras n. 601, de 18 de setembro de 1850, e com a implantação da República, novas regulamentações foram sendo adotadas com relação a propriedade da terra. Segundo essa Lei, as terras se tornariam objeto de compra e venda e um

Capítulo 1

conjunto de normas passaria a controlar a aquisição e a ocupação, atividades que eram administradas pela Repartição Geral das Terras Públicas.

Portanto, após a Lei de Terras, a implantação de colônias de imigrantes, estabelecidas em pequenas propriedades agrícolas, foi uma das formas de apropriação das terras, rendendo dividendos ao Estado, que recebia mensalmente dos novos proprietários um valor correspondente a uma parcela do lote através do recolhimento da produção agrícola por eles desenvolvida. Simultaneamente, a política de formação de novos núcleos coloniais resolveu os problemas de abastecimento dos centros urbanos e regularizou as terras devolutas do Estado. (Neumann, 2006)

O serviço de Obras Públicas, que coordenava o trabalho de divisão territorial, ao mesmo tempo se encarregava da distribuição dos imigrantes nos novos lotes. No Rio Grande do Sul o sistema de colonização foi intensificado com a necessidade de povoar essa região. Para tanto o Estado utilizou a Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul que mencionava critérios específicos para divisão de lotes, formação de núcleos e distribuição da população, como também criou a Inspeção Especial de Terras e Colonização, responsável

Capítulo 1

pela criação de novos núcleos coloniais. Através de suas seções, a Inspetoria tratava das questões referentes à terra, ao atendimento e ao destino dos colonos europeus e estava subordinada ao Presidente da Província. Wolff afirma: "A Colônia Erechim, a partir de sua criação, inseriu-se na política de imigração e colonização oficial, planejada e concebida nos moldes da Constituição de 1891, de inspiração positivista, e executada pela repartição competente, a Inspetoria de Terra." (WOLFF, 2005: 158)

Para melhor entender o surgimento da Colônia e, conseqüentemente, da cidade de Erechim serão abordadas duas questões: a formação territorial do Estado e as correntes migratórias e sua trajetória.

Com a subdivisão do Estado do Rio Grande do Sul ao longo dos anos, a cidade de Erechim, inserida na região Alto Uruguai, já pertenceu aos municípios de Rio Pardo³ (1809), São Luiz da Leal Bragança (1817), São Borja (1834), Espírito Santo da Cruz Alta (1834), Nossa Senhora da Soledade (1846) e, por fim, Passo Fundo (1847).

Passo Fundo, cidade localizada a 80 quilômetros da cidade de Erechim, foi o último município

3 Nesta época a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul tinha quatro municípios: Porto Alegre, Santo Antonio da Patrulha, Rio Grande e Rio Pardo.

Capítulo 1

ferroviário que, atravessando a fazenda Quatro Irmãos, segue para Nonoai; Barro desenvolveu o comércio; Treze de Maio, criado em dezembro de 1924; Rio Novo, ao Norte, criado em Janeiro de 1925. Capoerê e Viadutos foram mais duas estações ferroviárias em crescimento. As estações de ferro que foram construídas entre 1909 e 1911 integravam a Colônia e tinham como objetivo suprir o novo núcleo de mercadorias e serviços como meio de comunicação e transporte. (DUCATTI, 1981: 76)

A Colônia Erechim foi planejada contando com a imigração européia, que chegava através da estrada de ferro. O número de imigrantes que chegou foi intenso, inclusive após o encerramento da subvenção da imigração pelo Estado do Rio Grande do Sul, que passou a ser espontânea em 1914. A sede foi habitada primeiramente por alemães e italianos, seguindo dos poloneses. A maioria dos poloneses que chegavam vinham direto da Europa e durante os primeiros anos de criação da sede Paiol Grande eles foram a maioria. Mas com o rápido crescimento das antigas colônias do Estado os italianos logo alcançaram esse número e se tornaram o grupo com maior representates na vila.

Capítulo 1

Segundo Chiaparini (1997), a criação da Colônia Erechim se deu em um período onde diversos setores do Estado passavam por dificuldades. Dentre eles se destaca a crise da pecuária e do abastecimento de produtos oriundos de uma agricultura de policultura; a crise de excedentes populacionais das terras velhas; e ainda a existência de terras devolutas do Norte e Nordeste do Estado que até 1910 não haviam sido ocupadas de forma legal.

Sob a influência do Positivismo, Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros representantes do Governo Estadual elaboraram um pacote de soluções que seguiu o lema do regime: Ordem e Progresso. A criação da Colônia Erechim se encaixa nos preceitos básicos do positivismo: com um projeto completo de infra-estrutura absorveu os imigrantes que deixavam a Europa, os contingentes excedentes das terras velhas dentro do próprio Estado, e ainda resolveu o problema dos intrusos e da situação das terras devolutas do Alto Uruguai. Como se observa, o Estado foi o grande criador da Colônia Erechim.

Núncia S. de Constantino destaca que “o modo de pensar e agir do imigrante, em geral, coincide com as expectativas dos governos de inspiração positivistas que se esforçam no sentido de doutrinar sobre o trabalho.” (op. cit. apud GRITTI, 2004)

1.1

AS COLÔNIAS “VELHAS”

Anteriormente à criação da Colônia Erechim, outras foram fundadas e ocupadas através da atuação da Comissão de Terras e Colonização. O desenvolvimento das cidades no Estado do Rio Grande do Sul, principalmente na região serrana, está diretamente relacionado com a população de imigrantes.

“A industrialização tardia da Alemanha e Itália fez expulsar do campo arruinado destes países, enorme contingente de despossuídos, que tiveram na América uma esperança de sobrevivência.” (CHIAPARINI, 1992).

Essas condições precárias na Europa coincidiram com o momento político brasileiro em que se buscava a ocupação dos espaços vazios para o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria; para a substituição da mão-de-obra escrava pela mão de obra livre, assalariada que desenvolveriam as cidades. (HERÉDIA, 2001)

Os núcleos de Conde D'Eu (atual Garibaldi) e de Dona Isabel (atual Bento Gonçalves) foram as

Capítulo 1



MAPA 4 - Região serrana do Estado do Rio Grande do Sul, onde estão situadas as antigas colônias, ou colônias velhas, como eram chamadas.

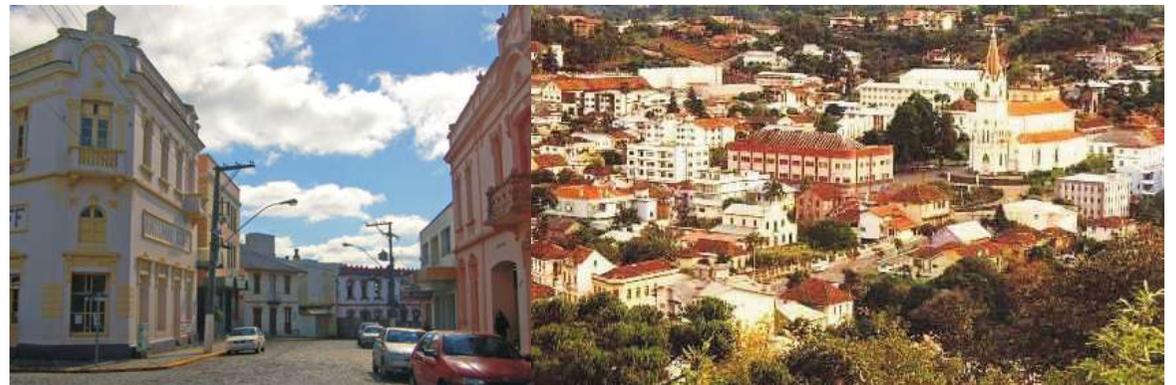
Fonte: www.sitedovinhobrasileiro.com.br



primeiras colônias provinciais a serem organizadas no ano de 1870, criadas pelo presidente da Província João Sertório, localizavam-se na região serrana do Estado. Elas receberam prioritariamente os imigrantes italianos que chegaram logo após os alemães. Estes, em 1824 ocuparam as beiras de rios nas baixadas gaúchas, comprando lotes dos proprietários de terras locais, ao contrário dos italianos, que chegaram no Estado subvencionados pelo governo e seguiam em direção às colônias previamente fundadas nas encostas da serra.

Mas a presença dos colonos na região da Serra Gaúcha, que em muito se assemelhava às paisagens européias, não ocorreu somente por esse motivo. Por estas terras estarem à disposição devido à falta de interesse dos latifundiários que não poderiam praticar a pecuária extensiva nessa região montanhosa o estado passou a fundar colônias para ocupar essa região. (WOLFF, 2005).

Garibaldi



Capítulo 1

A região de colonização italiana na serra gaúcha se configurou com a formação das colônias Caxias (hoje Caxias do Sul), Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves), Conde D'Eu (hoje Garibaldi), Antonio Prado, Alfredo Chaves, Guaporé e Encantado. Essa região tornou-se importante no Estado pela sua imagem, que faz referência à imagem da cidade européia, configurada pela transformação do espaço a partir das construções espelhadas naquelas ainda presentes na memória do imigrante.

A quarta colônia, fundada em 1877, foi Silveira Martins, na região central do Rio Grande do Sul. A chegada dos imigrantes foi intensa em busca de um pedaço de terra para cultivar e morar, como sinônimo de independência, um dos motivos que os levou a sair de seu país de origem.

Figura 1 - Caxias do Sul - vista aérea
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>

Figura 2 - Caxias do Sul - réplica da Av. Júlio de Castilhos localizada na Feira da Uva. Principal avenida criada pelos imigrantes.
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>

Figura 3 - Caxias do Sul - estação ferroviária
Fonte: <http://s244.photobucket.com>

Figura 4 - Garibaldi - rua da cidade.
Fonte: <http://s244.photobucket.com>

Figura 5 - Garibaldi - vista aérea
Fonte: <http://s244.photobucket.com>

Figura 6 e 7 - Bento Gonçalves - estação ferroviária e casa de pedra.
Fonte: <http://www.ferias.tur.br/localidade/7466/bento-goncalves-rs.html>

Figura 8 - Bento Gonçalves - vista aérea
Fonte: <http://s236.photobucket.com/albums>

Bento Gonçalves



Capítulo 1

1.2 A NOVA COLÔNIA

Após a consolidação das quatro colônias citadas, três motivos foram significativos, segundo CASSOL (1977: 28), para o início da colonização do norte do estado.

Primeiro, a Revolução Federalista de 1893, que teve início a partir da crise da recém implantada República e contou com a participação do Estado na luta contra as forças legais de Floriano Peixoto. Com isso, muitos refugiados procuraram abrigo na região ocupada até então por índios e pela mata. Com isso, na época da fundação da Colônia Erechim, já havia cerca de 200 posseiros habitando a região.

Em 1910 com a chegada da ferrovia São Paulo Rio Grande até Marcelino Ramos, expandiu-se o comércio e a colonização. Essa ferrovia chegou em Passo Fundo em 1898 e por pressão do Engenheiro Torres Gonçalves sofreu um desvio do seu traçado original para chegar até Paiol Grande (hoje cidade de Erechim) o que facilitaria a vinda de imigrantes e a importação e exportação de produtos agrícolas, favorecendo o local escolhido pelo engenheiro para se tornar a nova sede da Colônia. As onze estações criadas serviram de ponto de referência para

Capítulo 1

o desenvolvimento dos núcleos urbanos. Entre 1909 e 1911, com a ferrovia instalada na região Norte do Estado, foram sendo organizados os núcleos urbanos entorno das estações ferroviárias e a Colônia receberia os primeiros colonos.

O terceiro ponto é a subvenção da imigração pelo Estado do Rio Grande do Sul, que durou até 1914 quando o Estado entendeu não convir mais com essa despesa e adotou "(...) o regime da imigração puramente espontânea, suprimindo da administração as elevadas despesas que fazia com o estabelecimento dos colonos, aproveitando a respectiva verba no desenvolvimento da viação entre os diversos núcleos e os centros consumidores." (DUCATTI, 1981: 71).

Com a suspensão deste subsídio e com o grande crescimento das antigas colônias, que já não suportavam o excesso de contingente populacional, a Comissão de Terras iniciou o processo de colonização no norte do Estado.

A Comissão intervinha na colonização preparando a infra-estrutura necessária para fixar o imigrante. Assim, muitas colônias se desenvolveram e se transformaram em prósperos

Capítulo 1

povoados ou municípios, como Erechim.

A importância da Comissão de Terras e Colonização é fundamental não somente pela implantação dos núcleos urbanos como também pela manutenção e pelo planejamento viário que ela desenvolveu a fim de estabelecer a ligação entre os mesmos e as demais regiões do Estado. Ela fornecia matéria-prima e instrumentos de trabalho para os colonos, ajuda especializada, como médicos e dentistas, além de instalar o serviço telefônico entre os núcleos de Áurea, Capoerê, Getúlio Vargas, Lagoa Vermelha, Gaurama e outras localidades.

Além da colonização oficial, da qual fazem parte as Comissões Estaduais, a presença de empresas privadas na fundação de novas colônias foi significativa e colaborou com a política do governo de povoar as áreas devolutas. A Empresa Colonizadora Luce, Rosa & Cia portadora de terras negociadas com o Estado foi fundada em 1883 e possuía escritório em algumas cidades, como Passo Fundo, Porto Alegre e Barro (atual cidade de Gaurama). Suas terras ficavam parte no Rio Grande do Sul e parte em Santa Catarina. Na Colônia Erechim, a empresa se responsabilizou pela ocupação da Sede Dourado (hoje Aratiba), Rio Novo (distrito do município de Aratiba), Três Arroios, Nova Itália (hoje Severiano de Almeida) e Barro (hoje

Capítulo 1

Gaurama) Essa companhia também fundou povoados, como também organizou a divisão territorial de Barro, que já havia sido ocupada em 1910 com a chegada de ferrovia.

A empresa Jewish Colonization Association, ICA, era uma entidade filantrópica que tinha por objetivo ajudar os judeus que fugiam dos países onde eram perseguidos e instalá-los em novas terras. Foi fundada por um engenheiro francês, Barão Maurice de Hirsch. Iniciou suas atividades com a compra de terras na região de Santa Maria onde fundou uma Colônia. Com o sucesso da operação decidiu investir nas atividades de colonização e comprou a Fazenda Quatro Irmãos, dentro da então formada Colônia Erechim. Essa fazenda tornou-se o município de Quatro Irmãos. Os habitantes que ocuparam essa região eram de origem judaica, vindos principalmente das Colônias que a empresa já mantinha na Argentina. (CASSOL, 1978).

1.2.1 FUNDAÇÃO

A equipe responsável pela demarcação dos lotes na Colônia Erechim após a sua fundação em 1908 foi nomeada pela Diretoria de Terras e Colonização e era composta pelo Dr. Severiano de

Capítulo 1

Souza Almeida, chefe, e seus auxiliares, Srs. Henrique von Schwerin, Julio Wermingoff e Cap. José Garcia Cony. Depois de demarcados os lotes foi escolhido o marco inicial da Colônia, que ficou a 5.587 metros à noroeste da estação ferroviária Erechim, onde hoje se localiza a cidade de Getúlio Vargas.

Em 1913 a população, maioria composta de imigrantes, já chegava a 18 mil, já haviam sido demarcados 5.062 lotes rurais e 1.360 lotes urbanos. Foi nesse período que se iniciou a discussão para mudança da sede da colônia para Paiol Grande, hoje cidade de Erechim.

Segundo o Relatório da Comissão de 1912, o povoado de Erechim, primeira sede da Colônia, era o mais importante da Colônia, mas “infelizmente mal localizado e mal instalado, sem prévio estudo do terreno”⁴. Culpavam a isso a pressa com que a colônia foi implantada devido à grande quantidade de imigrantes que desembarcavam na região.

O governo então tomou a decisão de mudar a sede para o Povoado Paiol Grande, que havia tido a estação ferroviária inaugurada em 1910 e ainda contava com as seguintes qualidades:

⁴ Relatório da Comissão de Terras de 1912, localizado no IGRA, Porto Alegre.

Capítulo 1

“A vila está situada na região central, num belo chapadão, o ponto mais alto da vasta região do planalto sulino, no Km 462 da linha férrea Passo Fundo Uruguay, sendo a estação da serra de maior altitude da rede do Estado, com 768 metros.” (KARNAL, 1926: 56).

Formou-se paralelamente uma Comissão pró-emancipação da Colônia Erechim que arrecadou assinaturas dos moradores para entregar ao Presidente do Estado pedindo a emancipação da mesma. A Comissão descrevia no relatório a prosperidade da colônia, sua produção, facilidade de escoamento de produtos pelas estações ferroviárias, comércio e indústria adiantados, desenvolvimento agrícola, extensão territorial e renda superior a oitenta contos de reis, suficiente para um município em formação.

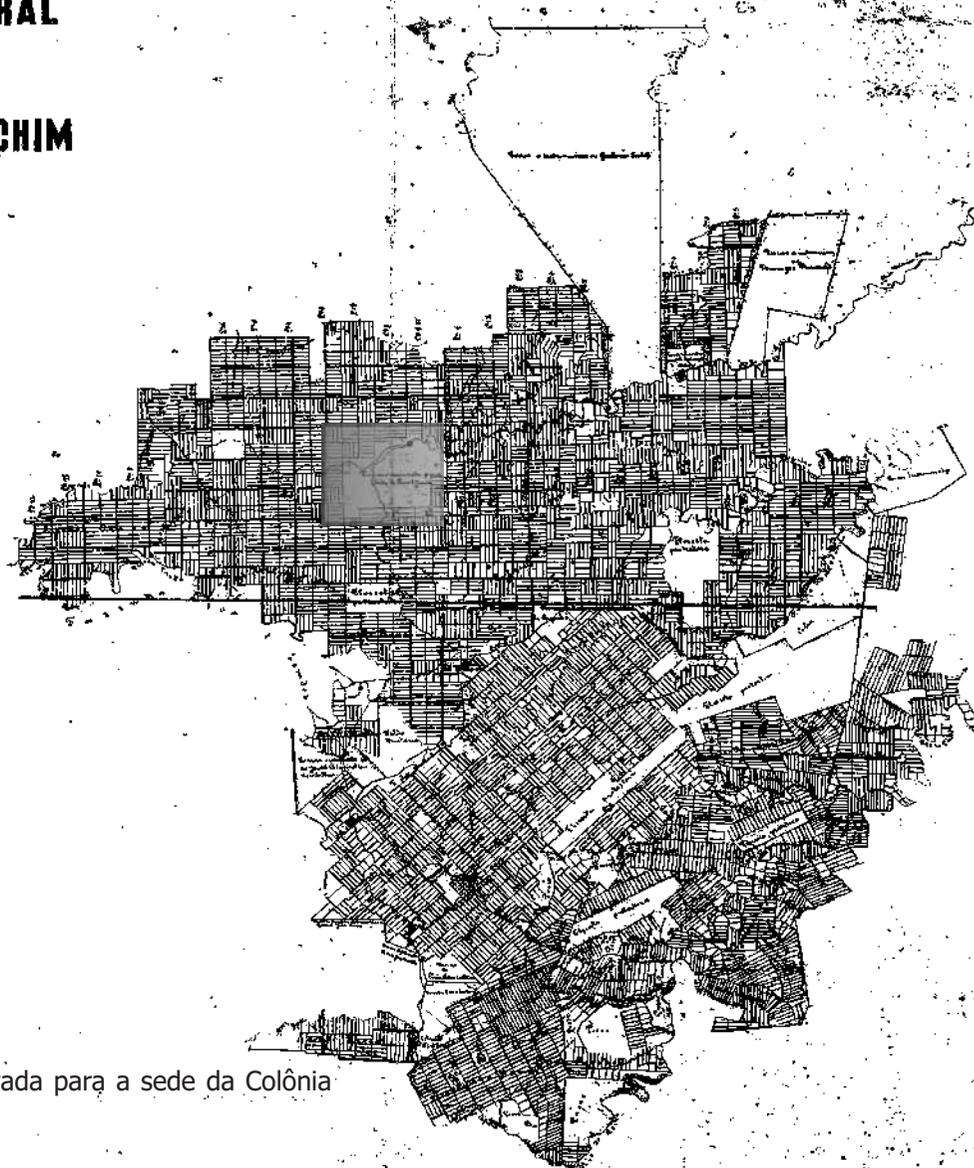
Atendendo à solicitação da população e com o crescente desenvolvimento da região, em 1918 eleva-se a Colônia à Município de Erechim, cuja sede era a Vila de Boa Vista, que até então se chamava Paiol Grande. Essa nova sede corresponde hoje à cidade de Erechim.

Criado o Município de Erechim (região configurada pela Colônia Erechim) o governo tratou de organizá-lo, outorgando-lhe a administração provisória que se regeria pela Lei Orgânica do

PLANTA GERAL
DA
COLÔNIA ERECHIM

1913

ATÉ 25 DE JULHO
Sem escala



■ Região reservada para a sede da Colônia
Erechim.

município de Passo Fundo até 14 de maio de 1920 quando foi promulgada a lei do Município de Erechim, através do ato n. 73 de 21/04/24. (DUCATTI, 1981:27).

No mapa ao lado verifica-se a divisão da Colônia em lotes rurais que mediam 25 x 100 metros, adequando-se a topografia local. Também ficam delimitadas na planta as áreas de floresta, as terras particulares, ocupadas por posseiros, e as terras para ocupação futura, como é o caso da nova sede da Colônia.

MAPA 5 - Subdivisão da Colônia Erechim em lotes urbanos em 1913.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal Erechim.

1.2.2 A PRESENÇA DA FERROVIA

Capítulo 1

Muitas cidades surgiram a partir da instalação de estações ferroviárias. A ferrovia São Paulo Rio Grande chegou ao Estado em 1904, quando começou a demarcação das terras da Colônia Erechim. A empresa responsável pela execução desse trecho foi a belga Compagnie des Chemins de Fer Sud-Ouest Brésilien, que trouxe prosperidade além de abrir as portas para a comunicação entre o sul do país e o sudeste.

A estação Paiol Grande, entorno da qual se desenvolveu a nova sede da Colônia Erechim e hoje cidade de Erechim, foi sugerida pelo Engenheiro Torres Gonçalves através de proposta para modificação do plano original de implantação da ferrovia. O engenheiro precisava cumprir com a exigência do Estado imposta através do regulamento de terras, expedido em 1922, que recomendava a criação de núcleos coloniais somente em terras que tivessem a disposição de vias férreas ou fluviais para exportação dos produtos fruto do trabalho dos novos moradores. (DUCATTI, 1981: 72)

Como o local escolhido não contava com uma estação ferroviária no projeto da ferrovia que a estava construindo, o engenheiro, através dos poderes que lhe atribuía a posição que ocupava na Comissão de Terras, propôs o desvio do traçado dos trilhos para que se implantasse na

Capítulo 1

região escolhida para a nova sede uma nova estação. Assim surgiu a estação Paiol Grande.

De 1909 a 1911 foram construídas as estações de Erebango, Capoerê, Paiol Grande, Barro, Viadutos e Marcelino Ramos onde já se formavam pequenos núcleos populacionais. Em 1913 foi concluída a ponte sobre o rio Uruguai, no povoado Marcelino Ramos, ligando o Rio Grande do Sul à Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

1.2.3 COLONIZAÇÃO

Antes da colonização oficial, havia na região a presença indígena, composta pelos tupis-guaranis, vindos das regiões das missões, os charruas, que chegaram através dos campos de Quatro Irmãos, e os índios das casas subterrâneas, que fugiram da civilização jesuítica. As expedições paulistas que passaram pela região encontraram nos índios Kaingangs⁵ uma recepção calorosa e do seu cruzamento originou-se um terceiro grupo de população, o caboclo, que se apossou das terras e ali permaneceu. Em 1893 o número de intrusos nas terras do Estado aumentou com a vinda de fugitivos da Revolução. Outros fugitivos farroupilhas, da Justiça e da Polícia também se refugiaram na região.

⁵ A partir do século XX o grupo de indígenas da região passou a se denominar Kaingang, anteriormente eram Coroados e Guaianá. Em 1882 foi introduzido esse termo para identificar todas as populações indígenas do Rio Grande Dul que não eram Tupi-Guarani.

Capítulo 1

Em Boa Vista (Paiol Grande) foi encontrado, pela Primeira Turma de medição de ervais, um morador nascido em 1882. Ao fazer o levantamento destas terras, em 1903, a equipe se deparou com uma área onde vivia tal morador. Ele, segundo consta na bibliografia regional, foi o primeiro a nascer nas terras de Boa Vista e era descendente de um grupo de bandeirantes paulistas.

O terceiro grupo foi composto de imigrantes. De diferentes nacionalidades, ocuparam a região desde 1905 e logo se tornaram predominantes. A atividade da imigração, herdada dos tempos da monarquia, passou a ser coordenada pelos Estados a partir de 1895 e o Rio Grande do Sul logo encaminhou os imigrantes para os novos núcleos: colônias de Ijuí, Guarani, Guarita, Forquilha, Erechim e Santa Rosa.

Os imigrantes poloneses se estabeleceram em diversos núcleos em Santa Catarina e no Paraná. No Rio Grande do Sul, ocuparam colônias já habitadas por outras etnias e, ainda, novos núcleos como Mariana Pimentel, São Marcos e Guarani. (GRITTI: 2004). Os que partiram para a Colônia Erechim vinham de Alfredo Chaves, Santa Teresa e alguns diretamente da Polônia.

Capítulo 1

Devido à sua vinda tardia ao País, grande parte das terras do Estado já havia sido ocupada por alemães e italianos, os poloneses já se dirigiram à região Norte do Estado.

Segundo GRITTI (2004), "(...) os imigrantes poloneses, mais do que outras etnias, concentraram-se em determinados locais, como Barro, Floresta, Nova Polônia, Treze de Maio, Centenário⁶, que evoluíram para municípios e concentram na atualidade um elevado número de descendentes poloneses (...)". Verifica-se que nos primeiros anos da Colônia Erechim, a população de imigrantes era predominantemente de origem polonesa.

Os imigrantes italianos partiram das três antigas colônias, já saturadas da serra gaúcha em direção ao norte do Estado. Antes de chegar ao destino, muitos se estabeleceram na recém fundada Silveira Martins (ano de fundação: 1877), chamada quarta colônia, na região central do Estado, para em seguida iniciar a ocupação na região do Alto Uruguai. Nesses núcleos também esteve presente a Comissão de Terras, demarcando lotes e distribuindo ferramentas para as construções.

⁶ Pequenos núcleos que faziam parte da Colônia Erechim desde que esta conformava 8º distrito de Passo Fundo.

Os imigrantes alemães chegaram à Colônia Erechim entre 1908 e 1910 vindos da região do

Capítulo 1

Vale dos Sinos, onde se localiza a cidade de São Leopoldo, dos quais alguns se estabeleceram em Paiol Grande e os demais seguiram para outros povoados da Colônia. Mas o maior número de alemães se concentrou no núcleo Rio Novo (hoje a cidade de Aratiba), correspondendo na época a 30% de sua população.

Além destas etnias predominantes ainda chegaram à região: israelitas, russos, franceses e austríacos. Os imigrantes desenvolveram a agricultura, influenciaram a tradição, os costumes e a gastronomia. Os habitantes que já viviam na região foram integrados ao novo ambiente pela Comissão de Terras, que procurou legalizar seus lotes e familiarizá-los aos novos ocupantes, na grande maioria, imigrantes.

1.2.4 PROJETO DE IMPLANTAÇÃO

Em 1913, com a grande quantidade de imigrantes que já ocupavam os lotes demarcados na Colônia a Comissão iniciou o processo de mudança da sede para a antiga região de Paiol Grande. Os estudos para implantação dessa sede começaram juntamente com a instalação da ferrovia em 1910 e em 1912 os relatórios da Comissão de Terras já informavam que o



Figura 9 - Primeiros habitantes da região.
Fonte: <http://erechimimagens.blogspot.com>

Capítulo 1

planejamento para a nova sede estava começando. No projeto de divisão da Colônia Erechim já havia sido reservada uma área para a nova sede onde se proibiu qualquer construção, mas em 1913 já haviam sido implantadas 41 casas. O relatório de 1914 diz:

“A sede geral da colônia Erechim, em Paiol Grande, será o primeiro caso, neste Estado, do estabelecimento de uma cidade com projeto previamente estudado. A sua situação e a sua instalação ordenada a tornará certamente uma bela cidadezinha futura, cujo nome deve ser trocado por outro menos prosaico, escolhido com propriedade.” (DUCATTI, 1981: 79)

Carlos Torres Gonçalves, diretor da Comissão de Terras e Colonização, foi o engenheiro responsável pelo projeto de ocupação da região Norte do Estado e tinha um grande interesse pela Colônia Erechim devido ao seu próspero crescimento. Por esse motivo estimulou a criação de uma nova sede.

A sede da Colônia seria escolhida para abrigar os membros do governo e se localizaria em uma

Capítulo 1

região conveniente para logo se tornar o centro do município. A demarcação das terras se iniciou em 1914 mas já em 1012 foi construída a casa da Comissão de Terras, um edifício artístico desenvolvido por Germano Mussig e que ainda hoje está presente na forma da cidade. Junto aos edifícios principais foi construída uma Igreja de madeira, muito simples, atendida por um pároco vindo da Itália da qual não restaram imagens.

O Relatório da Comissão de Terras de 1913 afirma que está em andamento o projeto para a nova sede, que dista trinta quilômetros da atual sede Erechim e possui 2.300 hectares. O Relatório do ano seguinte já afirma a conclusão do projeto para a sede. Torres Gonçalves teve de se adequar à legislação estadual que regulamentava a organização das colônias do Estado, o Decreto n. 247 de 19 de agosto de 1889, assinado por Borges de Medeiros. Este decreto propunha a ocupação de terras próximas à ferrovias ou rios navegáveis, numa área de cerca de 300 hectares para povoação. O traçado deveria propor uma avenida principal com cerca de 20 metros dividindo a área em duas partes iguais, onde seriam reservados alguns lotes para as praças e nos demais se demarcariam os lotes com 1250 m².

Torres Gonçalves desenvolveu o projeto baseado nessas premissas e nas idéias positivistas e



Figura 10 - Castelinho - construído em 1912.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Capítulo 1

modernas da época.

Roche afirma que: "Raras são as cidades que têm outro traçado como Erechim, onde se adaptou o projeto das ruas e das praças à topografia (diagonais e semicírculos nas colinas, praças circulares). Mas a distribuição dos lotes ali se efetuou com a mesma regularidade." (1969: 218)

Em 1915 começaram as demarcações das terras nessa região. O engenheiro Norberto de Barros Lacerda (da Comissão de Terras regional de Passo Fundo) foi o responsável pela terraplenagem e a demarcação do traçado, proposto e desenvolvido para uma população de 15 mil habitantes. Até o final deste ano, segundo o relatório de 1915, seria transferida a nova sede, aguardando apenas a construção do edifício respectivo da Comissão de Terras e Colonização. (DUCATTI, 1981)

Juntamente com a colonização, a Comissão de Terras e Colonização procurou abrir estradas internas que ligassem as colônias, não somente para carroças, mas também para os automóveis que começavam a surgir.

Capítulo 1

Em 1918 a emancipação do povoado originou o 72º município do Estado que contava na época com aproximadamente 38 mil habitantes, sendo 5.590 na vila e nos povoados e o restante na zona rural. O povoado de Boa Vista (sede da Colônia que se emancipava) possuía uma população de 872 pessoas, 140 edifícios, 21 casas comerciais, serrarias, moinhos de trigo, um cinema e vários estabelecimentos de prestação de serviços. (Arquivo Histórico Municipal).

1.3 BOA VISTA - ERECHIM

O município emancipado em 1918 era composto por distritos que hoje se transformaram em cidades e compõem a região do Alto Uruguai. A sede, antigo Paiol Grande, recebeu o projeto de urbanização em 1914, único no Estado e passou a se chamar Boa Vista. Em 07 de setembro de 1922 a cidade muda seu nome novamente, passando a ser Boa Vista do Erechim. Em 05 de abril de 1938 o Município foi dividido administrativa e juridicamente e a sede foi elevada à categoria de cidade, passando a se chamar, a cidade e o município, José Bonifácio. Em 1944 a cidade foi denominada Erechim, nome da Colônia fundada pelo Estado do Rio Grande do sul.

Capítulo 1

1.3.1 URBANISMO

Segundo Roche:

“É sem dúvida a planta que caracteriza as cidades pequenas do Rio Grande do Sul. Têm, todas, ruas retilíneas que se cortam regularmente em ângulos retos. Nas zonas colonizadas, a partir da segunda metade do século XIX, o desenvolvimento das cidades realizou-se da mesma forma. (...) Esse urbanismo administrativo explica a regularidade da planta e o aspecto uniforme das cidades do interior do Estado. Essa mesma planta encontra-se em São Leopoldo, Caí, Venâncio Aires, Santa Cruz, Ijuí, Santa Rosa, por quase toda a parte.” (1969: 218)

O plano urbanístico de Erechim foi organizado pela 3ª seção de Terras e Colonização do Estado, que tinha como diretor o Engenheiro Carlos Torres Gonçalves.

1.3.1.1 O PLANO DE 1914

O projeto de Torres Gonçalves caracterizava-se por quatro ruas diagonais sobrepostas ao xadrez básico que convergem a uma praça de formato oval entorno da qual foram implantados os monumentos e prédios importantes. Ele desenvolve-se a partir da marcação de uma avenida principal, que configura o eixo norte-sul, a partir da estação ferroviária, com uma largura total de quarenta metros. As ruas transversais têm medidas inferiores, vinte e cinco metros, e as diagonais que se cruzam na praça principal medem trinta metros. A Praça da Bandeira é o ponto central para onde convergem todas as ruas. Esse modelo se assemelha aos planos de Belo Horizonte, La Plata, Barcelona, onde o xadrez serve de base para a aplicação das diagonais que geram novas perspectivas e quarteirões em formato triangular. Nesses quarteirões em Erechim foram implantados edifícios nos moldes da arquitetura Art Deco, na década de 50. Surgiram alguns prédios em formato triangular e outras edificações interessantes.

Mas no período de fundação da cidade, os quarteirões que conformam para a avenida principal têm seus lotes dispostos de forma a configurar um local de destaque na cidade, respeitando a área mínima exigida pelo governo do Estado para um lote, 1.250 m². Nesses

Capítulo 1

quarteirões foram erguidos primeiramente casarões em madeira que abrigavam comércio e residência, como poderá se observar no capítulo três.

O relevo acidentado exigiu manobras de terra para que o traçado pudesse ser implantado e, ainda assim, algumas ruas resultaram em grande declividade. A linha do trem na zona Norte marca uma quebra no traçado xadrez mas não impede a sua continuidade. A cem metros na direção norte após a linha do trem se projeta a última rua da cidade, seguida de um vale profundo. A nomenclatura das ruas reforça a racionalidade do plano. Os conjuntos foram divididos segundo a orientação das vias. Nas vias paralelas à avenida principal foram adotados topônimos de Estados no lado Leste e de países no lado Oeste; nas ruas perpendiculares, no lado Leste foram usados topônimos de capitais de Estados brasileiros e, no lado Oeste, nomes de cidades do Rio Grande do Sul. Essa racionalidade era uma das características positivistas.

O traçado ainda é marcante na área central nos dias de hoje, mas as periferias já seguem um crescimento diferenciado. A especulação imobiliária dividiu os lotes para que mais edificações pudessem ser construídas e o que se observa na periferia é a modificação da largura da via e a altura das edificações.

Capítulo 1

Os planos de urbanização são de extrema importância na configuração e na imagem das cidades pois é no traçado de uma cidade que se encontra a sua primeira definição.

Através da análise do traçado urbano pode-se prever o desenvolvimento de uma cidade, entender sua relação com o território e ainda, identificar a relação que se cria entre o espaço público e o privado. O planejamento moderno, que utiliza a grelha prioritariamente, atribuiu à rua certa independência. A rua ganha vida própria na medida em que deixa de ser um espaço entre as edificações para se tornar um grande espaço adaptado à presença do automóvel e de diversos usos e apropriações dos indivíduos.

Na cidade moderna o traçado não tem mais necessariamente uma relação direta com a arquitetura como acontecia na cidade medieval, onde a rua se definia pela arquitetura que a compunha e quando um se modificava o outro acompanhava a mudança. Agora estes elementos se tornam independentes e a forma se modifica mesmo sem a mudança do plano viário, como aconteceu em Erechim. Pode-se fazer uma análise temporal a partir de três períodos para entender a importante relação entre a rua e o edifício, o traçado e a arquitetura. Na cidade tradicional eles são inseparáveis pois a arquitetura conforma a rua e a forma da

Capítulo 1

arquitetura coincide com a forma da cidade. São as pequenas vielas que, de forma irregular, se adaptam às edificações e apenas conformam o conjunto.

No século XVIII o traçado recebe tratamento diferenciado e passa a ser um sistema autônomo, mas a arquitetura implantada a seguir confirma-o e concretiza a forma urbana, no seu conjunto. Na cidade moderna o traçado se torna uma forma geométrica, analisada e projetada em duas dimensões e a arquitetura que se instala não tem necessariamente uma relação direta com o plano. A forma urbana é então reflexo da análise do conjunto, não mais da edificação.

A cidade de Erechim surgiu a partir de um plano urbanístico nos moldes do urbanismo moderno que foi ocupado somente após a sua efetiva implantação. O traçado de Erechim é um elemento urbanístico que deve ser analisado em todo o processo de evolução da cidade. Essa observação é indispensável pois o plano como permanência urbana, apesar da evolução e transformação das formas, é o marco zero da cidade e estabelece uma relação desta com o território. A marca deixada pela implantação do traçado urbano é um elemento de forte caráter na imagem da cidade é o grande estimulador de seu desenvolvimento.

Capítulo 1

Ao mesmo tempo, a arquitetura que se desenvolveu sobre o traçado moderno em nada se relacionava com este. Ela era o reflexo da memória da população de imigrantes que veio para tomar posse das novas terras e representou um modo de construir ainda primitivo. As primeiras construções em madeira eram bastante simples mas com o tempo e o aumento dos recursos evoluíram para edificações em alvenaria de estilo Eclético e algumas em Art D'eco desenvolvidas na década de 50, todas erguidas sobre o mesmo traçado urbano. A arquitetura também se tornou um marco na cidade por sua intensa transformação e por estar sempre ocupando um lugar no plano nos moldes moderno.

O plano, por sua vez, transformou-se na medida em que a cidade cresceu mas em tempo diferente de transformação de sua arquitetura. As vias implantadas receberam pavimentação, vegetação e iluminação mas mantiveram as dimensões propostas pelo plano original. O caráter permanente do plano na cidade de Erechim reforça a idéia de torná-la uma cidade com características modernas e seu conceito servirá de base para as modificações arquitetônicas por que a cidade passará.

1.3.2 ARQUITETURA

A arquitetura de Erechim pode ser caracterizada pelos mais variados tipos de edificações apesar da sua pouca idade. No início do século passado, até a década de 20, as construções eram bastante rústicas, em parte devido à pressa dos colonos em construir seu lugar para morar e em outra pela escassez de recursos e instrumentos oferecidos pela Comissão de Terras.

A tipologia das residências, edificações de pequeno porte ocupadas por comércio no térreo e residências no andar superior, é comum na maioria das casas do centro da cidade. Elas podem ser classificadas segundo a origem européia de seus criadores: italianos, poloneses e alemães, principalmente; quanto ao uso da madeira, à divisão interna e a localização no terreno.

Soma-se à tipologia, o tratamento dado à madeira e, principalmente, a inclinação acentuada dos telhados, que se tornaram a materialização dos conceitos presentes na memória coletiva da população de imigrantes. Esse tipo de solução era adotado na Europa, onde a neve era intensa e essa inclinação permitia o seu escoamento. Historicamente a cidade de Erechim só passou por dois períodos com neve, e ainda assim essa característica foi adotada nas

Capítulo 1

edificações e se tornou marcante na paisagem da cidade.

Essa caracterização remete à arquitetura vernacular pois interliga sua historicidade à tradição de um grupo que dá à cidade um caráter próprio.

“A arquitetura vernacular – entendida como arquitetura comum, anônima, construída sem interferência de arquitetos ou engenheiros – constitui a fisionomia da cidade, ou seja, é aquela que se exprime com linguagens e expressões que refletem o lugar e o ambiente onde foi formada.” (BARDA, Revista AU, 163)

Ao atribuir a essa arquitetura um caráter vernacular revela-se a importância do conjunto arquitetônico que se formou a partir das memórias dos imigrantes e que, inserido no contexto de formação e origem da cidade, cria uma relação entre a história de Erechim e o desenvolvimento de sua arquitetura.

Esse tipo de residência também remetia às casas européias quanto à sua divisão interna, pois o telhado inclinado criava um espaço para armazenamento de alimentos – o sótão. No térreo era instalado o comércio e no segundo piso a residência da família. O porão, quase sempre

Capítulo 1

presente e geralmente feito de pedra, gerava um espaço de armazenamento das iguarias como o vinho e o salame, ou até mesmo de encontro para os jogos de baralho. Residências desse modelo existem até hoje na cidade.

Apesar de uma grande diversidade de etnias ter ocupado a região, há um predomínio do modelo de residência italiana, revelando que a maioria dos construtores era de origem italiana.

Algumas construções específicas receberam um tratamento mais primoroso, é o caso da construção do Castelinho, em 1915, pelo Eng. Germano Mussig, que idealizou e construiu o prédio, com riqueza de detalhes. O material utilizado para a construção veio de outras regiões, mas algumas características utilizadas pelos imigrantes foram repetidas, como o telhado inclinado e o porão em pedra.

Nas décadas seguintes, 20 e 30, as casas continuaram de madeira, mas, com a melhoria das condições financeiras, receberam mais adornos e andares. Em 1930, com a construção do edifício da Prefeitura, projetado em Porto Alegre, se completaria a idéia do planejador da



Figura 12 - Casa em madeira construída pelos italianos para sua sede.

Fonte: Álbum Fotográfico de Erechim.



Figura 13 - Castelinho em 1917.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Capítulo 1

cidade de formar um centro monumental político e geograficamente importante. Também nessa década o Prefeito Municipal Amintas Maciel determina, em regime de lei, que os edifícios da avenida central não poderão mais ser executados em madeira. No final do mesmo ano da promulgação desta lei ocorreu o primeiro incêndio que destruiu parte da área central da cidade.

Segundo descrição de Tasso, em 1927:

“Em todo Erechim só havia uma casa de alvenaria, ai perto da fabrica de camas Dal Zot. Pertencia a Reinaldo Seger. Todo o resto eram casebres de madeira marcados ate o peitoril, todos eles, por uma larga barra de barro vermelho. Única casa que sempre ficou na mesma, era e é, a atual Comissão de Terras. Não havia calçamento, não havia luz, não havia nada.” (TASSO, 1968)

A forma da cidade de Erechim é então o resultado de dois fatores importantes: o urbanismo modernizante e a arquitetura tradicional. A modernidade presente com a implantação do projeto urbanístico representava orgulho para o Estado, que desenvolvia a política de melhoramentos e embelezamento das cidades, mas não chegava aos olhos de seus

Capítulo 1

habitantes da mesma forma. A necessidade de sobreviver, construindo uma residência e um comércio para o sustento da família, estimulava os imigrantes⁷ a lutar por um pedaço de terra e nele aplicar todos os seus conhecimentos.

Para o imigrante a divisão dos lotes de maneira ordenada, a implantação das grandes avenidas propostas no plano, a presença da ferrovia, representaram uma nova oportunidade de espaço para que pudessem fixar raízes e construir um futuro.

A arquitetura que se implantou em nada se relacionava ao traçado. Essa relação demonstra o descompasso entre o sonho idealizado pelos planejadores urbanos, de promover a criação de uma cidade que tivesse uma imagem moderna e que aspirasse aos ideais positivistas da Ordem e do Progresso, para crescer rapidamente e tornar-se um centro político e de negócios condizentes com a política implantada no Estado; e a realidade, imposta através das edificações dos imigrantes que chegaram ao sul do País em busca de chão para morar e trabalhar. O resultado foi uma grande avenida ocupada por edificações rústicas de madeira com apenas um ou dois andares que não geraram inteiramente a imagem moderna idealizada pelos projetistas.

⁷ Segundo o Relatório da Comissão de Terras de 1915, ano seguinte a finalização da instalação do projeto urbano, o número de habitantes de Paiol Grande chegava a 520, não se encontrando dados sobre a relação de população de imigrantes e nacionais. Em toda a Colônia o número de habitantes era de 27.000 aproximadamente, sendo 25% russos-polacos e 15% alemães. (Ducatti, 1981)

Capítulo 1

1.3.3 INCÊNDIOS

É com essa configuração que a cidade acorda sob o estrondo de um grande incêndio, acontecido em 1931 durante uma sessão de cinema. Esse e mais outros dois acidentes foram os grandes responsáveis pelas mudanças em Erechim e marcam um importante período na história da forma da cidade. Além disso, a década de trinta representou o momento das mudanças no Estado com a implantação do Estado Novo, com as reformas políticas e implantação de um Plano de Melhoramentos para as cidades.

A destruição causada pelos incêndios levou consigo memórias e esperanças mas abriu caminho para uma nova força que conseguiu reavivar o sonho e transformar a cidade tornando-a hoje o motivo de orgulho dos seus descendentes. A força destruidora dos incêndios foi a responsável pela transformação na paisagem da área central da cidade. Dessa forma a cidade evoluiu e guarda hoje no traçado e na memória de sua população a sua origem e sua história.

1.3.4 A VIDA QUE SEGUE

Capítulo 1

As idéias positivistas vigentes nesse período agradavam aos comerciantes da cidade que possuíam casas no centro por significar progresso, estabilidade econômica, negação de um passado de agruras.

A ocorrência dos incêndios fez surgir a necessidade de repensar o centro e moldá-lo conforme as exigências estabelecidas na capital do Estado. A cidade passa a adquirir uma nova imagem com a chegada de novos construtores, vindos de centros maiores que passaram a produzir edifícios baseados no Ecletismo e, em seguida, no estilo Art D'eco, com a vinda do arquiteto José Pohl. Mesmo com as novas tecnologias disponíveis nesse período industrial, a cidade adotou o Ecletismo e manteve a homogeneidade, característica marcante do seu centro.

Paralelamente, a arquitetura da madeira seguiu seu curso, principalmente nas áreas mais afastadas do centro. A arquitetura moderna só surgiu em 1950 com a regulamentação da profissão de arquiteto e engenheiro que aperfeiçoaram o conceito funcional e deram início à verticalização da cidade. Apenas em 1976 é que a cidade dispôs do primeiro Plano Diretor.

A imagem da cidade hoje agrega os tempos da cidade refletidos na mistura arquitetônica que

Capítulo 1



se sobrepôs ao longo dos anos. Ainda persistem edificações ecléticas transformadas pela tecnologia que as adaptou a construções verticalizadas, preservam-se algumas casas em madeira, nos bairros afastados do centro, e o grande orgulho, as edificações produzidas no estilo D'eco, mantêm-se intactas na sua configuração, sendo apenas modificados alguns materiais de revestimento e pintura.

Figura 14 - Edificações existentes hoje na cidade.

Fonte: FUNFGELT, Karla, 2004.



Capítulo 2

...Influências e referências...



2

SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX

Capítulo 2

Os ideais progressistas seguidos no início do século XX, principalmente no estado do Rio Grande do Sul, traziam ao país e às novas cidades algumas das características do urbanismo moderno que estava sendo implantado internacionalmente. Este ganhava força como resposta aos grandes impactos produzidos na cidade pela introdução da industrialização.

A formação, o desenvolvimento e a transformação de Erechim estão diretamente ligados às duas vertentes: o positivismo como política nacional e o novo urbanismo, desenvolvido a partir da forte presença industrial.

No contexto nacional, a política implantada pelo governo Republicano é a de colonização e imigração a partir da formação de núcleos urbanos pelo Estado, desenvolvidos pela Secretaria de Obras Públicas e Comissões. Com o apoio da Lei de Terras a Secretaria passou a coordenar a divisão e ocupação das terras devolutas no Brasil. As colônias gaúchas foram criadas com o intuito de povoar essas terras mas também como forma de demonstrar o domínio do Estado ao fundar cidades sob a máxima da Ordem e Progresso. Hoje muitas dessas cidades se transformaram em centros desenvolvidos e inseridos na ordem capitalista mundial.

Capítulo 2

2.1 INDUSTRIALIZAÇÃO

A presença da indústria promoveu grandes transformações no modo de vida e na produção de bens e serviços, o que gerou mudanças principalmente nas cidades. Pode-se classificar a cidade antes e depois da implantação da indústria pois é nela que se observam os principais efeitos deste período. Uma das consequências da industrialização foi o desenvolvimento de novos planos urbanos para as cidades supersaturadas e a criação de novos centros urbanos, tentando resolver os danos que a indústria trouxe às cidades.

2.1.1 CARACTERÍSTICAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

Entre as principais características da industrialização estão a intensa migração populacional do campo para a cidade, do centro para os subúrbios industriais, das cidades para as novas cidades que surgiram em torno de indústrias; o aumento da velocidade; a implantação da estrada-de-ferro; a introdução de novas técnicas, de novos materiais e de novas formas.

A velocidade agora assume outros parâmetros que não mais o trote das charretes e o burburinho dos passantes. A inserção de novos meios de transporte imprimiu uma outra

Capítulo 2

ordem para o uso da via que passou por ajustes na sua dimensão, para também solucionar o problema de higienização pois isso permitiria a circulação do vento e aumentaria a incidência solar. Essa intervenção proporcionou uma paisagem inovadora para o tipo de cidade que se apresentava até então. A abertura de novas vias e o alargamento das vias existentes, as novas edificações e a aceleração do movimento com os novos meios de transporte criaram o cenário do que seria a cidade moderna.

Dentro do plano de viação a novidade proposta pela engenharia foi a construção da estrada de ferro. A estrada de ferro foi um grande impulsionador às comunicações, à movimentação populacional, ao transporte e à ligação entre as cidades. Segundo Wolff, a construção da estrada de ferro foi o resultado prático da era do carvão e do ferro e logo na sua primeira aparição já foi alvo de desejo de muitos países do ocidente. (2005: 42)

Nos países menos desenvolvidos a marca da industrialização foi maior pelo impacto que causou com a redução da população do campo, que passa a buscar um espaço na cidade que emerge. A mão-de-obra para as indústrias tornou-se abundante com a vinda desses camponeses e de imigrantes para a cidade.

Capítulo 2

Lefebvre ainda identifica na industrialização o motim que estabelece a “crise da cidade”. Sob dois aspectos: teórico (muda o conceito e a imagem da cidade) e prático (o núcleo da cidade se modifica na forma e no uso, ainda que se mantenha como centro). (2001:13)

Outra consequência da industrialização é a consolidação dos subúrbios nas cidades, processo chamado de suburbanização.

A partir da Revolução Industrial, com a instalação das indústrias nas áreas periféricas da cidade, surgem novos assentamentos nessa região mais afastada do centro e os moradores são geralmente trabalhadores que migraram para a cidade e que ocupam um cargo na indústria em expansão.

Para Lefebvre:

“Os subúrbios, sem dúvida, foram criados sob a pressão das circunstâncias a fim de responder ao impulso cego (ainda que motivado e orientado) da industrialização, responder à chegada maciça dos camponeses levados para os centros urbanos pelo 'exodo rural'.” (2001: 17)

Capítulo 2

Os subúrbios receberam, também, os moradores dos cortiços do centro da cidade. Os cortiços foram dissolvidos com a nova ordem urbana e seus moradores migraram para as zonas periféricas.

O processo de industrialização está diretamente relacionado com a urbanização e, conseqüentemente, com o avanço do novo urbanismo. Dessa forma, os conceitos de cidade e de urbanização são reavaliados e estão em constante transformação. Lefebvre se refere a esse período de adaptação como um “duplo processo” onde “industrialização e urbanização, crescimento e desenvolvimento, produção econômica e vida social” exemplificam essa dualidade. E este assunto ainda permanece em discussão, pois os problemas causados na cidade pela industrialização ainda persistem. (2001: 9)

Capítulo 2

2.2 URBANIZAÇÃO

Com a industrialização e as transformações que ocorriam no século XIX as cidades cresceram em dimensão e população. Esse grande salto na configuração da cidade instigou especialistas de diferentes áreas a desenvolverem estudos a fim de encontrar explicações e soluções para os problemas das cidades.

Os estudos demonstram que a cidade precisava de mudanças para se adaptar à nova velocidade: da técnica, das informações, do tempo. A cidade rompe com seus conceitos e se transforma com a industrialização, dando origem à cidade moderna.

Lefebvre afirma: "A industrialização pressupõe a ruptura do sistema urbano preexistente; ela implica a desestruturação das estruturas estabelecidas." (2001: 6). A mudança é brusca e radical nas cidades, é como um incêndio transformando em cinzas as estruturas existentes.

Paris foi um importante exemplo de cidade onde a industrialização provocou as primeiras grandes mudanças. Com a atuação do Barão Haussmann Paris mudou sua paisagem. As grandes vias geraram novas perspectivas com suas contínuas edificações convergindo em

Capítulo 2

grandes parques urbanos. As grandes intervenções na cidade já foram tema de diversos estudos desenvolvidos por arquitetos, urbanistas, poetas, sociólogos, filósofos. As soluções urbanas adotadas tornaram-se referência mundial e contribuíram para a formação de novos conceitos pelos pensadores das cidades. Os engenheiros e sanitaristas tiveram grande participação nesse processo de adaptação da cidade.

2.2.1 MODERNIZAÇÃO

Também ligado ao sistema comercial e político (quando se estabelece o capitalismo), o projeto de modernização se afirma no século XIX sob o comando da burguesia. O novo cenário, conjunto das novas técnicas e do poder sobre o espaço, representa o início da modernidade. A paisagem se transforma e surge uma nova cultura urbana.

As características modernas deixam de lado qualquer referência ao passado e buscam uma nova cidade.

A modernidade vai se configurando e se afirmando a partir de uma ruptura teórica multidisciplinar que surgiu com a crise da cidade gerada pela industrialização e inspirou a

Capítulo 2

teoria para os modernistas do novo século. As propostas que surgiram tinham como principais objetivos descongestionar o centro das cidades e transformá-lo em centro de negócios; ampliar a largura das ruas para facilitar a circulação dos veículos e aumentar as áreas de lazer através da implantação de grandes áreas verdes, resumidamente.

O traçado urbano foi o grande diferencial na adaptação das cidades à vida moderna, servindo de guia conceitual para os projetos que seriam implantados. Nas cidades americanas, frutos da colonização européia, a estrutura urbana já utilizava o traçado reticular que era compatível com as propostas da modernidade, e o que ocorreu foram algumas transformações pontuais, como nas dimensões das vias e dos edifícios, no aumento dos espaços públicos onde se instalaram praças e parques. Portanto, o traçado urbano já consolidado recebeu uma proposta de ampliação e manutenção. Na Europa, as cidades medievais tinham origem diferente, suas ruas estreitas e sinuosas exigiram dos projetistas grandes manobras e intervenções para que se implantassem os conceitos modernos. Destes projetos surgiram as grandes transformações urbanas que mudaram a paisagem de cidades como Londres (1851), Paris (1855, 1867, 1878, 1889 e 1900), Barcelona (1859), Chicago (1893).

2.2.2 PLANEJAMENTO URBANO

. Segundo P. Hall, “o planejamento de cidades funde-se, quase imperceptivelmente, com os problemas das cidades, e estes, por sua vez, com toda a vida sócio-econômico-político-cultural da época.” (2005: 7). Os problemas que a cidade vinha apresentando devido à instalação das indústrias, como o inchaço populacional que gerou condições de vida precárias e falta de higiene, trouxeram a necessidade de uma ampla discussão sobre a cidade a fim de encontrar soluções adequadas às novas inserções urbanas.

Entre as propostas apresentadas encontram-se as que foram consideradas como utopia urbana. Havia um grande desejo de mudar e alguns urbanistas o tomaram como premissa para a formulação de uma proposta de cidade que rompesse com os padrões até então utilizados. O sonho da nova cidade se idealizaria através de propostas que abandonassem as permanências e implantassem uma nova estrutura buscando nos antigos modos de vida a solução para o inchaço populacional e a falta de área verde.

Capítulo 2

2.2.2.1 UTOPIAS URBANAS

A cidade-jardim de Ebenezer Howard foi projetada na Inglaterra como primeira proposta para o combate dos problemas da industrialização. Este modelo reforçava a existência da dualidade cidade-campo, com a criação de núcleos que absorviam as funções urbanas e, quando analisados conjuntamente, formavam uma rede de novas cidades.

Howard pretendia trazer para esses núcleos a população e criar novos empregos. A densidade proposta era menor do que a da cidade medieval e traria de volta as características da vida no campo, para aliviar a tensão da cidade gigante. Com isso Howard pretendia reunir as boas características do campo às facilidades da cidade, propondo uma cidade rodeada por um cinturão verde e agrícola.

A cidade se encerraria nesse perímetro e assim novos núcleos surgiriam sucessivamente, evitando a grande explosão urbana. A proposta que ele apresenta em seu livro *Garden Cities of Tomorrow* é para uma população de 32 mil habitantes que configuraria uma densidade de 75 habitantes por hectare. A propriedade do solo urbano seria coletiva e a cidade auto-

Capítulo 2

sustentável. A proposta do autor foi implantada com a fundação de Letchworth em 1902 nos arredores de Londres, mas sua autonomia não foi alcançada e a cidade tornou-se dormitório de Londres.

Em seguida surgiu a ideia da cidade regional, visão desenvolvida por Patrick Geddes no início do século XX. Era um aprofundamento da visão de Howard voltado para atender a grande massa populacional da cidade. Propunha um planejamento regional onde as células seriam como as cidades-jardins, independentes no seu modo de produção e de vida social, mas conectadas umas às outras através da regionalização do sistema.

Em direção oposta ao pensamento de E. Howard surgiu na metade do século XIX o que Peter Hall descreve como: “[...] a tradição monumental do planejamento urbano, que recua até Vitruvius, se não mais, ressurgindo poderosamente [...] pelas mãos de mestres urbanistas como Georges-Eugène Haussmann em Paris ou Ildefonso Cerdá em Barcelona.” (2005: 11). Os modelos adotados por esses urbanistas serviram de exemplo para diversas cidades no mundo onde muitas vezes distorceu-se a proposta original ou implantou-se a mesma de Paris ou Barcelona mas em lugares muito distintos das mesmas.

Capítulo 2

Os modelos citados, ainda que não tenham se concretizado por completo, formaram um quadro de referências às novas propostas urbanas, como se verá a seguir.

2.2.2.2 CIDADES PLANEJADAS

Frutos dos novos estudos urbanos, as cidades planejadas começam a tomar forma no mundo, como na Europa e na América, inclusive nas modificações aplicadas às cidades de colonização. A transformação da cidade existente e a construção das novas cidades foram as principais atividades do início do século XX. Algumas cidades são exemplos significativos desta transformação, como a reconstrução de Londres (1666) e Lisboa (1755), a remodelação de Paris (1840-60) e Viena (1859) e a ampliação de Nova Iorque (1811) e Barcelona (1859).

As características do planejamento moderno remetem principalmente ao plano viário executado desde os primórdios da história da cidade, o traçado xadrez, utilizado inclusive nas cidades fundadas na América pelos colonizadores. O Barroco deixou como herança as grandes avenidas diagonais que proporcionavam uma outra visão da rua e valorizavam a continuidade

Capítulo 2

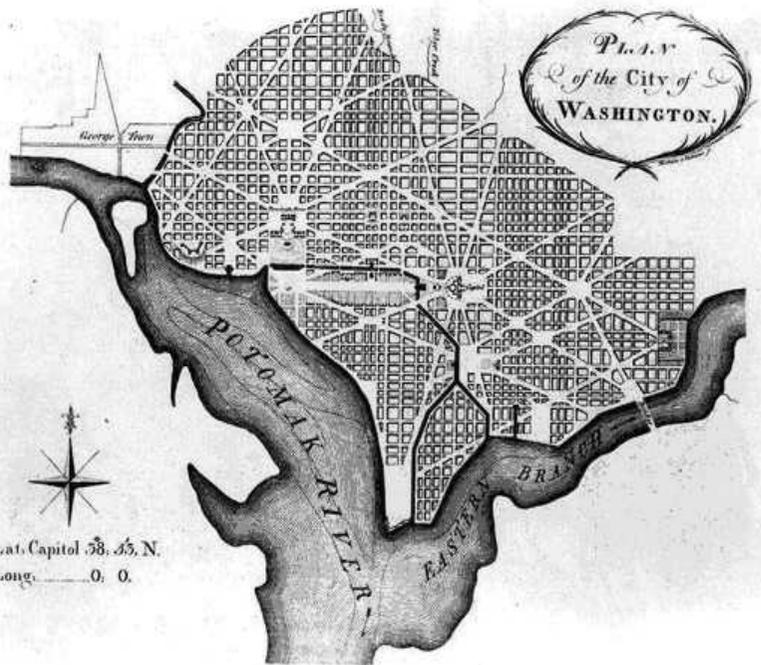
das fachadas. A necessidade de higienização, de assentamento da população, de absorção das novas atividades originadas pela industrialização foram sendo solucionadas pelos urbanistas do século XIX utilizando as principais características do urbanismo: remodelamento do traçado, criação de zonas de área verde, renovação da arquitetura com a inserção de novos materiais. Como exemplo tem-se o plano urbanístico desenvolvido para a cidade de Chicago, onde Daniel Hudson Burnham aplicou alguns conceitos que havia apresentado na proposta da Cidade da Luz em 1893, em uma exposição também em Chicago.

O plano desenvolvido para Chicago em 1909 é o resultado da aplicação de conceitos buscados nos planos para Roma, de Sixto V e Paris, de Haussmann. Sobre o traçado ortogonal da cidade foram inseridas diagonais largas e arborizadas, resgatando o conceito de perspectiva e reduzindo as distâncias entre os pontos focais da cidade. Era um plano que abrangia a cidade em sua totalidade e dividia o espaço segundo suas funções, como a área central transformada em centro de negócios, onde os edifícios eram altos e sem ornamentação.

Capítulo 2

Segundo Mumford:

“Até bem dentro do século XX, o próprio planejamento urbano, pelo menos nas grandes metrópoles, significou principalmente planejamento barroco [...]. O mais grandioso desses projetos foi o plano de Burnham e Bennett para Chicago, com seus parques e vias arborizadas, suas avenidas diagonais, sua eliminação das indústrias e das ferrovias da beira-rio.” (1998: 434)



Mapa 7 - Planta de Washington proposta por Pierre L'Enfant.

Fonte: www.ncpc.gov

Outro grande exemplo que serviu de modelo foi o projeto para a cidade de Washington desenvolvido por Pierre L'Enfant em 1795 e revisado por Jr., McKim, Burnham e outros consultores da Comissão McMillan, em 1901.

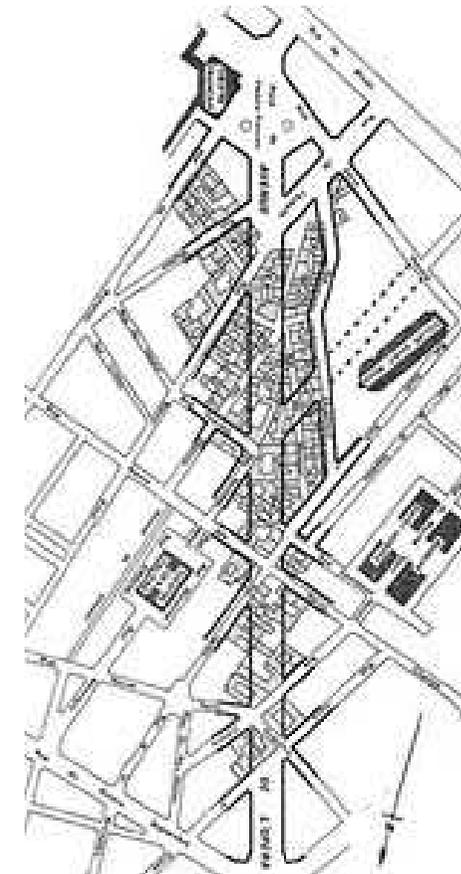
Por toda a Capital Federal, L'Enfant sobrepôs um sistema de largas avenidas diagonais a uma malha quadriculada e convencional de ruas. Distribuídos por toda a malha, ele projetou praças e largos visando interligar, física e visualmente, os bairros entre si e também com os edifícios federais mais importantes. O Plano de Washington foi um exemplo de projeto para uma cidade pensado em sua totalidade, prejudicado em sua completa implantação devido a falta de

Capítulo 2

entrosamento político e organização financeira. Na comemoração do Centenário da transferência da capital federal para o Washington, em 1900 surgiu uma nova proposta sobre o plano existente, que seguiu a inspiração do City Beautiful Movement e objetivava integrar o conjunto de parques no sistema funcional da cidade. Washington foi desta forma, um exemplo bastante representativo de implantação da planta barroca seguido da aplicação das novas tendências urbanas, como a inserção da área verde.

Em Paris, em 1840 até 1860, com intervenção realizada por Haussmann, a prática urbanística se fortaleceu através de planos de ordenamento espacial. Esse plano não se detinha na intervenção dos tecidos consolidados como também na expansão da cidade. O “plano acadêmico” ou “beaux-arts” foi um modelo de urbanização que se espalhou nas cidades do mundo inteiro, abordando conceitos que se destacaram no urbanismo desde meados do século XIX até as primeiras décadas do século XX. No Brasil, O Rio de Janeiro foi uma cidade que aplicou no centro urbano essa tendência mundial, adaptando ao sítio e à situação local.

Georges Eugène Haussmann apresentou para Paris uma proposta para mudar a imagem da cidade que se encontrava superlotada e insalubre, ampliando as vias de circulação e conexão



Mapa 8 - Georges Eugène Haussmann, Plano de Paris, 1851-1870.

Fonte: BENÉVOLO, Leonardo. A história da cidade. São Paulo, Perspectiva, 1983

Capítulo 2

entre os pontos focais da capital, valorizando a perspectiva, e melhorando as condições de higiene da população.

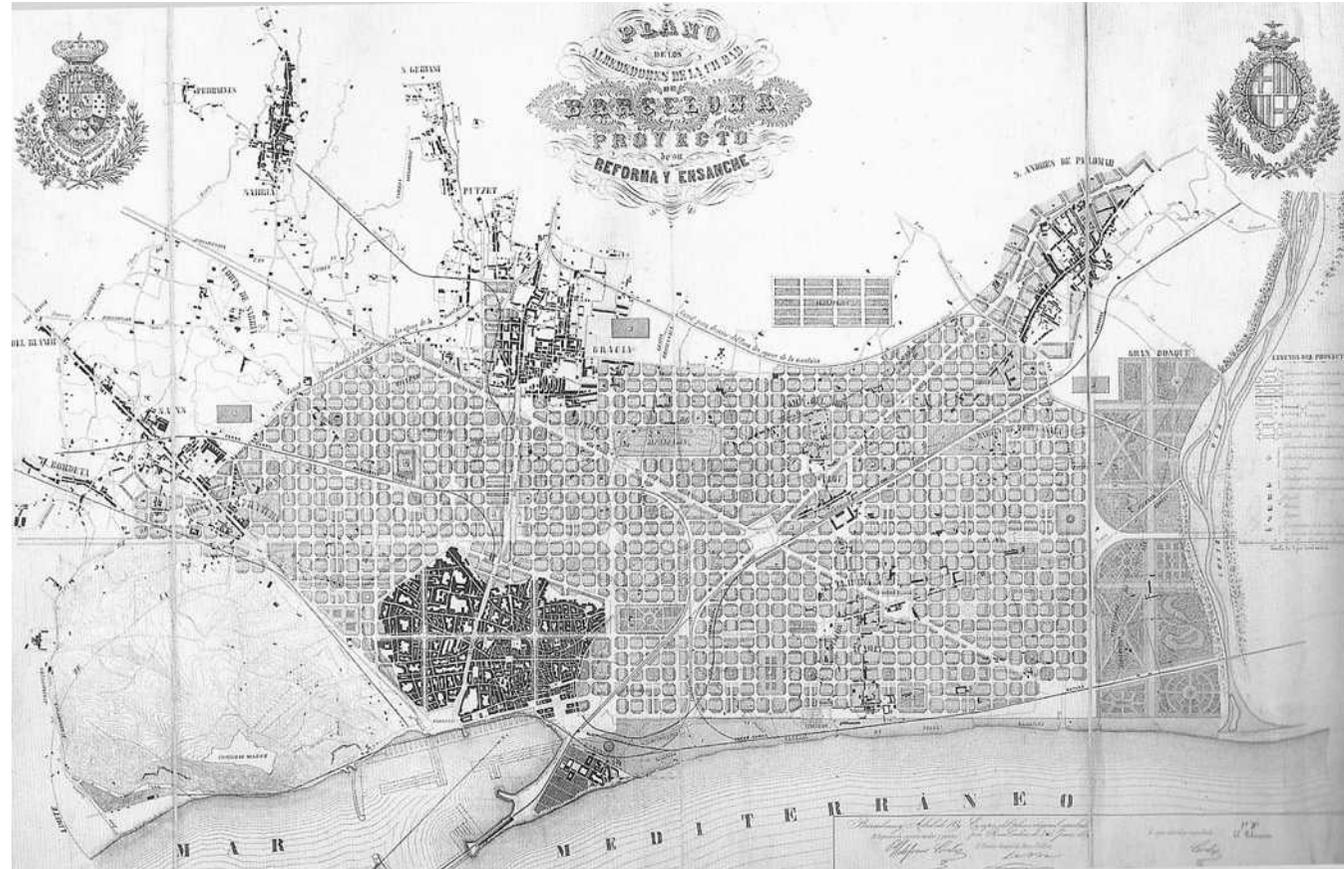
Harouel assim apresenta o plano de Paris:

“Um ambicioso plano urbanístico foi elaborado sobrepondo à trama existente uma nova estrutura composta por grandes artérias que cortavam, segundo os propósitos acima enunciados, o território da cidade. [...] Rasgando a velha Paris medieval com novas avenidas e bulevares, Haussmann constrói, com espantosa rapidez e eficiência, a imagem de uma capital moderna. As novas construções produzidas em série, determinaram o aparecimento de unidades de vizinhança homogêneas, segregando espacialmente as classes sociais. Prevaleceu, nos novos empreendimentos imobiliários, a lógica da economia de escala resultante da racionalização dos investimentos Inaugura-se assim, como afirma Harouel, o fenômeno da formação, numa parte da cidade moderna, de um espaço da burguesia.” (HAROUEL, 1990: 113).

Com objetivos semelhantes, Ildefonso Cerdá propôs em 1859 um plano para ampliação da cidade de Barcelona, na Espanha. Reivindicando a salubridade das habitações como item

Capítulo 2

primordial a ser alcançado na elaboração de uma nova cidade, a proposta de Cerdá foi adotar a moradia como suporte fundamental da qualidade de vida. O projeto não desconsidera a área antiga da cidade, mas a mantém intacta. A intervenção proposta pelo urbanista é diferente da atuação de Haussmann em Paris. Mesmo utilizando a trama ortogonal e homogênea não torna a cidade um monumento, como acontece em Paris. O traçado radial subordinado à quadrícula foi sintetizado num grande retângulo de sessenta por vinte módulos, localizado no espaço livre deixado entre a cidade medieval amuralhada e os povoados vizinhos e cortado por duas diagonais.



Mapa 9 - Litografia do plano de projeto de Barcelona de Ildefonso Cerdá em 1859.
Fonte: INSTITUT Ildefonso Cerdá. Barcelona, 1996.

Capítulo 2

Ildefonso Cerdá foi o primeiro a utilizar os termos urbanismo e urbanização em sua obra Teoria Geral da Urbanização, publicada em 1867. Nesta obra o autor exprime a importância de dois conceitos primários na elaboração das propostas para a cidade moderna, que são a habitação e a circulação. Ambos os conceitos estão presentes no plano de Barcelona, no projeto para as habitações e nos cuidados com as vias, em relação à largura e à divisão dos meios de transporte.

Ambos os planos, de Paris e de Barcelona, dão corpo às palavras de ordem do desenho urbano no final do século XIX e começo do XX: saneamento e embelezamento.

O traçado xadrez, esquema básico da maioria das cidades, prometia não apenas ordem e clareza, mas também igualdade na distribuição da propriedade. Este modelo foi o que mais se utilizou na marcação e definição das cidades e foi o símbolo máximo da modernização.

Sabe-se que a utilização da grelha não é recente e os objetivos de sua implantação ao longo do tempo também não foram os mesmos. As cidades da Antiguidade Clássica já apresentaram o sistema de grelha que passou pela Idade Média com a fundação das bástidas pelos reis com

Capítulo 2

o objetivo de facilitar a posse do território. As cidades de colonização, como na América, também foram implantadas utilizando o traçado em grelha, baseado inclusive nas Leyes das Índias de 1573, que expunham a descrição completa para a construção das novas cidades fazendo uso do traçado regular. Tanto nas grandes cidades planejadas como nas pequenas colônias no interior do Brasil esse modelo, prático e justo, foi adotado sem restrições.

Os urbanistas do século XIX em geral recorriam ao traçado reticular com inclusão de diagonais. Mumford (1998) refere-se ao traçado quadricular sobreposto de diagonais como planta em asterisco, herança do barroco, e reforça a influência militar dessa configuração, pois o plano permite a clareza das vias e o controle do crescimento urbano.

Juntamente com a evolução urbana imposta pela industrialização e com a ascensão do capitalismo volta-se ao uso da grelha na divisão das terras devolutas, que passaram a ter valor de compra e venda. Essa divisão em quadrícula permitia uma igualdade no tamanho dos lotes e, conseqüentemente, lucros iguais nos diferentes lugares que seriam implantados os núcleos, inclusive nos de mais difícil acesso. (SOUZA, 2000:59).

Capítulo 2

A industrialização, urbanização e modernização estão diretamente ligadas pelo conjunto de mudanças que provocaram nas cidades. As definições apresentadas a esses três conceitos fornecem o embasamento e a contextualização para o estudo proposto para a cidade de Erechim.

2.3 CONTEXTO NACIONAL

2.3.1 INDUSTRIALIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO

No Brasil, o início da República permitiu reformulações nos critérios de divisão de terras e implantou a política de colonização e imigração, como também valorizou a presença de engenheiros formados aqui e no exterior que passaram a desenvolver grandes projetos urbanos. O lema 'Ordem e Progresso' e o sistema filosófico e ideológico Positivista influenciaram o período de mudança no Brasil. As transformações políticas, com a implantação da República e com o poder e autonomia dos Estados, provocaram mudanças de estratégia na ocupação do solo, na fundação de cidades e na distribuição da população.

Capítulo 2

Vinculados ao sistema Positivista, governantes e engenheiros estabeleceram um consenso acerca da renovação urbana e começaram a trabalhar com projetos inovadores para as cidades, precedidos da implantação da ferrovia, o que favoreceu a propagação de seus ideais e a ocupação dos núcleos planejados.

Paris formou engenheiros que vieram ao Brasil trabalhar em prol do desenvolvimento e passar seus conhecimentos aos novos alunos da área. No Brasil, a Escola de Engenharia do Rio de Janeiro seguiu a mesma linha européia e muitos de seus alunos tornaram-se conhecidos nacionalmente por suas obras. Conjuntamente, os planos para revitalização das cidades representaram o início da fase moderna do urbanismo e foram implantados em muitas cidades. Os grandes feitos da engenharia reforçaram as marcas da industrialização. Os engenheiros e as estradas de ferro, que simbolizavam o progresso, as grandes construções e demais referências importadas do estrangeiro contribuíram decisivamente para a construção da imagem que se queria para o País.

A instalação da ferrovia foi de fundamental importância para a concretização do sonho moderno. As facilidades trazidas por ela permitiram que grande parte do Brasil e do Rio

Capítulo 2

Grande do Sul fosse povoada e desenvolvesse a agricultura.

“[...] contando com capitais e mão-de-obra barata, as ferrovias passaram, então, a constituir-se no Brasil como espetáculo do progresso, associado à concepção de modernidade social e tecnológica em gestação.” (WOLFF, 2005, 61)

Já no final do Império uma rede havia sido traçada para favorecer a cafeicultura na região Sudeste em expansão. Mas foi no governo Republicano que a extensão da rede favoreceu o restante do país, quando surge a ferrovia São Paulo – Rio Grande. Em 1910 essa ferrovia passou a integrar a paisagem no norte do Rio Grande do Sul e o sistema ferroviário brasileiro. Esse feito influenciou diretamente o desenvolvimento dessa região com todos os benefícios que a obra poderia trazer para o Estado.

A região Norte do Rio Grande do Sul se beneficiou com a criação de uma extensão à ferrovia São Paulo – Rio Grande, como afirma Roche:

Capítulo 2

“E, para que o planalto começasse a ser realmente integrado no resto do Rio Grande do Sul, foi preciso esperar a construção de uma via férrea ligada à linha tronco Porto Alegre-Uruguaiana. A grande linha de estrada de ferro partiu de Santa Maria, tocando Cruz Alta em 1894, Passo Fundo em 1900, Marcelino Ramos em 1910.” (ROCHE, 1969: 63)

A industrialização não apareceu somente com a instalação da estrada de ferro. Associados a ela estão a abolição do trabalho escravo, o aumento da concentração de renda no Centro-Sul do país e a crescente imigração europeia, elementos que influenciaram na vida social criando novas relações e novas classes sociais e na imagem da cidade, com a aparição de construções verticais, a inserção de novos materiais e o planejamento urbano.

A arquitetura que se queria implantada era a que refletisse os novos ideais modernos e utilizasse novas técnicas para demonstrar o progresso. A criação de grandes pavilhões, das estações ferroviárias e as próprias indústrias exigiram muito da engenharia e o uso do ferro e do vidro foi sendo disseminado. As estações de trem se tornaram monumentos de ferro e vidro com o relógio na fachada e se tornaram símbolos da modernidade.

Capítulo 2

No campo do urbanismo as contribuições europeias chegam de diversas formas, no traçado, na disposição das novas cidades, que deveriam aproximar-se das vias férreas ou vias navegáveis, nas novas dimensões das vias terrestres e na relação que se criou entre a rua e a edificação.

O início de século XX no Brasil foi marcado por fortes influências internacionais que indicavam um período com características inovadoras e aspirações tecnológicas que se refletiram na cidade pela sua forma, seu traçado, sua arquitetura e as novas relações sociais. Era de certa forma uma pausa na tradição para a inclusão de um novo modo de pensar, de construir e de governar.

2.3.2 BRASIL REPUBLICANO

A industrialização e a urbanização estão diretamente ligadas à instalação da República no Brasil. O período republicano foi responsável por importar o modelo que vinha sendo adotado nos países europeus e transformou algumas regiões em espelhos da “modernidade” europeia.

Capítulo 2

“A obra modernizadora configurou-se numa obra importadora de modas e exportadora de lucros.” (WOLFF, 2005:55). E essas características são fundamentais para entender o projeto implantado em Erechim e a forma urbana que configura a cidade após a grande devastação causada pelos incêndios. O ideal moderno e o desejo de progresso foram os lemas da estruturação da cidade, segundo projeto estadual e nacional para modernização das cidades.

O Brasil republicano trouxe “a propaganda da estabilidade, do progresso, do abandono do agrarismo exclusivo e [com] aceleração do quadro industrial.” (WOLFF, 2005: 54).

Do ponto de vista político, a década de 30, período em que as grandes transformações marcaram a cidade de Erechim, sofreu as consequências da implantação do sistema republicano que promoveu a criação dos Estados em substituição às Províncias da Monarquia nos fins do século XIX e deu autonomia ao Estado para que desenvolvesse sua política de urbanização, o que resultou em novas medidas de imigração e colonização. A autonomia dada aos Estados foi o que motivou o Estado de Minas Gerais, por exemplo, a substituir sua capital por uma cidade nova e moderna. Era a concretização da Ordem e do Progresso, lema do Positivismo de Comte.

Capítulo 2

2.3.2.1 POSITIVISMO

Julio Comte, mentor das ideias positivistas, foi aluno da Escola Politécnica de Paris onde também trabalhou com Saint Simon, engenheiro e filósofo que acompanhou a evolução das ideias iluministas na França. Para este, os engenheiros eram os mais aptos para assumir o comando do Estado e de certa forma conseguiu que isso acontecesse pois a atuação dos mesmos em Paris se refletiu no resto do mundo pela eficiência na administração e nas obras públicas.

No Brasil as ideias de Comte tiveram campo fértil. Os principais meios de propagação foram: os estudantes brasileiros que voltavam de estudos na Europa; os militares descontentes com a pressão imposta pela Monarquia; a nova classe urbano/industrial em ascensão, que necessitava de uma "ideologia" para defender os seus interesses; alguns intelectuais provenientes das classes mais abastadas, que tiveram contato com as ideias de Comte e que também ansiavam por mudanças político/sociais; a questão religiosa (conflito de poder entre a igreja e o Estado brasileiro) e a demonstração de fragilidade tanto da monarquia como da Igreja, frente à modernidade (o rápido desenvolvimento científico/tecnológico). As ideias

Capítulo 2

foram difundidas nas Escolas Militares e em algumas Academias de Direito.

A revista do Clube de Engenharia do Rio de Janeiro, uma das primeiras revistas técnicas do Brasil, mostrava, em 1901, a importância das escolas de engenharia que iam surgindo e seu papel no desenvolvimento da nação.

“A criação da Escola Central e da Escola Politécnica representam a formação do viveiro de onde tantos filhos notáveis têm saído, glorificando os estabelecimentos que lhes conferiram os diplomas. [...] Hoje, com a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, vigorosamente concorrem para o adiantamento dos vários ramos da engenharia civil no Brasil, além de alguns institutos ainda incipientes, a Escola de Minas de Ouro Preto e a Escola Politécnica de São Paulo.” (SOUZA, 2006)⁸

O Rio Grande do Sul foi, possivelmente, o estado onde as ideias positivistas foram mais aplicadas: na política, na ciência, na religião e, ainda, na estética, influenciando na formulação da Constituição do Estado.

Na política, segmento de maior importância para o Positivismo segundo Comte, o Rio Grande do Sul contou com os maiores propagadores das suas ideias, firmadas através do Partido

⁸ Revista do Clube de Engenharia. IV Série. Nº. 2. Rio de Janeiro, Janeiro de 1901. Página XXXIX.

Capítulo 2

Republicano Riograndense. Desde a Revolução Federalista de 1893, que fez muitas vítimas, resultado da disputa política entre duas vertentes partidárias, é que se afirmou no poder, mais precisamente em 1986, o Partido Republicano - PRR. Júlio de Castilhos⁹ volta ao poder como governador. O projeto de governo definido pela agremiação tinha como base o ideário de Augusto Comte, porém com uma versão própria – o castilhismo. Entre as suas características mais importantes destacavam-se a presença dominadora do Poder Executivo e o seu comprometimento com o desenvolvimento capitalista.

No governo Júlio de Castilhos houve também forte preocupação com o problema da colonização. Até então ela vinha sendo subvencionada pelo Governo da União e com a reorganização da Secretaria de Obras Públicas Estadual, o governador do Rio Grande do Sul a incumbiu de mais um serviço, organizar a Diretoria de Terras e Colonização. Ela tinha como objetivo incentivar a pequena propriedade organizada, pondo fim aos latifúndios. Borges de Medeiros deu continuidade ao projeto de Júlio de Castilhos contando com a ajuda de um grande colaborador, o Engenheiro Carlos Torres Gonçalves.

Entre as características positivistas que se tornaram marcantes na colonização realizada

⁹ Conforme Ivan Lins, Júlio de Castilhos tinha uma dialética de fundo positivista e colocou-a a serviço, em primeiro lugar, da propaganda, e, após o Quinze de Novembro, do federalismo. Lutou com adversários poderosos; na Constituinte de 91, como no Governo do estado, advogou ardentemente os princípios do governo forte. Ele próprio confessa que desde moço lera e assimilara refletidamente a obra de Comte. LINS, 1967: 189.

Capítulo 2

durante esses dois governos, destacam-se: o levantamento dos cursos d'água; o cuidado com os povos nacionais; aproveitamento dos mananciais hídricos; imigração espontânea; miscigenação racial; plano de Viação geral. No aspecto estético, a doutrina revela que a arte está a serviço da política.

“O Positivismo é marcante em tudo. Nome de ruas (os mortos sempre mais comandam os vivos), a mistura de etnias (para evitar focos de nacionalismos), a formação da pequena propriedade policultora, com forte presença do Estado, comandando a dinâmica social política, mesmo não abrindo mão da livre iniciativa, são condições básicas para que se realize, de forma efetiva, o modelo implantado.” (CHIAPARINI, 1998)

No campo da ciência os maiores seguidores foram os engenheiros que tinham o desenvolvimento tecnológico associado ao aperfeiçoamento técnico e a industrialização na sua base. Carlos Torres Gonçalves, Faria Santos, Felizardo Junior, assim como grande parte dos positivistas religiosos gaúchos, eram formados em engenharia. Estudaram na Politécnica do Rio de Janeiro nas últimas décadas do século XIX. Todos eles eram concursados da Secretaria de Obras Públicas do governo estadual, onde exerceram importantes funções ao

Capítulo 2

longo da República Velha. (GRITTI, 2004). No Rio Grande do Sul até mesmo os Intendentes nomeados pelo Governo eram engenheiros, para manter o lema da Ordem e do Progresso.

As tarefas atribuídas aos engenheiros iam além do que sua profissão lhes habilitava. Eram incumbidos de pensar a cidade e criar soluções e estratégias de desenvolvimento e modernização. Em Porto Alegre os engenheiros se destacaram nas comissões técnicas em que trabalharam com finalidade de melhorar a higiene, o porto e por realizarem melhoramentos de âmbito geral.

2.3.2.2 IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO

A imigração foi a principal atividade adotada na política brasileira de desenvolvimento. Em princípio foi a solução adotada pelos cafeeiros para substituir a mão-de-obra escrava, consequência também do processo de industrialização e modernização. Logo em seguida a necessidade de ocupação das terras do Estado direcionou os imigrantes para a região sul do Brasil, onde estavam sendo criadas colônias com a finalidade de assentar essa população e ao

Capítulo 2

mesmo tempo ocupar as terras devolutas.

A vinda deste contingente populacional ao sul do País está relacionada a diferentes fatores. Alguns eram fugitivos de guerra tentando encontrar um outro lugar para morar, outros colonos pretendiam encontrar terra para trabalhar e trazer ou formar uma família.

Segundo Caio Prado Junior, citado por Gritti, existem duas atividades distintas, a colonização e a imigração:

“[...] a colonização tinha como objetivo ocupar e povoar regiões despovoadas através da formação de núcleos coloniais. A imigração era de iniciativa particular, mas estimulada pelo Governo, e visava atender aos interesses da grande lavoura, especialmente a cafeeira [...]”. (PRADO JR, apud GRITTI, 2004: 121)

Podemos então verificar que as duas atividades ocorreram no Brasil. Na região Norte de São Paulo o objetivo era fornecer um contingente de mão-de-obra para a lavoura do café. No Rio Grande do Sul essa migração tinha por objetivo a formação de colônias agrícolas e de subsistência criadas distantes dos grandes latifúndios afim de não interferir na sua hegemonia.

Capítulo 2

*“A grande diferença entre as políticas do processo de imigração e de colonização era que do primeiro alterava o regime de trabalho e do segundo o regime de propriedade. Portanto, a imigração no Brasil assumiu aspectos diversos, dependendo da região em que se desenvolveu, dos fins propostos, do sistema de produção, das iniciativas e dos financiamentos como se observa na análise da colonização italiana no Nordeste do Rio Grande do Sul.”
(HERÉDIA, 2001)*

No Rio Grande do Sul o maior objetivo era ocupar e povoar. Aliou-se a isso a política nacional que atribuía aos Estados a responsabilidade pela recepção e distribuição da população. O resultado foi a criação de núcleos coloniais em quase todo o Estado do Rio Grande do Sul. As características positivistas são visíveis no processo de imigração e, principalmente, na distribuição da população nos núcleos. Uma delas diz respeito à subordinação da imigração ao processo de “fusão de raças”.

Capítulo 2

“Torres Gonçalves, fiel a essa teoria, acrescenta: 'Mas, tal fusão só se pode dar sem abalos e perturbações, realizando-se espontaneamente, lentamente. Os preconceitos cegos, de raças e nacionalidades, ainda tão inveterados hoje (1925), aconselham mesmo a maior prudência, a maior reserva na admissão de imigrantes, no interesse dos países que os recebem, como nos dos imigrantes e suas respectivas pátrias.' ”
(SPONCHIADO, 1991:19).

Outra questão importante na imigração era preservar a unidade cultural da Pátria.

“Os mentores ponderam e refletem sobre a questão de que o que representa virtude dos imigrantes (conservação da nacionalidade, língua, tradições) representa, socialmente, para os países de entrada, sérios inconvenientes. Alertam também para o 'erro grave da introdução de grandes massas estrangeiras, em qualquer país, é ainda agravado quando são elas instaladas em grandes agrupamentos, por nacionalidades'. Com este pretexto de evitar o surgimento de quistos raciais as autoridades procuraram misturar os colonos de diferentes etnias.”
(SPONCHIADO, 1991: 19-20)

Capítulo 2

A imigração subvencionada no Rio Grande do Sul durou até 1914, quando foi extinta devido à falta de interesse do Estado em continuar esse serviço. A partir disso a imigração tornou-se espontânea e o dinheiro que o Estado investia nessa atividade passou a ser aplicado na abertura de estradas entre os diversos núcleos e centros consumidores. (DUCATTI, 1981:71). Assim as colônias se desenvolveram e tornaram-se povoados prósperos, como é o caso de Erechim.

2.3.2.3 PLANEJAMENTO URBANO NO BRASIL

O planejamento urbano no Brasil é o espelho do urbanismo internacional. As características de modernização das cidades também são observadas nos projetos para reforma e construção de novas cidades no país. A preocupação com a higiene, com o crescimento intenso, com as redes de abastecimento e saneamento, a demanda por espaços abertos e arborizados e ruas cada vez mais largas são também os objetivos dos planos urbanísticos no Brasil.

O planejamento urbano baseado nesses conceitos internacionais se adaptou facilmente à

Capítulo 2

política de ocupação das terras que vinha sendo desenvolvida nos séculos XIX e XX. O traçado xadrez, a praça central como coração da cidade e reunião dos principais poderes, a “modernização” de ruas, edificações, da sociedade, eram os princípios básicos adotados pelos responsáveis políticos e engenheiros durante este período.

No século XIX destaca-se no Brasil a criação de novas cidades como Teresina, em 1852, Aracaju, em 1859 e Belo Horizonte, em 1897, cidades fundadas para abrigar a capital dos estados do Piauí, Sergipe e Minas Gerais. As capitais receberam projetos que refletiam os ideais nacionalistas e progressistas vigentes. (DUARTE, 1996)

Belém e Manaus, respectivamente em 1883-86 e 1895, já vinham atuando como importantes cidades-capital da região amazônica devido ao ciclo da borracha e receberam um projeto de melhoramentos através da expansão da malha viária.

Segundo Duarte (1996) a diferença de escala permite agrupar as duas cidades, Teresina e Aracaju no grupo onde prevalece a continuidade da escala correspondente à convivência urbana da cidade tradicional. As duas cidades com traçado em grelha não tinham ruas muito

Capítulo 2

largas e Aracaju não teve todo o seu plano implantado de início.

No caso das outras três cidades, Belém, Manaus e Belo Horizonte, as exigências foram diferentes.

Belém foi sendo transformada devido ao grande inchaço populacional e ao aumento da riqueza devido as exportações da borracha. Influenciado pelas mudanças geradas pela industrialização no mundo o Intendente Municipal Antonio Lemos promoveu intervenções urbanas através de projeto do engenheiro municipal Manoel Odorico Nina Ribeiro. Ele propôs a expansão do traçado urbano existente através de uma malha ortogonal com amplas avenidas.

Manaus, sob o mesmo ciclo da borracha, teve um desenvolvimento tardio e as maiores construções ocorreram no final do século financiadas também pela riqueza gerada pela borracha. O plano também é composto por vias ortogonais orientadas segundo os pontos cardeais. Essa grelha é superposta à rede de igarapés existentes na cidade. (DUARTE, 1996:14)

Capítulo 2

Belo Horizonte (1897) foi uma cidade projetada na mesma escala de cidade capital como Belém e Manaus, com a diferença de o projeto ter sido elaborado para uma nova cidade. O engenheiro responsável pela elaboração do plano de Belo Horizonte, Aarão Reis, foi formado pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 1881¹⁰ na mesma escola em que se formou o engenheiro responsável pelo plano de Belém. Adepto do positivismo, Reis buscou estruturar sua proposta em sintonia com os avanços da ciência e da técnica de seu tempo.

“O plano elaborado por Reis para a nova capital de Minas denota conhecimento e proximidade com relação ao plano de Washington, à reforma realizada por Haussmann em Paris e, sobretudo, ao plano de La Plata, na Argentina, com o qual o projeto da capital mineira divide uma mesma concepção urbanística.” (GOMES, LIMA, 2001 :121 apud, LEME, 2001)

A cidade que propôs, destinada a abrigar inicialmente 30.000 habitantes, estruturava-se em três zonas: a urbana, a suburbana e a de sítios.

O projeto utilizou a grelha dimensionada conforme a escala da cidade moderna com as

¹⁰Carlos Torres Gonçalves, engenheiro da Comissão de Terras e Colonização do Rio Grande do Sul, estudou na mesma escola.

Capítulo 2

mesmas preocupações que influenciaram nos planos de outras cidades, como a higiene, a área verde, mas Aarão Reis foi bastante rigoroso geometricamente em seu plano. O engenheiro contou com grande apoio e liberdade para elaborar um plano que seria implantado do zero, o que resultou em um projeto formal onde uma grelha de dimensões maiores era rotacionada 45° sobre a outra de menor dimensão circundadas por uma avenida do contorno com 35 metros de largura que dividia a zona urbana da suburbana. As avenidas com dimensões de 35 metros são cortadas por ruas secundárias, as diagonais, como grandes boulevares arborizados de 20 metros. Apenas a avenida que atravessa de norte a sul a cidade possui 50 metros, fazendo com que o plano fosse caracterizado por sua forte dedicação à circulação. Os quarteirões possuíam 120 x 120 metros e os lotes com 10 metros de frente por 50 metros de profundidade. Ele ainda propôs que os edifícios fossem distribuídos na malha para que se criasse diversas centralidades, decisão que não foi colocada em prática pois os edifícios administrativos foram agrupados em torno do Palácio Presidencial, configurando um centro.

O período de instalação e consolidação da Cidade de Belo Horizonte ocorreu entre 1894 e

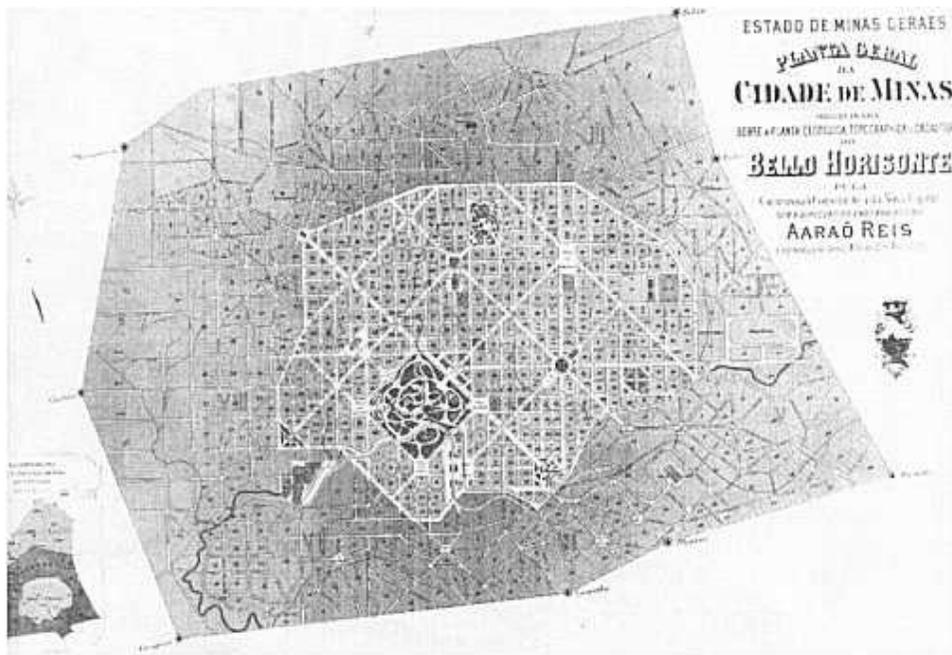
Capítulo 2

1930. Desde sua inauguração, em 1897, passou a revelar motivos neoclássicos, neo-românicos e neogóticos. Aos elementos da arquitetura greco-romana foram incorporados modismos que caracterizaram a década de 20, como o primado geométrico do art-déco.

O plano elaborado para Belo Horizonte resume boa parte da cultura técnica e das preocupações estéticas do século XIX relativas à cidade. Ele ainda assume uma dimensão simbólica por ser projetado para uma cidade-capital e expressar o ideal que a República aspirava. A influência dos engenheiros militares formados nas escolas do exterior e depois na escola de engenharia do Rio de Janeiro é de grande importância na origem das cidades planejadas no país. Com influência positivista, difundida nas escolas militares na época, muitos engenheiros se espalharam pelo Brasil e elaboraram planos como os das cidades de Belo Horizonte, as cidades no interior de São Paulo, para receber os imigrantes para a cultura do café, e, ainda, as cidades-colônias, no sul do Brasil, onde o Positivismo teve a sua maior aceitação.

A formação das cidades no interior de São Paulo e das colônias de imigração no sul do País buscou alguns dos conceitos de modernização utilizados no início de século mas,

Capítulo 2



principalmente, adotou a grelha como facilitador da divisão de terras e aceleradora da ocupação pela simplicidade e praticidade do traçado. A diferença dos dois tipos de ocupação poderá ser verificada no final deste capítulo, bem como a importância das cidades planejadas no Brasil e no mundo como referência para o surgimento e transformação da cidade de Erechim.

Mapa 10 - Projeto desenvolvido para Belo Horizonte pelo arquiteto Aarão Reis em 1897.
Fonte: GOMES, M.; LIMA, F. 2001.

2.3.3 RIO GRANDE DO SUL

A partir desta análise geral pode-se chegar ao que Lefebvre (2001) chama de “especificidade” da cidade com a observação dos processos que influenciaram diretamente na forma urbana de Erechim, como as relações sociais, as edificações, o centro consolidado. Assim, será possível identificar as discontinuidades e a participação dos grandes incêndios durante a década de trinta no processo de desenvolvimento da cidade.

A ocupação do sul do país segue as regras de colonização e imigração vigentes nas demais regiões brasileiras. Com o objetivo de intensificar o povoamento no sul do País a Inspeção de Terras utilizou a Carta de Colonização da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul e adequou as regras de ocupação. A carta apresenta as condições para ocupação das terras, a formação de núcleos coloniais e ainda as questões legais sobre a terra. (MACHADO; HERÉDIA, 2003)

A Diretoria de Terras e Colonização foi o órgão do estado que possibilitou o surgimento desses novos núcleos. Com suas tarefas de dirigir, demarcar e preparar a infra-estrutura para receber

Capítulo 2

os imigrantes, foi a responsável pelo desenvolvimento do Estado e assegurou a instalação do grande contingente de população que chegava com esperança de um lugar próspero para viver e trabalhar.

O Engenheiro Agrimensor Carlos Torres Gonçalves foi o dirigente da Comissão Estadual de Terras no Rio Grande do Sul durante a implantação da República, quando muitas mudanças vinham ocorrendo no Estado. Após concluir os estudos em Minas Gerais e no Rio de Janeiro, foi convidado por Carlos Barbosa, então presidente do Estado, a liderar os trabalhos de colonização da Comissão de Terras. Torres Gonçalves ingressou na Secretaria de Obras Públicas em 1899, em 1906 foi chefe de uma seção da Diretoria de Terras e Colonização e em 1908 assumia a chefia da referida Diretoria, lá permanecendo até 1928.

O engenheiro era positivista, afinado com o novo ideal republicano, cujo lema era "Ordem e Progresso", propôs soluções simultâneas aos diversos problemas da terra como a legitimação das posses segundo os Regulamentos de 1854, 1900 e 1922; implementou a política fundiária do PRR, dando especial atenção ao assentamento da população cabocla e ao reconhecimento do direito das populações indígenas sobre as terras por ela ocupadas; propôs a demarcação

Capítulo 2

de lotes para os novos habitantes interessados (na grande maioria imigrantes), de acordo com as Instruções sobre o Serviço de Terras.

Com a atuação do Engenheiro, o Estado passou a não mais conceder terras para colonização particular, como aconteceu na colônia de Quatro Irmãos, por exemplo. A última concessão foi a “Colônia Boa Vista”, atual município de Santo Ângelo, em 1912. Torres Gonçalves propôs o fim das concessões por acreditar que a colonização particular tendia à mercantilização ao passo que o Estado poderia e deveria dirigir sozinho a colonização. Tratava-se da organização social de novas regiões com a preparação de municípios administrativamente autônomos mas politicamente homogêneos, para construir um organismo social mais vasto, o Estado.

Segundo Breno Sponchiado, a criação dos núcleos coloniais teve três objetivos principais:

1 – Industrial: segundo Torres Gonçalves: “Exercem eles na vida colonial o papel de centros coletores e distribuidores de mercadorias, próprias e de importação, bem como de centro elaboradores de pequenas indústrias de necessidade local.” Foi reservada uma área de terra para o perímetro urbano e uma distância entre os núcleos de 10 a 15 km.

Capítulo 2

2 – Social: prevendo a proteção aos nacionais, quando da formação da colônia. A ideia positivista: a obra humana deve estar subordinada ao meio físico. E esse objetivo seria atingido com o prévio estudo da área, da topografia, dos cursos d'água.

3 – Estético: segundo Augusto Comte, a arte está a serviço da política. "O positivismo utilizou o Ecletismo, uma escola européia que reunia vários elementos de estilos antigos no início do século passado." Através da padronização da arquitetura o Estado conseguia enxergar o seu poder em ordenar e organizar o espaço público. (SPONCHIADO, 1991)

Um destaque na política positivista com relação à implantação dos núcleos é a preocupação com um plano de Viação. E nele incluem-se todos os meios, férreo, fluvial e de rodagem, pois valorizam as terras e aumentam a produção industrial.

O plano viário do Rio Grande do Sul foi aprovado pelo Dec. 11958 em 19.04.1913 e contemplou de igual modo as estradas de rodagem, férrea e navegação fluvial e os portos. Torres Gonçalves tinha um plano para o Norte do Estado onde traçou as vias de acordo com as conveniências da população e com as condições topográficas. Elas atravessam a cidade mais

Capítulo 2

povoada e sempre se subordinaram à hidrografia. (SPONCHIADO, 1991).

Importante meio de comunicação e de desenvolvimento, a ferrovia foi símbolo de progresso e representou, muitas vezes, o marco inicial de uma cidade. Na região norte de São Paulo muitas cidades têm essa característica e até hoje preservam a estação ferroviária como referência a sua origem.

Na instalação da Colônia Erechim, a ferrovia foi responsável pela vinda dos imigrantes, para importação e exportação de produtos e para as comunicações via telégrafos oportunizando a quebra do isolamento da região sul com São Paulo.

Enfim, “a viação é a chave do progresso, e o grande estimulante econômico, especialmente em países novos e de grandes perspectivas como o nosso”. (SPONCHIADO, 1991).

Torres Gonçalves tinha convicção de que tanto a União quanto o Estado gastaram muito e mal, por falta de estudo prévio dos traçados. Segundo Cassol (2003), até assumir a Diretoria de Terras e Colonização, em 1908, não eram estudados previamente os traçados das estradas de rodagem.

Capítulo 2

Para que seus ideais se realizassem, o Engenheiro estudou os terrenos e adotou alguns preceitos que contribuiriam na implantação das novas colônias. Entre eles a demarcação dos lotes rurais harmonizada com o traçado dos caminhos vicinais, de acordo com o relevo do terreno e precedida de estudo da hidrografia e da orografia. (CASSOL, 2003: 71)

Para o Governo do Estado essa medida contribuiu para uma série de questões:

*“[...] a defesa das florestas dos cumes elevados e das encostas escarpadas; esboço da futura rede de viação de rodagem vicinal; facilidade aos agricultores na escolha do local para o estabelecimento das suas casas e outras instalações, concorrendo para que a edificação se desenvolva ao longo das futuras estradas; valorização das terras, tanto as do Estado como as dos colonos, e aumento da capacidade produtora individual destes, isto é, o seu valor econômico como agricultor”.*¹¹

Carlos Torres Gonçalves dedicava atenção especial à Colônia Erechim desde seu surgimento e o projeto a que se propôs desenvolver para a nova sede da mesma refletiu seu desejo, e dos governantes locais, de que ela representasse o centro de desenvolvimento da região. A

¹¹Mensagem do Governo do estado à Assembléia dos Representantes, 1916.p.142. Apud CASSOL. Idem. P.73-74.

Capítulo 2

proposta de Torres Gonçalves foi o principal elemento na configuração da cidade de Erechim, impulsionando seu desenvolvimento e guiando as transformações urbanas.

A área escolhida para a implantação deste projeto já estava definida no mapa de divisão da Colônia Erechim em 1913, mostrando o interesse prévio na mudança da sede da Colônia para uma nova área.

A implantação da República e as novas medidas adotadas na questão da divisão de terras e da subvenção da imigração aliadas à extensa atuação da Diretoria de Terras e Colonização e suas subordinadas Comissões de Terras regionais marcam o início da ocupação do norte do estado do Rio Grande do Sul, principalmente com a criação da Colônia Erechim. Os ideais positivistas seguidos no país e no Estado por governantes e pelos Engenheiros ditaram as regras para a criação de novos núcleos urbanos mas, principalmente, para a elaboração de um projeto urbano para a nova sede da Colônia Erechim, a atual cidade de Erechim.

O urbanismo que se desenvolvia nas cidades como Belo Horizonte, La Plata e Washington também reforçou os conceitos adotados no projeto de Torres Gonçalves, o que atribuiu à

Capítulo 2

cidade importância dentro do Estado do Rio Grande do Sul. Erechim representa a única cidade no Estado com um planejamento prévio.

O projeto desenvolvido nos moldes do urbanismo moderno para a nova sede da Colônia Erechim foi ocupado pela arquitetura tradicional dos imigrantes e logo após os incêndios que assolaram a cidade, ele serviu de referência na reconstrução urbana e como continuidade e fortalecimento da proposta moderna.

Assim como a formação da cidade se insere nessa ordem, a transformação ocorrida nos anos trinta busca nos ideais que vinham sendo pregados a forma que assumirá a nova cidade após os incêndios.

Capítulo 3

...aos fatos!



3

CONTEXTUALIZAÇÃO - ANOS 20 E INÍCIO DOS ANOS 30

Capítulo 3

No Brasil, o desejo de ser moderno no início do século, atingia grande parte das cidades, principalmente as que mantiveram contato, através de seus habitantes, com as capitais em desenvolvimento intenso, como São Paulo e Rio de Janeiro. As heranças da industrialização exigiram das cidades e da sociedade uma mudança na forma urbana e no estilo de vida.

As possibilidades geradas pela inovação tecnológica estimularam novas conquistas no campo da arquitetura em todas as cidades, incluindo as de pequeno porte. A utilização do concreto e da alvenaria substituiu gradualmente as construções em madeira gerando uma nova imagem para as cidades. Além do uso dos materiais, a relação entre a edificação e a rua também se modificaram nesse período de avanço tecnológico. Com o aumento da altura dos edifícios e ampliação das ruas reforçava-se ainda mais a nova imagem que a cidade adquiria em resposta à presença da tecnologia trazida pela industrialização.

Dentro da proposta nacional de modernizar as cidades, o Estado do Rio Grande do Sul também propõe uma lista de mudanças para melhorar suas cidades. A capital do Estado, Porto Alegre, contou com engenheiros trabalhando em prol do desejo de modernidade e assim seria com as demais cidades pois a presidência do Estado queria que todas elas refletissem o poder

Capítulo 3

da Ordem e do Progresso.

A necessidade de ocupação das regiões devolutas do Estado possibilitou a criação de novas cidades entre as quais se encontra a cidade de Erechim. A política estadual guiada pelo Positivismo promoveu essa transformação embasada na Ordem e no Progresso. E para isso foram encomendados planos de ocupação para todas as regiões, que se desenvolveram em períodos distintos. O Norte do Estado foi a última região a ser ocupada e neste período, fim de século XIX e início do século XX, o Engenheiro Carlos Torres Gonçalves fazia parte da Comissão de Terras e Colonização, tornando-se o responsável pela implantação de diversos núcleos, pelo plano viário estadual e, principalmente, pela tarefa importante de elaborar um plano para uma cidade que ele imaginava tornar-se um grande centro urbano. Assim como Belo Horizonte, o plano elaborado para Erechim foi desenvolvido para uma cidade completamente nova que seria a “capital” das colônias de imigrantes na região Norte do Estado. O projeto nos moldes do urbanismo moderno se encaixava no planejamento urbano que se desenvolveu no País com os engenheiros militares.

A cidade de Erechim era composta, então, de características que poderiam ser encontradas

Capítulo 3

em diversas cidades brasileiras, mas que, reunidas num único espaço, definiram uma especificidade que a torna única no Estado. A sua imagem reflete a tensão existente entre tradição e modernidade, identificada nos elementos que a compõem, a arquitetura e o urbanismo.

Essa formação gerou uma imagem que revelava dois aspectos da realidade estudada: o momento da história em que o desenvolvimento e o desejo de ser moderno eram algumas das maiores aspirações, e a população, que vivenciava esse período e que preservou nas casas construídas em madeira todas as suas tradições. Esses dois aspectos atribuem à cidade uma importância no estudo da formação das cidades no Rio Grande do Sul.

A cidade de Erechim ia se configurando nesse começo de século XX e mantinha, até o início dos anos 30, a mesma característica: uma planta geral com um traçado moderno sendo ocupada por residências simples executadas em madeira e inspiradas na herança européia que seus moradores ainda guardavam. É improvável tomar conhecimento do tempo que esse modelo continuaria sendo seguido pois os acontecimentos trágicos no início dos anos 30 mudaram o curso da história desta cidade.

Capítulo 3

A década de 30 marca o início da Era Vargas, período caracterizado por uma grande centralização de poder na figura do presidente. Em 1937 Getúlio Vargas dissolveu o Congresso Nacional e os órgãos Legislativos Estaduais e Municipais, nomeou Interventores Federais (Estado Novo) e governou de forma ditatorial. Os novos auxiliares do governo nomeavam os novos prefeitos.

Desta decisão assumiu o cargo de Prefeito de Erechim, Amintas Maciel, nomeado em 1930 pelo Interventor Federal do Rio Grande do Sul. As decisões tomadas pelo então Prefeito se tornaram importantes e contribuíram para a mudança da forma urbana de Erechim, que já enfrentava a reconstrução devido aos três grandes incêndios.

3.1 FORMA URBANA

“A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente.” (PESAVENTO, 2002:3)

Capítulo 3

A análise do processo de transformações desencadeado na cidade de Erechim a partir dos incêndios se dará principalmente pela análise da forma urbana nos períodos anteriores e posteriores aos fatos trágicos.

A análise da forma urbana, reunindo os elementos construídos e o plano urbano, permitirá a compreensão da cidade, de sua centralidade, da sua disposição no espaço em relação às cidades circunvizinhas, da sua orientação, da sua função, sua morfologia e perspectivas de evolução e crescimento. A reunião do projeto urbano implantado na cidade com a arquitetura construída pelos imigrantes, vivenciados pela sociedade, revela a forma urbana da cidade de Erechim.

“Esta forma é cumulativa de todos os conteúdos, seres da natureza, resultados da indústria, técnicas e riquezas, obra da cultura, dos modos de vida, das situações, das modulações ou rupturas do cotidiano. Mas é algo mais e algo distinto que somente acumulação. Os conteúdos (coisas, objetos, indivíduos, situações) se excluem enquanto diferentes, se incluem e se sobrepõem enquanto congregados.” (tradução da autora a partir de texto de LEFEBVRE, 1970: 125).

Capítulo 3

Esse conjunto posto em análise pode ser decifrado através da verificação simultânea da ordem próxima, representada pelos edifícios, pelas ruas e pela relação da população com o ambiente; e da ordem distante, onde se observam os mapas.

O pano de fundo para essa verificação reúne os contextos histórico, urbano e social.

Através da parcela urbana investigada se chegará ao conjunto da forma urbana e à identificação das modificações nela gerada pela evolução urbana natural e, principalmente, pela aceleração desse processo gerada pelos incêndios.

3.1.1 ÁREA DE ESTUDO

A área central da cidade de Erechim, foco principal desta análise e assumidamente definida como área de estudo, se apresenta como uma referência ao desenvolvimento futuro da cidade e ao mesmo tempo representa o seu local de origem e princípio do desenvolvimento.

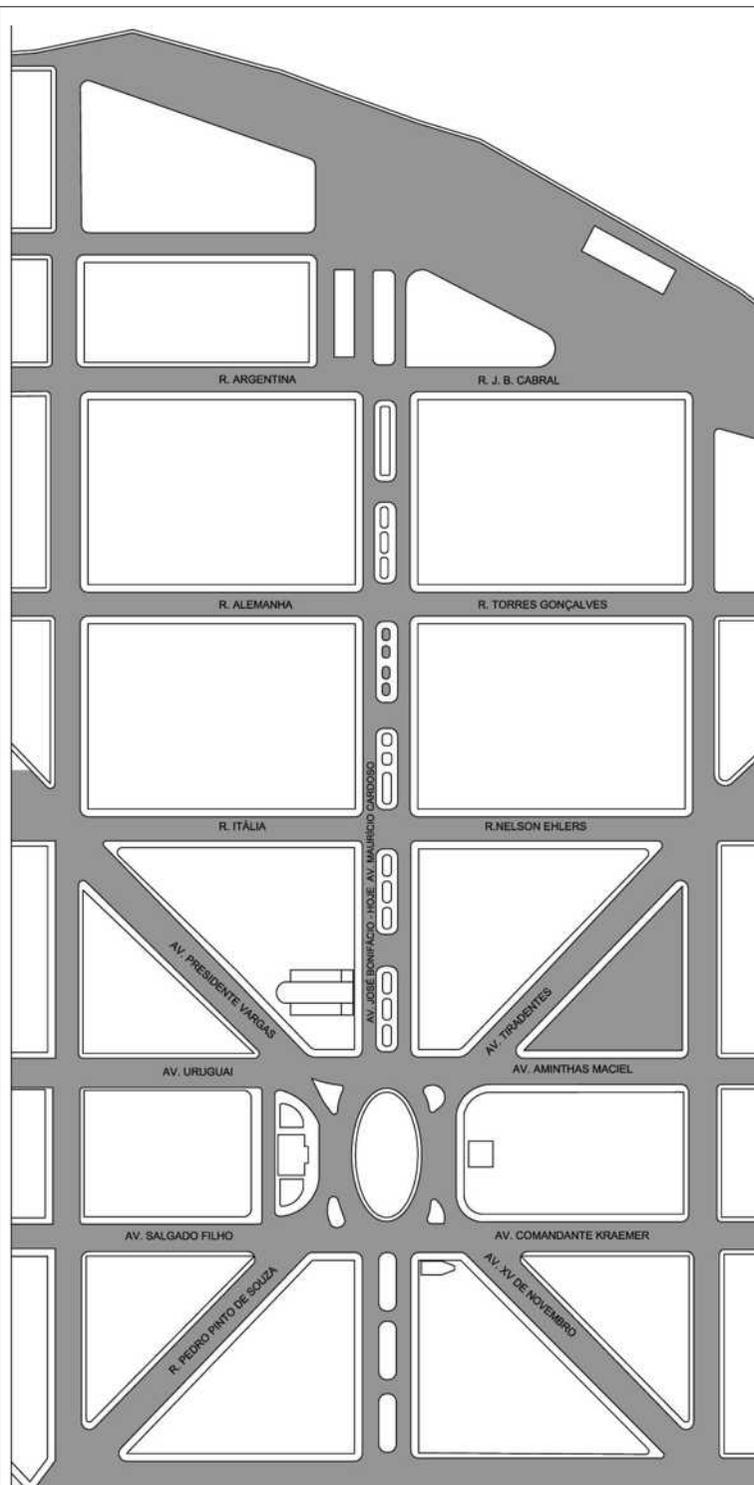
Os diversos núcleos que surgiram no País a partir das estações ferroviárias a tomaram como

Capítulo 3

ponto de partida para o seu desenvolvimento e traçado urbano e em Erechim não foi diferente. A partir da estação se traçou a grande avenida que só se tornou importante na região e para o núcleo que se formava devido às dimensões que lhe foram atribuídas pelo projeto urbanístico. Essa via tornou-se o centro da cidade, onde foram construídas edificações de pequeno porte ocupadas por comércio no térreo, geralmente de propriedade dos próprios moradores da edificação, e residências no andar superior. Essa parcela urbana, a mais consolidada e palco de grandes transformações na década de trinta, se denominará área de estudo. É o local que comporta a área-residência e os elementos primários.

A limitação do estudo da cidade através da definição da área de estudo foi a maneira encontrada para melhor explorá-la e por representar uma parcela urbana de grande importância e referência para o desenvolvimento da cidade. Isso não significa deixar de lado o entorno e sim sempre considerá-lo nessa análise, para justificá-la e ratificá-la. Cabe ressaltar novamente que esta é uma análise da forma urbana.

Rossi esclarece:



“[Aqui] as áreas são sempre entendidas como unidades do conjunto urbano que emergiram através de uma operação de diferentes processos de crescimento e diferenciação, ou então aqueles bairros ou partes da cidade que adquiriram características próprias.” (2001: 66)

No mapa ao lado se identifica o centro da cidade, área de concentração deste estudo.

Mapa 11 - Centro da cidade de Erechim com a localização das ruas.

Fonte: desenho da autora baseado no aerofotogramétrico.

3.1.2 ARQUITETURA

A análise da arquitetura permite desmembrá-la em tópicos para melhor compreender o seu conjunto: a escala, composta em diferentes níveis pelo edifício, a rua, o bairro e a própria cidade; as permanências, através das quais se identificam os tempos da cidade; e as funções, que em constante mudança mostram a evolução da cidade através das ações dos processos locais e globais.

Considerando o conjunto urbano que se configurou pela reunião das edificações em madeira,

Capítulo 3

obté-m-se uma escala de cidade comparada com as pequenas cidades do interior do Estado. As edificações de dois pavimentos (algumas inclusive com sótão) se distinguem apenas quando analisadas na escala da rua quando se percebem os dois ou três andares, as funções (residência e comércio) e a arquitetura (inclinação do telhado e uso da madeira); ao contrário, quando observadas no conjunto do bairro formam uma unidade que representa a simplicidade do imigrante tanto por sua falta de recursos quanto por sua origem modesta.

As permanências dizem respeito à ação do tempo no desenvolvimento da cidade. A continuidade dos fatos urbanos confere à cidade sua historicidade. Através da forma urbana que permanece e que se modifica, identificam-se os processos que atuaram na cidade e assim, se configura a sua linha histórica. A presença de elementos permanentes na estrutura urbana é importante no estudo da sua formação histórica pois possui poderes sobre a evolução e a continuidade da cidade. Se enquadram como elementos permanentes em Erechim os edifícios públicos e o plano urbano.

A área-residência, definida pelo ponto de vista da função, reflete o modelo de sociedade que a idealizou e a utilizou. Suas edificações modelo justificam seu caráter funcional e, quando

Capítulo 3

tratadas como conjunto, servem de referência para o crescimento da cidade bem como para sua caracterização. Na cidade de Erechim as edificações contidas na área de estudo permitem compreender a forma de ocupação dos terrenos aliada à necessidade de habitar dos imigrantes que chegavam à região. A transformação desta parcela da cidade nos anos trinta amplia e reforça sua importância e revela a retomada do desenvolvimento que a cidade experimentou nos anos seguintes.

O estudo da arquitetura através da análise das edificações com base nos elementos propostos, permite o entendimento da cidade como conjunto sob o ponto de vista da forma urbana, como também a ruptura porque ela passada na década de trinta. A identificação da área-residência a torna elemento principal de estudo sob os três aspectos escala, permanências e função. A residência é onipresente e é encontrada em todos os tipos de cidade ao longo de toda a era humana. O conjunto de residências é parte da forma da cidade e sua execução reflete os ideais de seus moradores, na maioria das vezes.

Viollet-le-Duc, afirma:

Capítulo 3

“Na arte da arquitetura, a casa é certamente o que melhor caracteriza os costumes, os gostos e os usos de um povo; sua ordem, assim como sua distribuição, só se modifica em tempos muito longos.” (1854-69: 214, apud ROSSI, 2001: 80)

Seguindo a lógica da implantação do traçado, de características modernas, pressupõe-se a inserção de edifícios que condissessem com o plano, utilizando as novas técnicas e materiais aplicados em edificações modernas. Esses modelos podiam ser encontrados em inúmeras cidades, inclusive no Brasil e no Rio Grande do Sul no início do século XX.

Em Erechim a história configura um contraste. As casas se distanciam muito das características modernas utilizadas na execução de edifícios na era industrial. As edificações foram executadas em madeira e com apenas um ou dois andares podendo ser classificadas segundo a origem européia de seus criadores. As casas italianas foram erguidas por descendentes de imigrantes que vieram das antigas colônias do Estado e, portanto já tinham adquirido hábitos nacionais de construção. Mas segundo afirma a arquiteta Maríndia Detoni (1997), estudiosa da cidade e sua arquitetura, eles ainda guardavam na memória suas casas na Europa.



Fig. 15 e 16 – Modelo de casas européias com a forte presença do telhado inclinado. Imagens de Cedynia, uma cidade no interior da Polônia. Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Erechim.

Capítulo 3



Fig. 17 e 18 – Modelo de edificação de origem italiana - Casa Trombini, e polonesa, em 1014.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal

A divisão interna da casa separava a cozinha que ocupava os fundos do lote, uma adaptação realizada no Brasil devido ao uso abundante da madeira na construção. Na Europa a casa era feita em pedra e mantinha a cozinha no centro da construção para aquecimento da casa. Assim, o lote com 1250 m² de área era ocupado desde sua frente, para favorecer o comércio, até os fundos, com um grande pátio para o plantio de hortaliças e a criação de animais domésticos, assim como para a construção da cozinha, intermediado pela residência que, além do térreo possuía o sótão e o porão, ambos para armazenar mantimentos.

A casa polonesa era bastante semelhante à italiana pois os imigrantes se estabeleceram nas mesmas colônias velhas e adquiriram hábitos comuns pela convivência, trazendo-os para a nova colônia. A cozinha ainda era separada da casa, havia o porão e o telhado em duas águas. A diferença se encontra apenas no detalhe construtivo, que ao invés de pregos os poloneses adotaram os encaixes de madeira, detalhe que os liga às origens européias.

A casa alemã tem uma característica típica que é o modelo enxaimel, mas nunca foi implantada em Erechim. Os dois exemplares mais característicos construídos por alemães são bastante semelhantes às demais construções apenas ocupando uma área maior do terreno.

Capítulo 3

As casas e os prédios comerciais têm a mesma estrutura, o uso da madeira, a divisão interna, a altura e os adornos, que as singularizavam conforme a procedência de seus executores. O modelo seguido pelos imigrantes se adaptou ao terreno e às novas condições climáticas e financeiras, como também ao grande fornecimento de madeira devido ao desmatamento da região.

A seqüência de casas na avenida criou um conjunto homogêneo que permaneceu até o início dos anos trinta. Esse conjunto de edificações é um fato urbano representativo da tradição dos imigrantes europeus. Os casarões de madeira começaram muito simples no início de sua trajetória e ao longo dos anos passaram a receber adornos entalhados na madeira. O conjunto de edifícios que define a "fachada" da Avenida José Bonifácio em Erechim ao mesmo tempo que contém as atividades fixas, como o comércio no térreo, também conta com as residências, no andar superior. Essa característica funcional permaneceu no centro da cidade de Erechim apesar da destruição das edificações pelos incêndios. As novas construções assumiram a mesma função apesar da mudança da forma.



Fig. 19 - Fotografia da década de trinta onde se identifica a presença da arquitetura dos imigrantes.

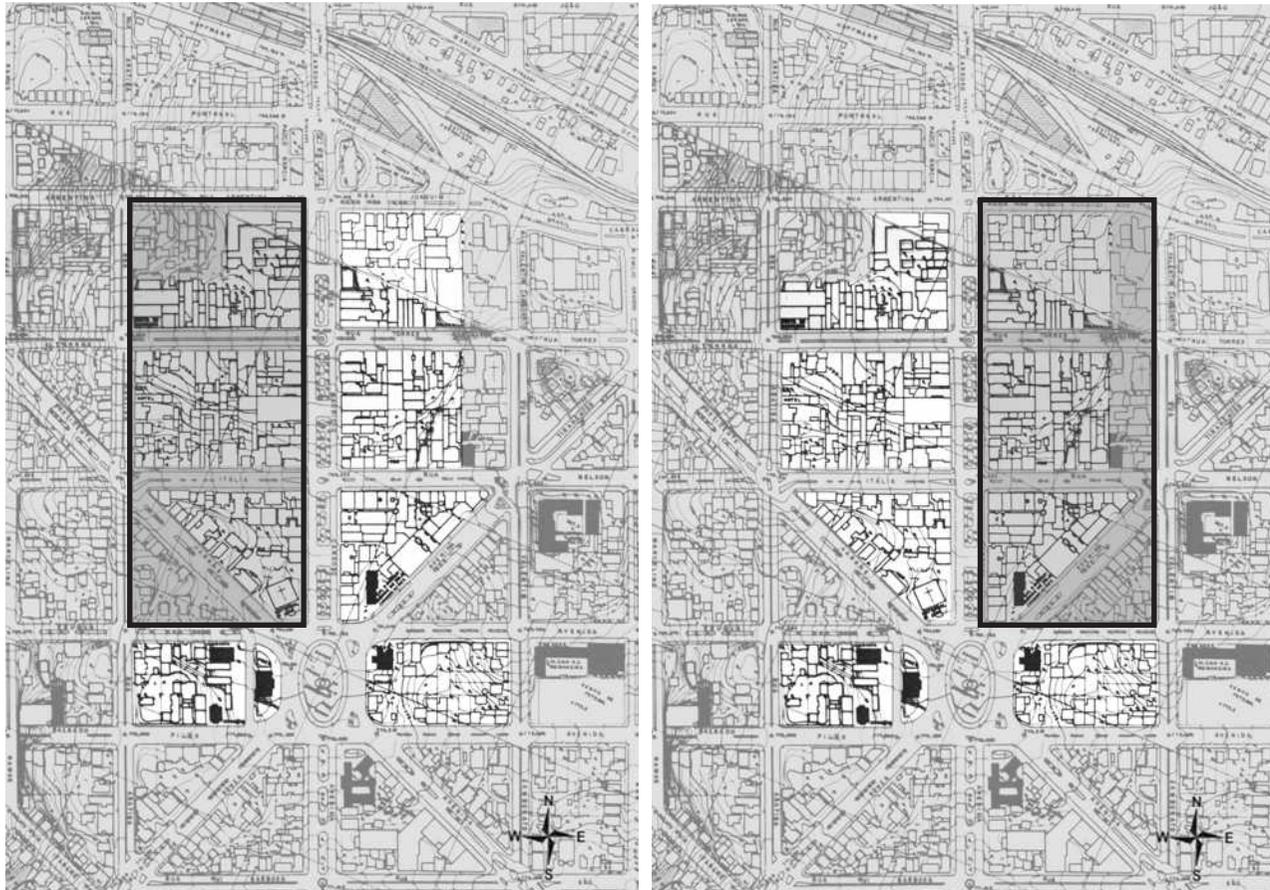
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Fig. 20 - Fotografia do centro em 1927 onde se identifica a presença da arquitetura dos imigrantes.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Capítulo 3



A seguir serão apresentadas as fachadas da Avenida José Bonifácio antes dos incêndios podendo ser observadas as construções em madeira e seu telhado inclinado formando um homogêneo conjunto urbano. Podem também ser observadas as ocupações dos edifícios no terreno.

Fig. 21 e 22 – Localização do lado oeste e leste do centro da cidade de Erechim, respectivamente.

Fonte: modificado pela autora.

Capítulo 3

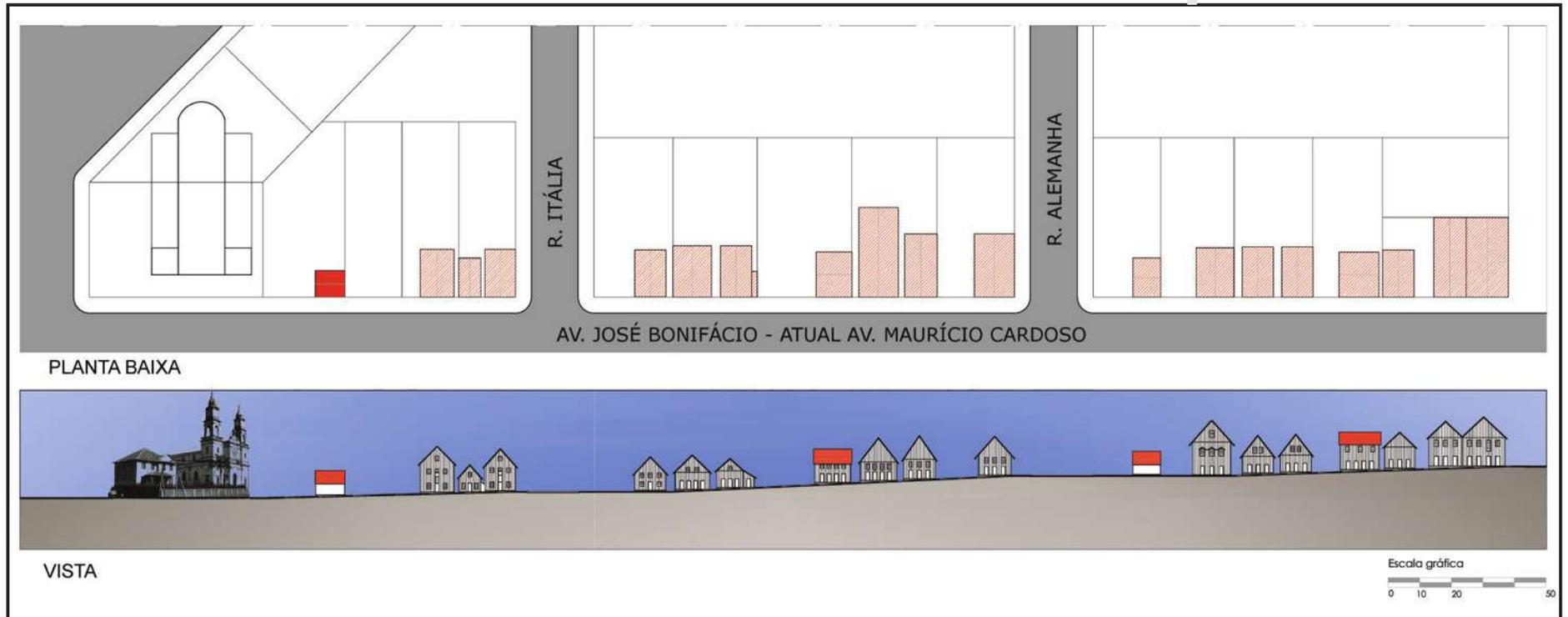


Fig. 23 - Planta baixa e vista oeste da via central elaborada a partir de fotografias da década de trinta.

Fonte: desenho da autora baseado em fotos.

Capítulo 3



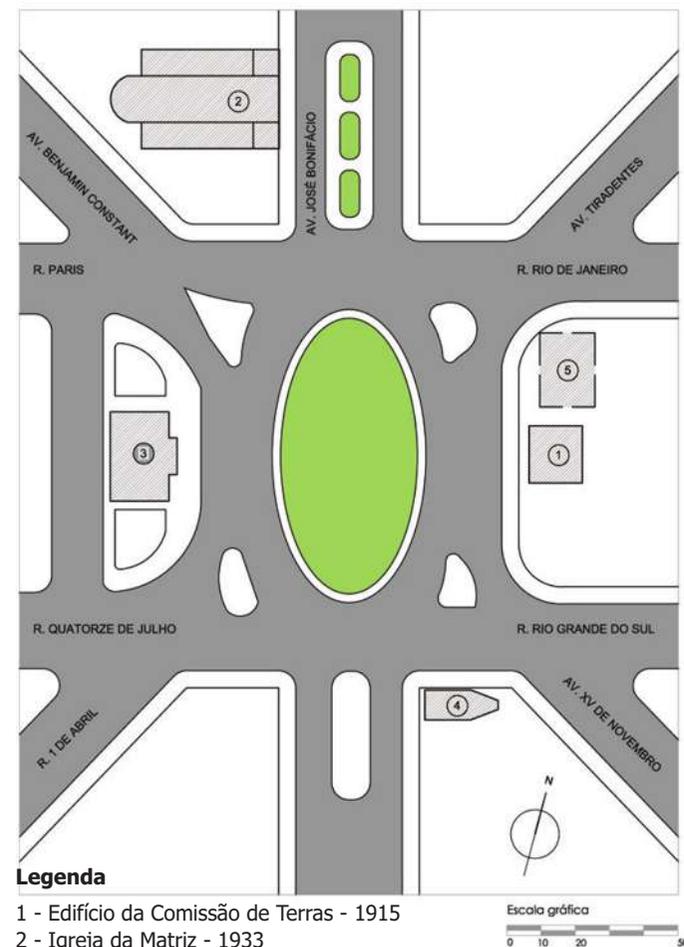
Fig. 24 -Planta baixa e vista leste da via central elaborada a partir de fotografias da década de trinta.

Fonte: desenho da autora baseado em fotos.

Na área em estudo também se identificam os elementos primários. Estes são assim chamados por fazerem parte da evolução da cidade, por seu caráter permanente. Os elementos primários juntamente com os edifícios-residência configuram a estrutura da cidade. (ROSSI, 2001: 115)

Segundo a definição de Rossi, compreendem os elementos primários: as atividades fixas (edifícios públicos, comerciais, educacionais, de saúde, etc); os monumentos e o plano urbanístico, todos considerados em um tempo da cidade e "capazes de acelerar o processo de urbanização da cidade." (op. cit., 2001: 116). A grande diferença dessa categoria para as áreas residência é o seu caráter público.

Em Erechim, a configuração proposta pelo plano onde uma avenida atravessa a cidade e que em determinado momento é interrompida por uma praça de formato oval cercada de edifícios públicos certifica a coexistência da área-residência e dos elementos primários. O centro da cidade, local onde se estabeleceu o setor cívico-religioso, assumiu esse caráter desde sua origem imposta pelo plano moderno. Nesse setor foram instalados os edifícios públicos nessa ordem: Edifício da Comissão de Terras, hoje conhecido como Castelinho, Igreja da Matriz, Igreja da Prefeitura, Igreja e Fórum Municipal - construído em 1954



- Legenda**
- 1 - Edifício da Comissão de Terras - 1915
 - 2 - Igreja da Matriz - 1933
 - 3 - Edifício da Prefeitura - 1932
 - 4 - Igreja
 - 5 - Fórum Municipal - construído em 1954

Fig. 25 - Imagem da planta com a área central e os edifícios de cunho político e religioso.

Fonte: desenho da autora baseado em planta aerofotogramétrica e fotos.

Capítulo 3

demolida no final da década de sessenta, Prefeitura Municipal, edifício eclético feito sob encomenda por um escritório de Porto Alegre e Fórum Municipal, construção moderna localizada ao lado do Castelinho.

Essa configuração do centro cívico-religioso representou, e ainda hoje assume esse papel, o elemento primário propulsor do desenvolvimento urbano. É o ponto de encontro da população, local de realização das atividades sociais, políticas, e união das dez ruas que convergem para a praça principal. O conjunto formado pela morfologia e pela vida social desse setor o fortaleceu e o tornou elemento permanente na cidade.

Em grande parte das cidades após a metade do século XIX o que se viu foi uma renovação geral, que modificou edifícios, funções e, conseqüentemente, a paisagem urbana. Nesse sentido é que a arquitetura, através das residências e dos elementos primários, assume extrema importância pois reflete na sua forma a forma da cidade e sua sociedade.

Erechim antes do incêndio convivia com os ares de modernidade impostos através do plano, mas sempre em contraste com a simplicidade e rusticidade de seu povo, expressos nas

edificações em madeira e com poucos adornos. É certo que o passar dos anos modificaria a sua imagem da cidade, através da evolução das formas, da arquitetura, do surgimento das novas necessidades. Mas este trabalho se propõe a observar como um acidente foi capaz de modificar tão rapidamente uma cidade que provavelmente levaria anos para chegar a sua forma atual.

3.1.3 MARCOS URBANOS E VIDA SOCIAL

Tricart afirma:

“[...] o estudo do conteúdo social deve vir antes da descrição dos fatos geográficos que dão à paisagem urbana seu significado. Os fatos sociais, na medida em que se apresentam como conteúdo, precedem as formas e as funções e, por assim dizer, as abrangem.” (1963, apud ROSSI, 2001: 33)

Para se entender o conteúdo social faz-se necessária uma análise em diferentes escalas. O olhar próximo à cidade de Erechim revela o convívio e a ajuda mútua dos habitantes na construção de suas residências no período de formação da cidade. O esforço em recolher

Capítulo 3

material, planejar e construir resultou num conjunto urbano que foi modelo para as demais construções em expansão. Essa é a escala da rua, que revela os imóveis e sua localização dentro do terreno. A ocupação do terreno pelo edifício, como já apresentado, demonstra a necessidade de reunir em um único espaço a moradia, a agricultura e o trabalho comercial. Esse tipo de ocupação é resultado da necessidade de subsistência aliada ao trabalho no comércio como complementação da renda.

O estudo da forma urbana proposto também está relacionado às ações da população, através das práticas sociais e do seu campo de atuação. Lefebvre apresenta uma “[...] distinção entre a cidade, realidade presente, imediata, dado prático-sensível, arquitetônico e por outro lado o “urbano”, realidade social composta de relações a serem concebidas, construídas ou reconstruídas pelo pensamento.” (LEFEBVRE, 2001: 48). E é a partir da associação dessas duas realidades que se entende a cidade antes e depois dos grandes incêndios.

Para Carlos a forma também está carregada de valor social e essa abordagem chega até ao plano da memória, pois os ritmos da vida cotidiana se ligam à duração das formas e as suas funções. O espaço – noção abstrata – ganha materialidade por meio da prática social que se

Capítulo 3

realiza em determinado lugar, como modo de apropriação desse lugar. (2001: 51)

A morfologia apresentada nas páginas anteriores permite identificar as características que remetem à memória do imigrante europeu, entre elas, o telhado, inclinado para facilitar o escoamento da neve (que no Brasil é escassa mas na Europa é constante); a madeira, material em abundância no local que ainda estava sendo desmatado, utilizada nas construções lembrava a arquitetura européia; a composição da casa, dividida em porão, térreo e sótão, também as aproximava das residências européias.

Afastando o olhar chega-se ao bairro e, em seguida, a cidade como um todo. É a noção de conjunto oferecida pelos mapas, é a visada geral unificada proposta por Lefebvre. (1972: 122). Sob esse aspecto é que se sobressai a planta da cidade, projeto desenvolvido previamente e anterior à ocupação do terreno pelos imigrantes e sem nenhuma influência dos mesmos. A planta da cidade foi desenvolvida por agentes externos, representantes do governo e alheios a todas as necessidades e expectativas da população que a ocuparia. Essa visão do conjunto de caráter sólido e permanente, torna-se pano de fundo para se detectar as grandes transformações urbanas sofridas por esta cidade.

Capítulo 3

3.1.4 URBANISMO

A teoria das permanências, através do estudo do passado em comparação com o presente a fim de projetar o futuro tem como um dos elementos de análise o plano urbanístico. Ele pode ser considerado um fato urbano e permanente, gerador de centralidade e propulsor do desenvolvimento da cidade, o que aconteceu principalmente após os grandes incêndios em Erechim.

Através de análise da planta atual da cidade se entende as marcas deixadas pelo tempo, principalmente quando comparada com a planta do projeto inicial. As adaptações ao terreno se observam no projeto implantado com modificações frente ao projeto original. Através da planta e de sua disposição na região verifica-se o objetivo do projetista de torná-la um centro para onde se concentrariam bens e serviços e de onde se teria acesso aos núcleos da região do Alto Uruguai. É também na planta que aparece a orientação de suas vias, as transformações urbanas ao longo do tempo e as persistências.

Rossi, citando Poete, afirma que:

Capítulo 3

[...] as cidades permanecem em seus eixos de desenvolvimento, mantêm a posição dos seus traçados, crescem segundo a direção e com o significado de fatos mais antigos, muitas vezes remotos, do que os fatos atuais. Às vezes, esses fatos permanecem idênticos, são dotados de uma vitalidade contínua, às vezes se extinguem, resta então a permanência da forma, dos sinais físicos, do 'locus'."

(POÈTE, 1958 apud ROSSI, 2001: 52)

Em Erechim, a força do traçado aliada à presença da estrada de ferro estimularam o crescimento e a intensa transformação por que a cidade passou. Rossi comprova a importância do plano e dos elementos de referência para implantação do mesmo, como ocorreu em Erechim, através da apropriação do conceito atribuído a Lavedan:

"Quer se trate de uma cidade espontânea ou de uma cidade deliberada, o traçado de sua planta, o desenho das suas ruas, não se devem ao acaso. Existe uma obediência às regras, seja inconscientemente no primeiro caso, consciente e abertamente no segundo. Existe sempre um elemento gerador do plano."
(LAVEDAN, 1959: 91 apud ROSSI, 2001:141).

O modelo implantado na cidade de Erechim encontra-se no período de experimentação das cidades modernas e o projeto realiza-se de forma parcial, através do desenho da malha viária.

Capítulo 3

Apesar de este não ter sido implantado em sua totalidade e de o plano ser sempre um tempo da cidade, o projeto urbanístico assume extrema importância no momento da necessidade de reconstrução da cidade.

Sob o ponto de vista do traçado urbano observa-se o grande impacto que a malha implantada em Erechim causou na formação da imagem da cidade. A partir dele, pode-se classificar a cidade como "cidade de fundação": uma cidade construída a partir de um plano encomendado pelo governo, que também escolheu a região de implantação e o modelo a ser adotado. Como se observa no projeto do traçado urbano, a idéia para a cidade era um modelo nos moldes do urbanismo moderno, com ruas largas (40 metros) definidas em um xadrez básico onde se sobrepuseram as diagonais, também com 40 metros. O ponto de convergência das avenidas principais se consolidou como o centro cívico-religioso.

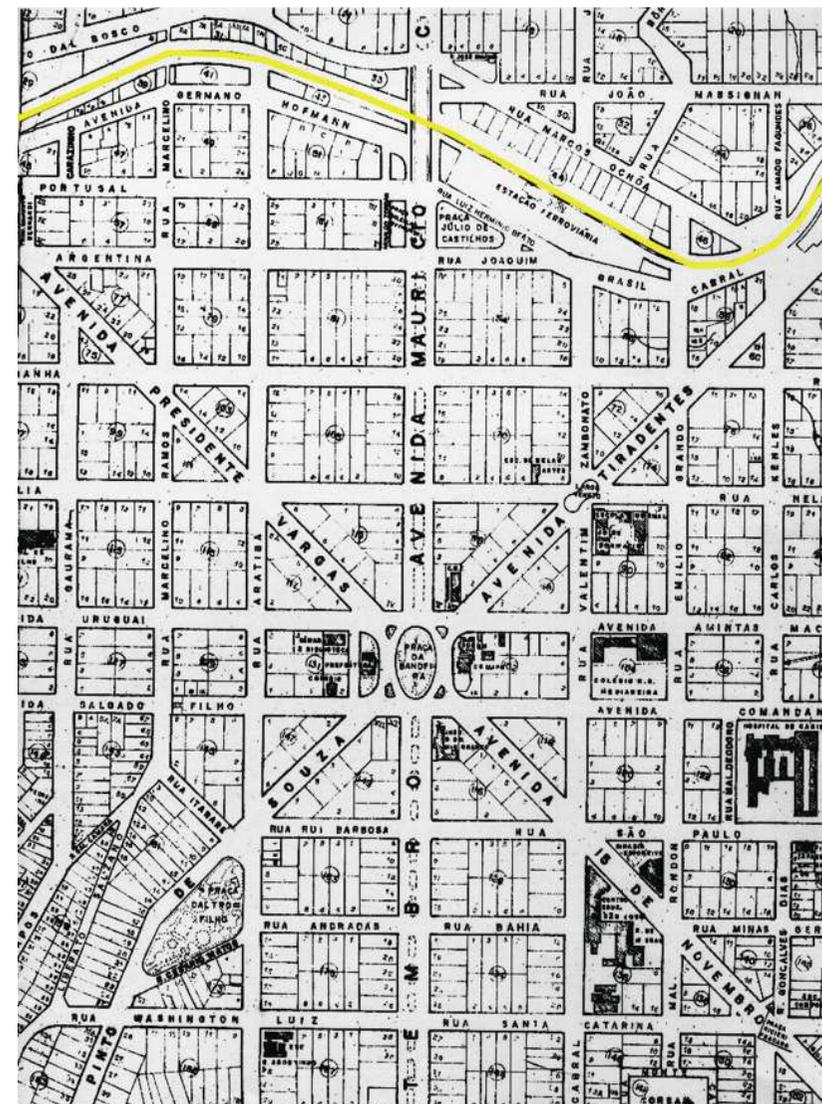
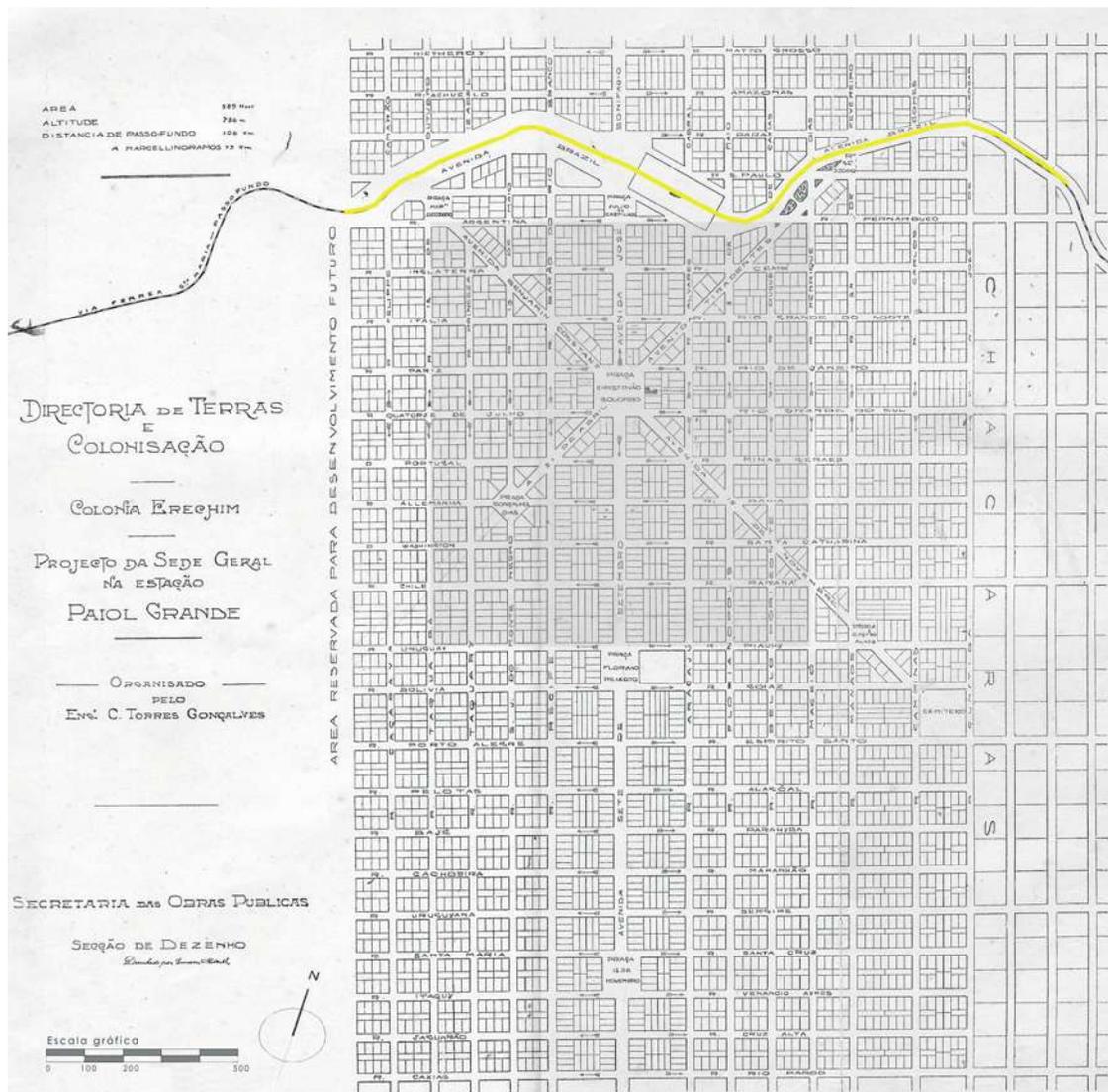
Essa disposição pode ser comparada a inúmeras já realizadas no Brasil e no mundo e torna-se pouco relevante se não for, imediatamente, associada à forma de apropriação desse espaço ao longo dos anos diferenciado apenas pela transformação gerada pelos incêndios.

Capítulo 3

Esta análise apresenta o contraste entre tradição e modernidade e a importância da origem da cidade nas grandes mudanças que enfrentou. Através da forma urbana é que se verifica a especificidade da cidade, como local da arquitetura e da ação do tempo, da globalização e da individualidade. A cidade torna-se “um fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede de acontecimentos antigos e novos, por sua memória.” (ROSSI, 2001: 152)

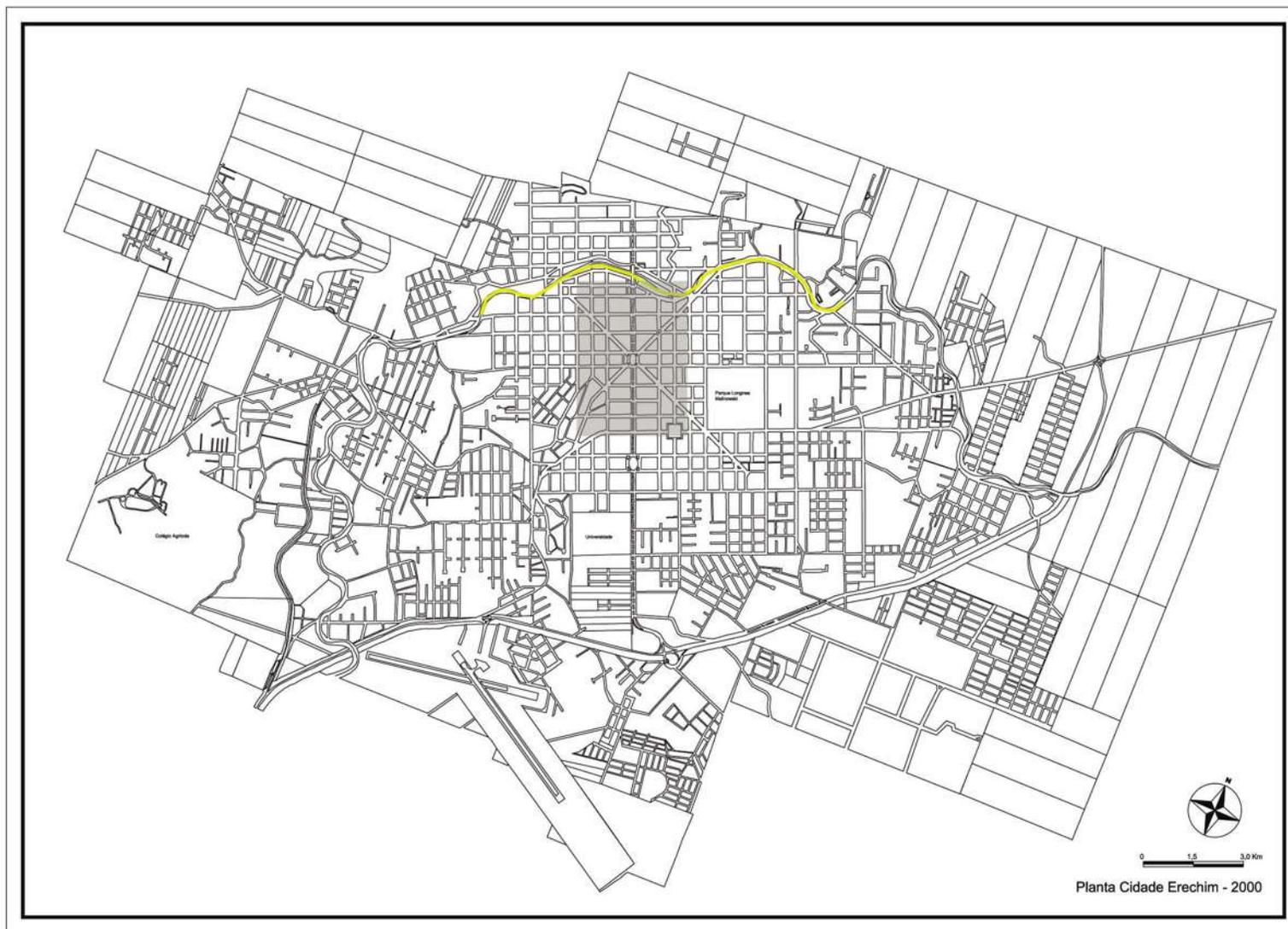
A arquitetura contribuiu na análise da cidade juntamente com a sociedade devido a sua influência na instalação e no desenvolvimento da cidade e na sua historicidade, pois revelam o passado através das marcas destacadas na planta da cidade. O plano urbano complementa essa análise e reforça a idéia de contraste estabelecida no início desta discussão. Todas essas abordagens buscam explicar a forma de Erechim desde sua origem, chegando principalmente à conquistada após sua destruição.

Nos mapas a seguir se observa a força do traçado na cidade de Erechim. O primeiro refere-se ao projeto de Torres Gonçalves, o segundo, ao projeto definitivo executado pela Comissão Regional e o terceiro ao traçado planejado inserido na planta da cidade existente em 2000.



- Linha férrea
- Área representada no projeto implantado conforme mapa ao lado

Mapa 12 e 13 - Projeto de Torres Gonçalves (1914) e projeto implantado (1914 – 1950).



Mapa 14 - Plano atual (2000).

Fonte: FUNFGELT, K. 2004.

Capítulo 3

3.2 FOGO!

“Se tudo o que muda lentamente se explica pela vida, tudo o que muda velozmente se explica pelo fogo.”

(BACHELARD, 1999:11)

A cidade de Erechim se desenvolvia e se afirmava como centro de atração da população imigratória que por sua vez dispunha de toda energia para contribuir com o crescimento da região. Era final dos anos 20 e as mudanças políticas estavam agitando os representantes das cidades que, a mando do governo estadual, buscavam adotar medidas para acelerar o desenvolvimento das mesmas.

Em Erechim esse período representou um marco na história da cidade. Depois de mais um dia de rotina a chegada da noite do dia 8 de novembro de 1931 iniciou o período de grandes perdas com o incêndio que começou no edifício do cinema (a cidade contava com dois na época).

3.2.1 PRIMEIRO INCÊNDIO

Este incêndio deixou o primeiro vazio na avenida principal que perdeu sua configuração e homogeneidade adquiridas ao longo dos seus primeiros vinte anos.

Em 8/11/1931, iniciou-se o fogo durante uma sessão cinematográfica e destruiu o cinema e mais 12 casas de comércio situadas na quadra entre a Av. José Bonifácio, Rua Torres Gonçalves e Av. Joaquim Brasil Cabral.

Segundo Miguel Illa Font:

“No começo da noite de 8 de novembro(1931), ao iniciar-se a sessão cinematográfica, irrompe no cinema Avenida incêndio que atinge grandes proporções, destruindo doze casas da quadra compreendida entre a Rua Torres Gonçalves e a Avenida Joaquim Brasil Cabral. Era um dos locais de maior movimento comercial da vila, sendo enormes os prejuízos. O fogo devorou casas de comércio, joalherias, café, hotel, açougue, padaria e uma farmácia. Após insano trabalho populares e elementos do destacamento da Brigada Militar conseguiram isolar o prédio em que funcionava o Banco da Província.” (ILLA FONT, 1983. p. 222)

Capítulo 3

As edificações destruídas eram todas em madeira e abrigavam comércio no térreo e habitação no segundo pavimento, com algumas exceções, como o edifício do cinema, de uso exclusivo desta função.



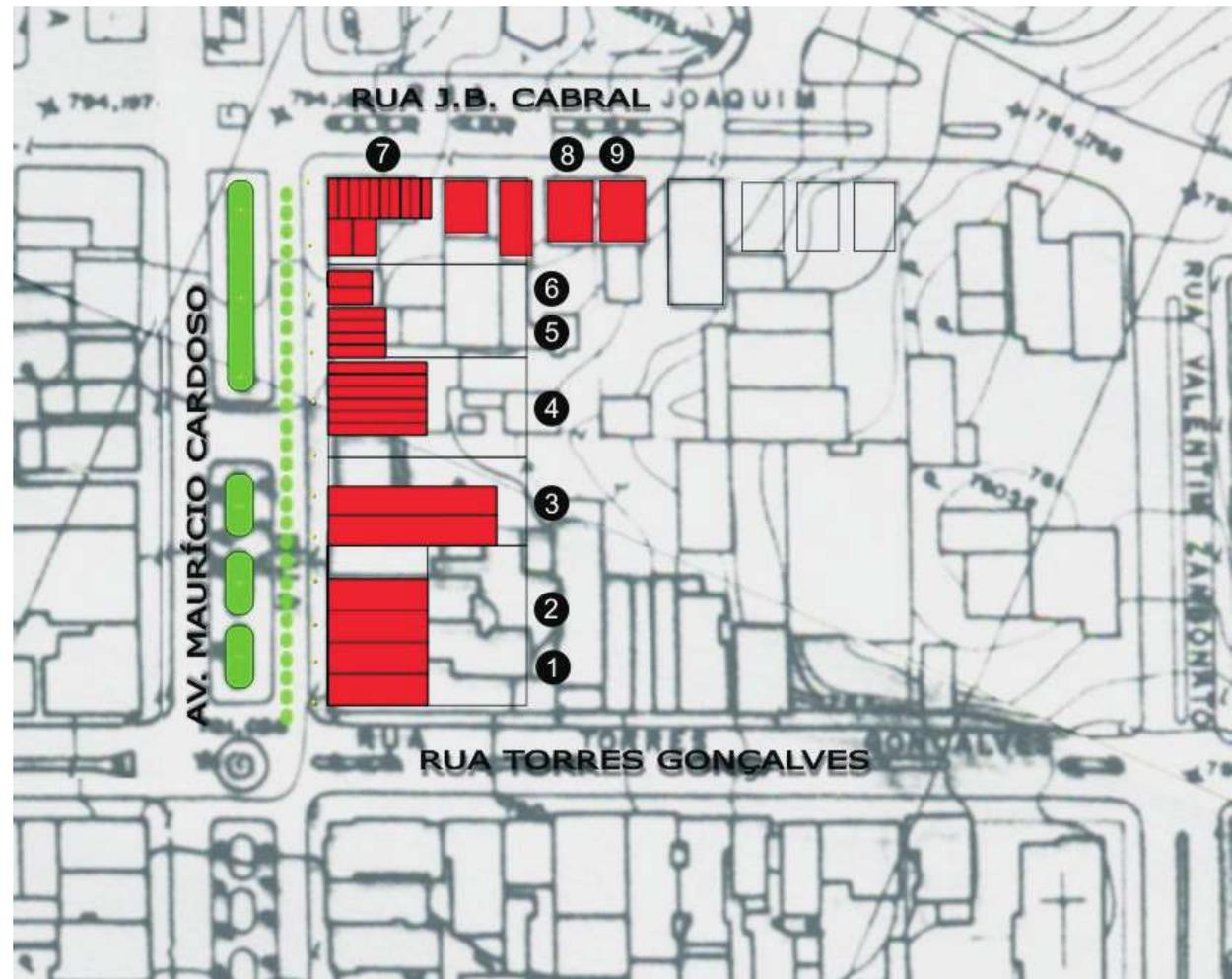
Fig. 26 e 27 - Incêndio em 1931.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Casas incendiadas:

- 1-Casa Americana, de João Magnabosco;
- 2-Cinema Avenida, da família Noal, Açougue Primavera;
- Padaria Gaúcha ;
- Café Central, de Domingues Pessot;
- Funilaria Vachi e Jacques Vachi;
- Casa de roupas Renner, de João Pedro Lorenz;
- Casa de roupas feitas, de Julio Galbinski;
- Casa Comercial, de Natalício Arenzoni;
- Açougue Modelo, de Domingos Titon;
- 7-Hotel Familiar, de Silvio de Marchi;
- Barbearia Brasil;
- Loja da firma Schubski & Starosta;
- Barbearia Granella *
- 9-Pharmacia minerva.

A - Antigo Banco da Província preservado no incêndio.



* Os itens sem numeração não foram possíveis de identificação em planta durante a pesquisa, mas constam na lista das edificações incendiadas fornecida pelo estudioso Altair Menegati.

Fig. 28 - Localização e identificação das edificações destruídas pelo primeiro incêndio.

Fonte: desenho da autora sobre planta aerofogramétrica baseado em descrições de autores locais

Capítulo 3

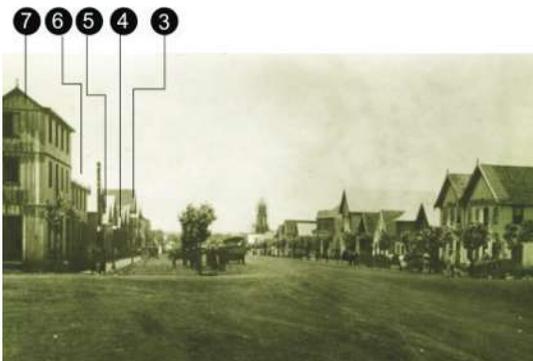


Fig. 29 e 30 - Avenida José Bonifácio com indicação das edificações incendiadas no primeiro incêndio.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Esse incêndio abalou a população que demorou a reorganizar sua vida e reconstruir suas moradias. Alguns ainda migraram para áreas fora da avenida vendendo seus terrenos no centro. A reconstrução não seria fácil pois diversas imposições já vigoravam por lei e limitavam o tipo de edificação que seria construído na avenida principal, como o uso dos materiais construtivos, a altura dos edifícios e os adornos, o que geraria custos bastante elevados. Não se tem registro imobiliário dos imóveis antes do incêndio para uma avaliação mais profunda sobre a permanência das famílias nestes terrenos centrais, que tiveram suas edificações destruídas pelo incêndio. Ressalta-se apenas que o pagamento do seguro foi eficiente, pois a maioria dos imóveis contava com esse serviço oferecido por uma empresa privada. Ainda em fase de avaliação dos danos e início da reconstrução das edificações destruídas no primeiro incêndio, em junho de 1932 ocorre o segundo, dessa vez do lado oposto da avenida e na sua área mais central.

Capítulo 3

3.2.2 SEGUNDO INCÊNDIO

O segundo incêndio ocorreu em 23 ou 24 de junho de 1932 novamente na avenida principal, atingindo vários prédios que ocupavam quase uma quadra inteira.

“Durante as festas juninas a Vila é sacudida por outro grande incêndio. O fogo começa na casa Matté e vai se propagando rapidamente aos outros prédios até a esquina da Rua Alemanha.”
(ILLAFONT, 1983. p. 226)

Nesse momento a perspectiva que a avenida gerava com as fachadas homogêneas de suas edificações em madeira enfraqueceu. A imagem da cidade sofria perdas ao mesmo tempo que sua estrutura ainda estava se consolidando.

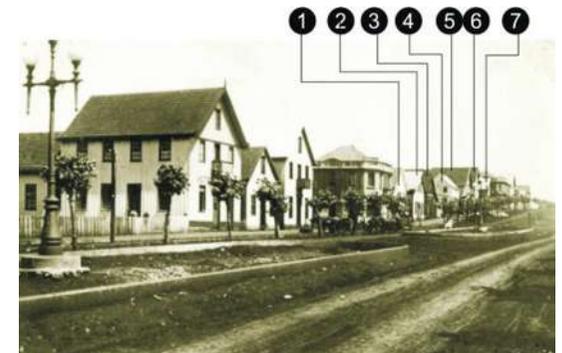


Fig. 31 e 32 - Avenida José Bonifácio com indicação das casas incendiadas no segundo incêndio.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Casas incendiadas:

- 1- Casa de Calixto Molon;
- 2- Padaria, de Alfredo Fischer;
- 3- Casa Walter de Walter, Matte;
- 4- Casa Favorita, de Schibski e filhos;
- 5- Prédio de propriedade de Saule Pagnoncelli;
- 6- Alfaiataria, de Augusto Stephanus e
- 7- Casa de Salvador Fossati.

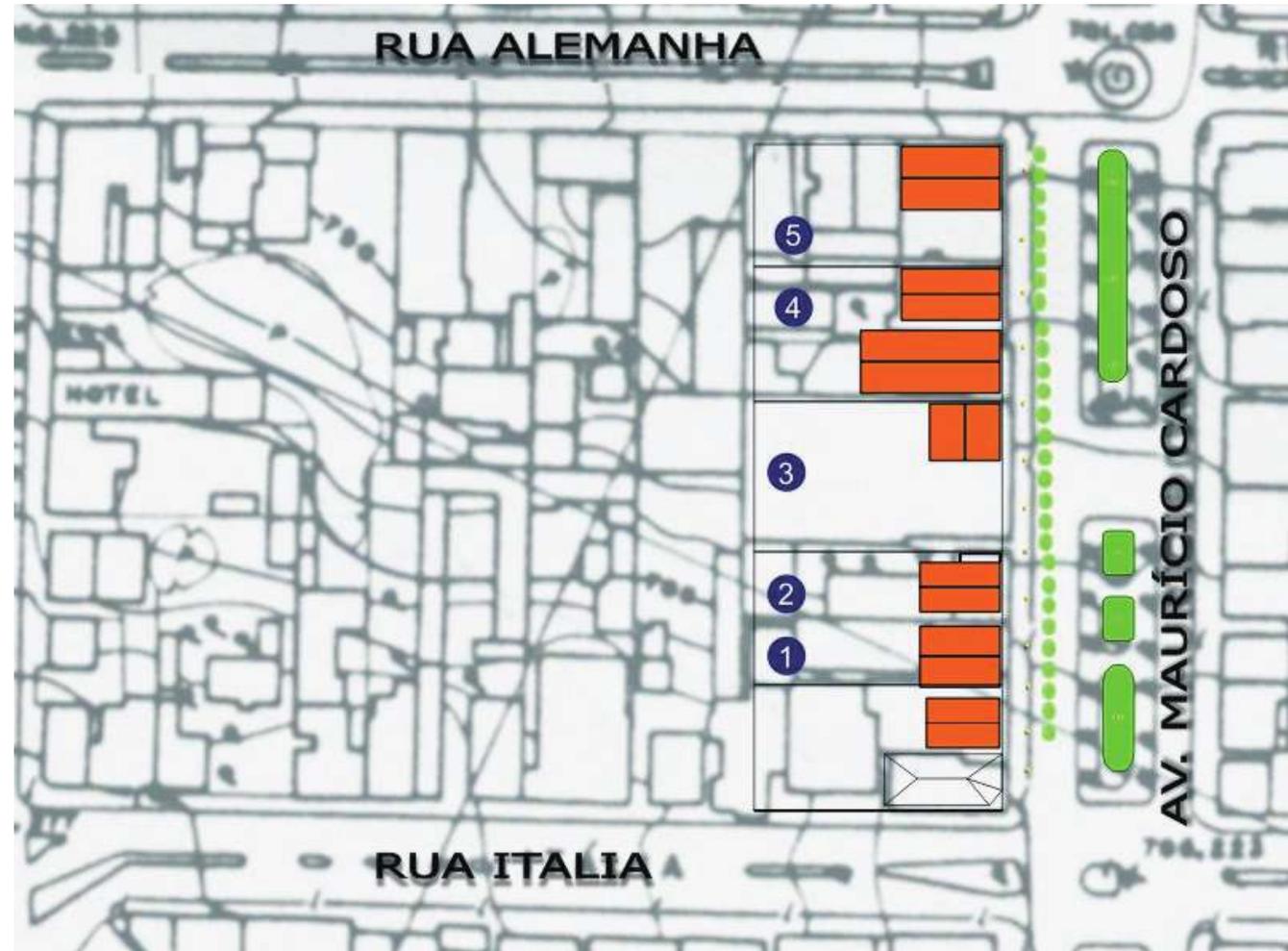


Fig. 33 - Localização e identificação das edificações destruídas pelo segundo incêndio.

Fonte: desenho da autora sobre planta aerofogramétrica baseado em descrições de autores locais.

Capítulo 3

3.2.3 TERCEIRO INCÊNDIO

O último incêndio iniciou em 3/3/1933 e queimou cinco prédios.

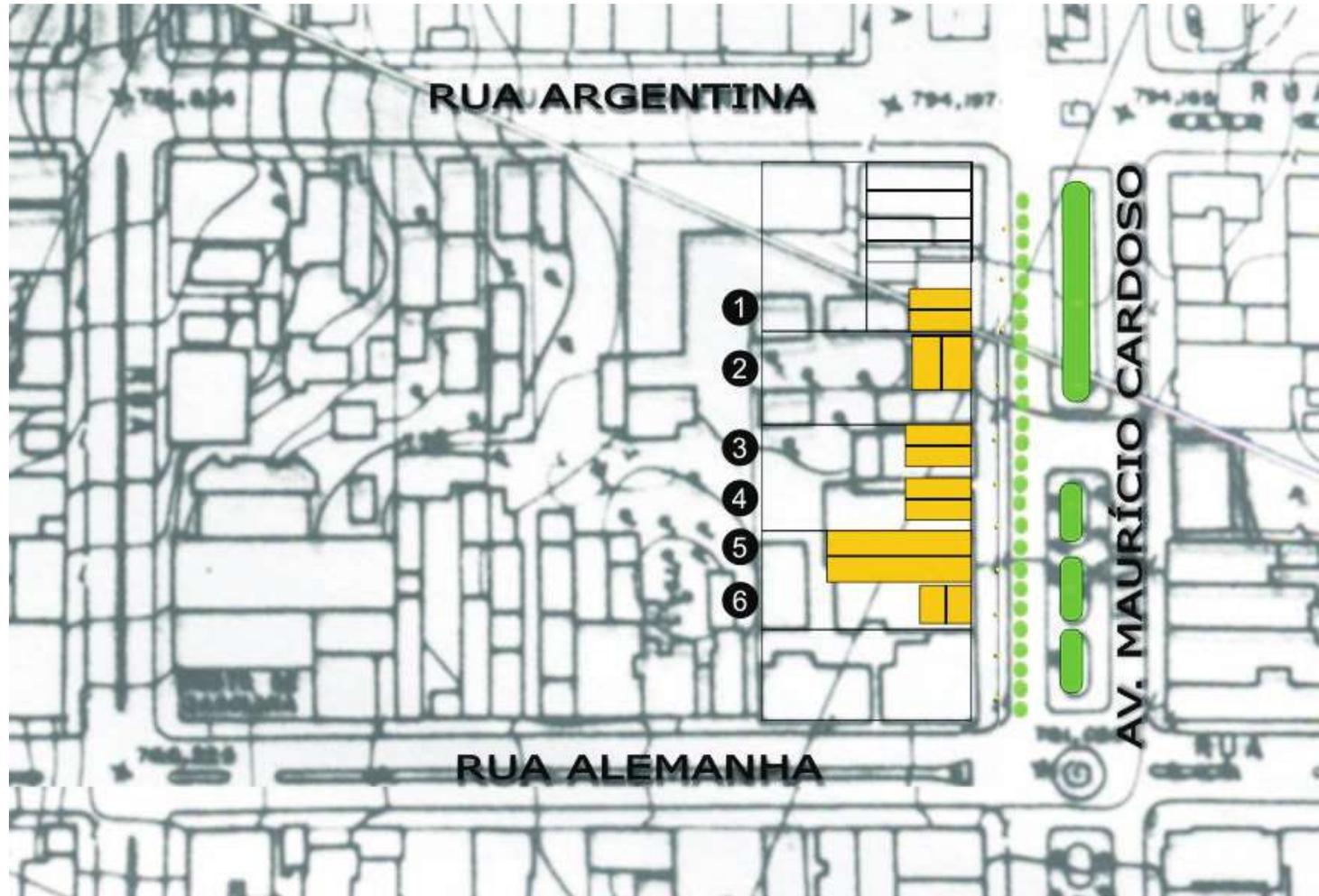
“O fogo se origina no prédio contíguo ao estabelecimento da firma Saulle Pagnoncelli & Filhos. Dessa vez o vento sopra de norte para o sul. As chamas se propagam do café Elite, de propriedade de Hugo Alovisei, Victor e Valdomiro Boeira, às casas vizinhas e somente se detém no Hotel Itália, de Antonio Sgarabotto, cuja parede lateral fora intensamente rescaldada por populares que acorreram em grande número (...)” (ILLA FONT, 1983. p. 234)

O terceiro incêndio causou danos graves à cidade. Segundo Waldemar Madalozzo, morador da cidade desde 1925, os prejuízos causados pelo incêndio contíguo à firma Pagnoncelli foram grandes “porque a maioria dos produtos chegavam em Erechim por intermédio dessa empresa”¹².



Fig. 34 - Incêndio em 1933.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

¹²Entrevista realizada em setembro de 2007 com Waldemar Madalozzo, nascido em 22 de dezembro de 1924.



Casas incendiadas:

- 1-Café Elite, de Hugo Alovise, Valdomiro e Victor Boeira
- 2-Casa Cima, de Tagliari Dal Sasso;
- 3-Casa São Paulo, de Jaime Zatt;
- 4-Prédio de Olinto Zambonato e Julio Berto;
- 5-Funilaria e fábrica de fogões Albano Tosetto
- 6-Ourivesaria de Ettore Cerioli.

Fig. 35 - Localização e identificação das edificações destruídas pelo terceiro incêndio.

Fonte: desenho da autora sobre planta aerofogramétrica baseado em descrições de autores locais

Capítulo 3

3.2.4 AS MARCAS DA TRAGÉDIA

“O fogo propaga-se mais seguramente numa alma do que sob as cinzas.”
(BACHELARD, 1999: 21)

Os incêndios queimaram os edifícios, que abrigavam residências e comércio, como também queimaram as lembranças, cartas e fotografias, documentos, escrituras, passaportes e identidades, mas, acima de tudo, queimaram etapas de formação e consolidação da cidade. Apesar do pequeno número de edificações incendiadas e de uma grande maioria acreditar na intencionalidade dos incêndios como forma de receber o dinheiro assegurado, eles marcaram a história da cidade e o início de um novo processo¹³.

O tempo de destruição das edificações não se resume à noite do incêndio, quando ainda se viam as chamas. Os atingidos pela tragédia carregaram consigo essa lembrança e suas marcas ficaram em cada pedaço reconstruído.

Até quem não sofreu as perdas físicas que o incêndio provocou lembra-se com tristeza



Fig. 36 e 37 - Avenida José Bonifácio com indicação das casas incendiadas no terceiro incêndio.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal

¹³Existem alguns registros que afirmam terem sido os incêndios intencionais devido ao dinheiro que seria pago pela seguradora.

Capítulo 3

“Quando isso tudo acima ocorreu eu era um piaçito, mas estou lembrando com tristeza a aflição e o desespero dos que perderam patrimônio e bens obtidos em anos de trabalho e dedicação, buscando construir um futuro melhor para sua família.”¹⁴

.O fogo representa o temor mesmo que distante. “O fogo castiga sem necessidade de queimar.” (BACHELARD, 1999: 17). As perdas deixaram marcas inesquecíveis e algumas até irreparáveis.

O lado trágico do fogo (sim, pois ele pode ser visto sob outro aspecto) inicia ao mesmo tempo em que surge a primeira chama e se completa no momento em que ele cessa. Através da imagem da destruição se inicia o processamento das perdas físicas mas é durante o “tilintar” das chamas que o temor agita as pessoas e as fazem guardar na memória aquele momento naquele espaço.

Por outro lado, o fogo pode representar a mudança, a possibilidade para o novo ser implantado. No caso de uma cidade, o incêndio que destrói sua forma pode ser o anunciador de uma nova era e, desta forma, gerador de uma nova imagem urbana.

¹⁴Entrevista realizada em setembro de 2007 com Aristides Agostinho Zambonato, nascido em 1 de junho de 1921.

Capítulo 3

“Menos abstrato e menos monótono do que a água que flui, mais rápido inclusive em crescimento e mudança do que o pássaro no ninho vigiado a cada dia nas moitas, o fogo sugere o desejo de mudar, de apressar o tempo, de levar a vida a seu termo, a seu além.” (BACHELARD, 1999:25)

Premeditados ou não, a transformação que os incêndios geraram na paisagem supera esse questionamento deixando-o para outra pesquisa ou para quem realmente interessar-se em investigar essa questão. Nessa abordagem o que se torna relevante é o quanto esses atos modificaram a paisagem da cidade e aceleraram a sua modernização, desejo latente nos governantes positivistas e engenheiros civis atuantes nesse período.

A análise da planta da cidade fornece os dados para uma avaliação quantitativa da destruição, mas a transformação atinge todos os níveis da cidade: o crescimento espacial, a relação entre os bairros e o centro, a relação rua e edificação, a própria edificação, a vida social. A destruição foi grande obrigando proprietários e moradores a reconstruir o teto perdido.

Capítulo 3

3.3 ROMPIMENTO: CONTINUIDADES E TRANSFORMAÇÕES

3.3.1 A CIDADE INTERROMPIDA - DÉCADA DE 30

Um período de ruptura deve sempre ser caracterizado sobre o pano das continuidades. Através da forma urbana, analisando suas permanências e sua continuidade histórica é que serão detectados os momentos de ruptura.

A continuidade histórica é o processo de adaptação da cidade aos processos globais que atuam sobre ela e se desenrola no tempo necessário para que as mudanças sejam implantadas e a população se aproprie novamente desse espaço tornando-o específico. Os acontecimentos globais, como a industrialização, geram mudanças na realidade social que logo se atualiza. E é sobre essa contínua e dialética relação que podem ser detectadas as discontinuidades.

“Formas, estruturas, funções urbanas (na cidade, nas relações da cidade com o território influenciado ou gerido por ela, nas relações com a sociedade e o Estado) agiram umas sobre as outras e se modificaram, movimento este que o pensamento pode hoje reconstruir e dominar.” (LEFEBVRE, 2001: 54)

Capítulo 3

Esse ciclo demonstra que a cidade tem um tempo de transformação e de permanência e além dos acontecimentos globais que nela interferem, ela também necessita se reconstruir para suprir as novas necessidades que vão surgindo. Para Rossi “a continuidade dos fatos urbanos [...] deve ser buscada nas camadas profundas, onde se entrevêm certas características fundamentais que são comuns a toda dinâmica urbana.” (2001: 194) Para Fani Carlos as continuidades e descontinuidades ressaltam a forma como resultado dos “movimentos, construções, transformações” através da história. A cidade se configura espacialmente através da sua morfologia e a forma urbana resulta desta morfologia somada às “[...] continuidades como justaposição de formas históricas, de momentos diversos e [de] descontinuidades, momentos de transformações e/ou rupturas.” (CARLOS, 2001: 51).

Para Rossi as permanências são “[...] um passado que ainda experimentamos.” (2001: 49). Através delas serão detectados os momentos de ruptura, situados através da montagem periódica da história da cidade.

Estes autores apresentam uma forma de ver a cidade através da qual se entenderá o processo de transformação de Erechim caracterizado como um período de ruptura.

Capítulo 3

Segundo Duarte:

“Ruptura indica uma descontinuidade, uma mudança súbita de orientação no curso previsível dos acontecimentos, um corte com relação a um conjunto de valores e expectativas estabelecidos numa determinada época, acompanhado de um salto em direção a uma nova conjuntura, a ser instituída a partir da superação da conjuntura precedente.” (DUARTE, 2002: 1)

A ruptura é resultado do espaço e do tempo em que a cidade e a sociedade estão em processo de mutação.

Em Erechim, a ruptura identificada responde às mudanças geradas pelos incêndios. Enquanto as cidades mudaram seus equipamentos e sua arquitetura em função da necessidade de adaptação às novas atividades, ao aumento da população, às mudanças tecnológicas, Erechim não teve o mesmo destino. As mudanças ocorreram num curto período e de forma bastante radical.

Capítulo 3

“Mutações, mudanças, simples alterações têm, pois, tempos diferentes; fenômenos particulares, acidentais como as guerras ou as expropriações, podem subverter em pouco tempo situações urbanas que pareciam definitivas, ou essas mudanças podem se produzir em tempos mais longos e por modificações sucessivas, às vezes de elementos e partes isoladas.” (ROSSI, 2001: 210)

Os incêndios, desta forma, aceleraram a mudança da imagem da cidade através de uma drástica mudança na sua forma. Como um caso extremo e de grandes impactos os incêndios destruíram parte da história e, ao mesmo tempo, possibilitaram a construção de uma nova cidade.

Mas esses acontecimentos devem, sempre, ser analisados no seu contexto pois, segundo Halbwachs¹⁵, só desta forma é que a causa, as forças agentes de transformação, terão validade e importância para explicar as mutações. A periodização contribui para construir esse contexto.

Milton Santos aborda a periodização como uma:

¹⁵HALBWACHS, M. citado por ROSSI, A., por sua tese sobre as transformações geradas na cidade pela expropriação.

Capítulo 3

“[...] noção de regime e ruptura. O regime é dado pelo conjunto de variáveis funcionando harmonicamente, ao longo de um pedaço considerável de tempo, mas cuja evolução não é homogênea. [...] É a organização que mantém as coisas durante um certo período de tempo funcionando de uma dada maneira, apesar do movimento real da sociedade. Isto se mantém até o momento em que a organização deixa de ser eficaz. É aí que se dá uma ruptura, sinal de crise e de passagem a um outro período.” (op. cit., 1997: 83)

A cidade de Erechim nasce e se desenvolve sob a vigência das idéias positivistas e modernas. Por isso a implantação de um plano urbanístico nos moldes do urbanismo moderno e, principalmente, a nova forma adquirida após os incêndios, com a mudança da arquitetura através da implantação de edifícios ecléticos construídos em alvenaria, em substituição aos chalés de madeira. Estes foram resultado da política de imigração e colonização que imprimiu uma imagem bucólica para Erechim através da implantação da arquitetura vernacular desenvolvida pelos imigrantes.

As intervenções que provocam as mudanças o fazem sempre remetendo-as à história da

Capítulo 3

cidade e visando a sua evolução urbana. A transformação pela qual passou Erechim a partir dos incêndios provocou um grande choque pela destruição e pela necessidade de se reerguer. Ao analisar a história e a origem da cidade, assim como o contexto que se passavam os anos trinta, supõe-se a evolução urbana da cidade na mesma direção seguida após os grandes incêndios mas não se pode definir o tempo que a cidade levaria para se transformar caso não houvesse a ruptura causada pelos incêndios. Em Erechim tudo aconteceu de forma acelerada devido à necessidade de reconstrução. Amintas Maciel, governante de Erechim durante este período, foi um grande impulsionador das mudanças, com decretos que provocaram a modificação da forma urbana no mesmo período em que se sucederam os grandes incêndios.

O plano urbanístico da cidade de Erechim foi também um propulsor deste desenvolvimento. Desde o princípio a proposta do engenheiro Carlos Torres Gonçalves foi audaz para um pequeno núcleo que ainda se configurava como urbano, mas as suas idéias foram tomando força com o passar dos anos e, principalmente em 1930, com o apoio político que desejava mudanças, ele foi o elemento que conduziu as transformações nos moldes modernos e que permaneceu na forma urbana remetendo à continuidade histórica.

Capítulo 3

Ainda que um plano possa não ser implantado em sua totalidade e que sofra as intervenções de sua população ele oferece sempre um caminho a seguir. A urgência em desenvolver o núcleo e reconstruí-lo após os incêndios fez do plano a referência formal para a reforma moderna.

Sempre se referindo às mudanças sob o pano de fundo das permanências, pois estas guardam na sua forma os diversos tempos da cidade, podem ser observadas na cidade de Erechim, ainda nos dias de hoje, as marcas das edificações erguidas por moradores bem como o traçado viário, que recebeu pavimentação, iluminação e vegetação sem, contudo, perder suas características originais. A nova forma da cidade, ao ser comparada à da cidade pré-incêndio, explica a ruptura e estabelece uma descontinuidade na evolução urbana.

3.3.2 O INCÊNDIO COMO ACELERADOR DO PROCESSO

O tempo das grandes e pequenas mudanças encontra-se associado ao estudo da forma urbana.

Capítulo 3

“A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade. No próprio decorrer da vida de um homem, a cidade muda de fisionomia em volta dele, as referências não são as mesmas.” (ROSSI, 2001: 57)

O significado do tempo neste estudo se torna importante pois é nele que nos baseamos para classificar e ordenar os acontecimentos em uma cidade e seus componentes: a forma e a sociedade. Avaliar a passagem do tempo é possível através da verificação das imagens de uma cidade, como também através das mudanças sociais. Norbert Elias (1998) chama esse processo de velocidade de transformação classificando o tempo medido de forma mecânica, através dos símbolos criados pelo homem, e o tempo social, que acontece conjuntamente com o outro, mas em diferentes níveis. Nessa análise novamente estão presentes os elementos físicos verificáveis, os fatos urbanos, propulsores do desenvolvimento e, paralelamente, a memória coletiva, o lócus, a relação entre a cidade, a população e seu território.

Para Lefebvre (2001) a cidade reflete sua sociedade, então:

Capítulo 3

*“Aquilo que se inscreve e se projeta na cidade não é apenas uma ordem distante, uma globalidade social, um modo de produção, um código geral, é também um tempo, ou vários tempos, ritmos.”
(op. cit. 2001: 57)*

É certo que existe o tempo da evolução das formas e das técnicas para produzi-las, mas somente isso não pode ser considerado como fator explicativo da duração das formas na cidade. Além dessa verificação é necessário considerar “o ritmo do processo de reprodução do espaço urbano, (...) as persistências, resistências e mudanças” provocadas por esse ritmo, “pelas mudanças nas funções e nos modos de apropriação, vinculadas à divisão social e ao movimento das estratégias dos agentes produtores do espaço”. (CARLOS, 2001: 49). Conclui-se então que, mesmo sem a ação dos incêndios na cidade, sua forma sofreria alterações devido também à ação do tempo.

Essa análise temporal, a partir de uma montagem cronológica dos tempos da cidade de Erechim, destacados pela diferenciação das formas da cidade, através da arquitetura e da ação da população, permite também verificar como o processo foi acelerado pelos incêndios. Eles queimaram muito além das edificações, queimaram etapas de desenvolvimento e de

Capítulo 3

evolução da cidade, queimaram sonhos de uma população que tinha apenas doze anos de atuação na cidade.

A aceleração do processo só pode se afirmar com base na história da cidade apresentada. Ela revela na forma urbana os conceitos de tradição e modernidade que contrastaram até o episódio dos grandes incêndios. A partir destes, o contraste deixa de existir ao assumir, a arquitetura, um modelo moderno que vinha sendo implantado nos demais países e também nos estados brasileiros. Algumas cidades já modificaram radicalmente sua paisagem devido a acidentes e enfrentaram o problema da reconstrução como em Erechim.

A história de Chicago se assemelha por suas construções em madeira que foram destruídas em 8 de outubro de 1871, num incêndio que durou dois dias e matou cerca de 250 pessoas. O incêndio foi o motivo para que surgisse uma Chicago moderna, com a contribuição de diversos arquitetos do mundo inteiro a fim de reconstruir uma cidade com edifícios maiores, mais seguros e luxuosos. As novas tecnologias como a estrutura metálica, os arranha-céus e as janelas horizontais revelam a arquitetura moderna como o ícone da nova Chicago que se reerguia. Na fase que antecedeu o Grande Incêndio a cidade era o segundo centro comercial e

Capítulo 3

o principal foco da rede norte-americana de transportes, funcionando como ponto de ligação entre as várias ferrovias e hidrovias do país. A tendência à centralização das atividades comerciais e de serviços tornou-se mais forte após o incêndio, em virtude do desenvolvimento do sistema municipal de transportes.

Em Londres outro incêndio destruiu a cidade em 1666 deixando cerca de 60% da população sem lugar para morar. A cidade também tinha suas construções em madeira. As construções passaram por uma repaginação após o incêndio com a implantação de um padrão de edificação e urbanização de cunho obrigatório. No ano seguinte foi decretado o Ato de Reconstrução com linhas mestras como o tamanho das ruas, a tipologia dos edifícios com características como à prova ao fogo. Os governadores tinham intenção de agilizar a reconstrução para evitar o esvaziamento da cidade mas em 1667 ela foi lenta, prevalecendo a arrecadação de fundos e a limpeza dos escombros, bem como apoio aos proprietários para que reconstruíssem suas casas e para os que quisessem reformar as não incendiadas. Esse processo gerou uma suburbanização que ampliou a área da cidade e levou tempo para ser controlada. Apesar de toda a destruição causada pelo incêndio muitos afirmam que ele gerou

Capítulo 3

alguns efeitos positivos como o fim da epidemia que tirou a vida de muitas pessoas um ano antes e propiciou a construção de notáveis edifícios. Christopher Wren foi encarregado de reconstruir a cidade com planos que sugeriam a utilização do ladrilho e da pedra num traçado xadrez com grandes praças e avenidas. O novo traçado não teve força pois muitos edifícios se preservaram na base. A cidade foi então reconstruída com seu atual plano de ruas mas com ladrilhos e pedra e com melhores acessos e sistemas sanitários, fortalecendo as características da Londres inicial que permanecem até hoje na imagem da cidade.

A atuação de forças externas pode provocar mudanças imprevistas nas cidades e exigir decisões dos responsáveis políticos para a retomada da ordem urbana. Destas decisões resultaram novas formas da cidade como também a reorganização das relações sociais da população para que o conjunto voltasse a atuar como um só. Quando a cidade evolui, seja por uma nova tecnologia ou por atuação de novos representantes da população, o processo de adaptação terá um tempo maior do que em uma cidade que teve suas estruturas abaladas por incêndios.

Capítulo 3

3.3.3 A CIDADE E A MEMÓRIA COLETIVA

Junto com as análises morfológicas, a percepção da memória coletiva construída ao longo do tempo pela ação do local sobre os homens e a influência destes na construção da história também é importante para a consolidação da imagem da cidade.

“[...] a própria cidade é a memória coletiva dos povos; e como memória está ligada a fatos e a lugares, a cidade é o 'lócus' da memória coletiva.” (ROSSI, 2001: 198)

Para Halbwachs (1909, apud ROSSI, 2001) duas forças ainda atuam na transformação de uma cidade, a de um indivíduo, pessoa representativa da população e de grandes poderes sobre a cidade, e a da evolução urbana, através da sucessão natural dos fatos que incluem as atividades de compra, venda e de construção de novos edifícios.

Na história da cidade de Erechim a imagem construída que se torna marcante é formada pelo contraste entre tradição e modernidade. As construções em madeira e com telhado inclinado foram a melhor forma de tornar presente e viva a lembrança da origem e as de seus habitantes. Esse modelo, apesar de ter se destacado apenas nos primeiros vinte anos da

Capítulo 3

cidade representa a transcrição da imagem existente na memória coletiva dos imigrantes. Essa imagem é tida como permanência no que concerne à imaginação coletiva.

Segundo Halbwachs (2006), podemos definir dois tipos de memória: a memória coletiva e a memória histórica, que podem ser tomadas como complementares, na medida em que a histórica traz os acontecimentos de uma época à lembrança dos que vivenciaram o período e os ajudam a completar sua história (memória coletiva). Com a reconstituição histórica do período estudado e o levantamento dos fatos ocorridos na cidade, no Estado e no País já apresentados pode-se perceber que o meio influenciou a vida dos habitantes e ao mesmo tempo foi modificado por eles principalmente após os incêndios quando a mudança da forma cria uma nova relação entre o local e seus habitantes onde ambos têm como função a readaptação aos novos conceitos.

A relação entre a memória coletiva e a sociedade está sempre apoiada no espaço, portanto a análise formal da cidade que vem se desenvolvendo permite entendê-la e apontar seu dinamismo na continuidade histórica. Afirma-se então que o estudo da forma urbana remete, dialeticamente, ao estudo da memória coletiva na medida em que este complementa àquele.

Capítulo 3

Rossi afirma:

“É provável que esse valor da história, como memória coletiva, entendida pois como relação da coletividade com o lugar e com a idéia dele, permita-nos ou nos ajude a compreender o significado da estrutura urbana, da sua individualidade, da arquitetura da cidade, que é a forma dessa individualidade.” (ROSSI, 2001).

O conceito de história, como complemento ao estudo da memória coletiva, segundo o ponto de vista de Maurice Halbwachs, não representa apenas uma sucessão cronológica de eventos, mas “tudo o que faz com que um período se distinga dos outros (...)” (2006: 79). Então pode-se dividir a história de Erechim em diversos momentos dos quais, aqui, interessam apenas os que se configuram pela brusca interrupção provocada pelos incêndios.

Para Maurice Halbwachs (1877-1945) existem duas características importantes em relação à história da memória coletiva. Uma refere-se à memória coletiva como uma “corrente de pensamento contínuo”, pois mantém na memória de um grupo só o que está vivo do passado, se este grupo perder o interesse por algum assunto ele pode vir a ser esquecido, e isso reflete em mudança do próprio grupo. A segunda se refere à existência de mais de uma memória coletiva, por se ater a um grupo limitado no tempo e no espaço. A existência de diversos

Capítulo 3

grupos num mesmo período de tempo já possibilita verificar outras memórias. (HALBWACHS, 2006).

Segundo Halbwachs:

“(...) a história que se interessa principalmente pelas diferenças e pelas oposições, (...) também relata e se concentra num intervalo de alguns anos de transformações que, na realidade, se realizaram em tempo bem mais longo. É possível que logo depois de um evento que abalou, destruiu em parte, renovou a estrutura de uma sociedade, comece um novo período. Só perceberemos isto mais tarde (...).” (HALBWACHS, 2006: 106)

A memória coletiva interessa aqui, então, pela possibilidade de inserir no estudo da história de um lugar, os relatos dos agentes que atuaram e se relacionaram com esse espaço para perceber as mudanças sociais que as transformações físicas geraram.

Os imigrantes consolidam o grupo que representou a cidade no período em que ela surgiu e se desenvolveu pois possuíam uma vida social com usos e costumes que se refletiram na forma da cidade. No ano de demarcação das terras e ocupação dos lotes a população de Paiol Grande

Capítulo 3

(ainda pertencendo à Colônia Erechim) era de 840 habitantes, todos eles imigrantes.

Esse grupo permite remontar a imagem de um lugar que hoje já se apresenta modificado. Através das lembranças do grupo de pessoas que vivenciaram o momento de estruturação da cidade de Erechim se reforça a história contada pela imagem encontrada nas fotografias. As entrevistas realizadas com alguns dos moradores mais antigos da cidade reforçam a idéia que se queria de uma cidade moderna ao mesmo tempo em que destacam o saudosismo pela arquitetura em madeira que os aproximava das suas origens européias. Esse sentimento se revela principalmente quando citados os grandes incêndios, pois grande parte da cidade foi destruída e só permaneceu a imagem na memória do imigrante.

A interação do novo espaço construído após os incêndios com a população que já o habitava só se deu ao longo do tempo e respeitando as adaptações pelas quais os imigrantes tiveram que passar, como a nova arquitetura, as novas dimensões do lote e da edificação e também os usos que se voltaram ao comércio especialmente. Como afirma Halbwachs, uma cidade pode ser reconstruída sobre outra pois “as pedras se deixam transportar”, mais difícil é modificar “as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens.” (2006: 163). O homem resistirá

Capítulo 3

ao espaço conquistado, mesmo que tenha que mudar para se adaptar a ele.

As novas edificações se distanciavam do modelo que até então vinha sendo adotado mas a população conseguiu manter alguns exemplares da arquitetura em madeira na periferia da cidade, como se observa na figura.

Para Lynch: "A memória é o resultado de um processo de seleção e organização, resultado que se elege de modo que fique dentro do marco das situações previsíveis." (1969: 42)

A memória coletiva se reflete na forma da cidade de Erechim através da arquitetura vernacular e se mantem nas imagens da época e na população que viveu a cidade em transformação.

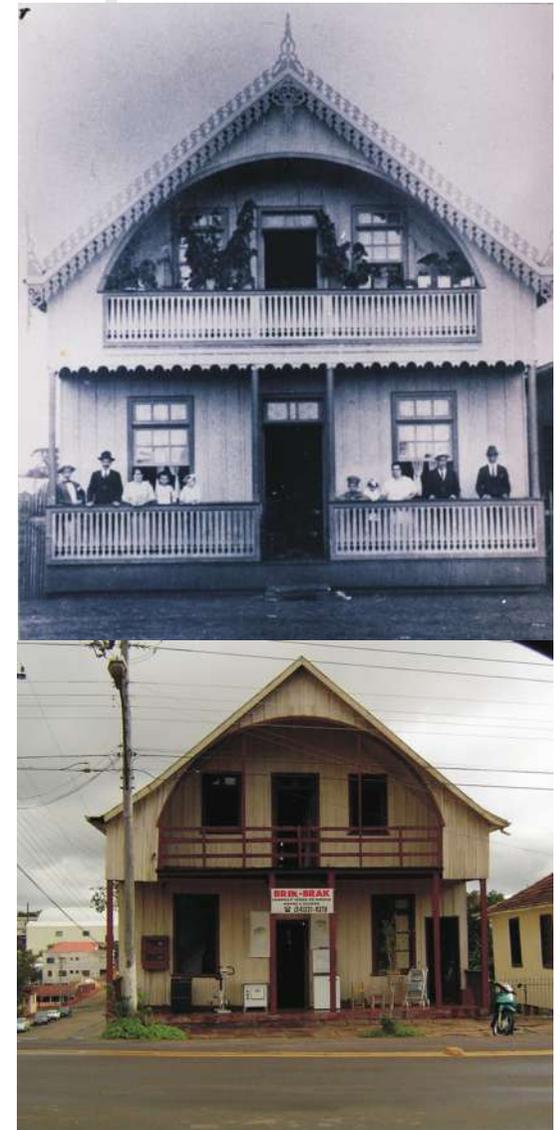


Fig. 38 e 39 - Casa na periferia da cidade em 1920 e em 2005.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal e imagem da autora.

Capítulo 3

3.4 A NOVA CIDADE

Sob a análise da forma urbana compreendem-se as grandes mudanças enfrentadas pela cidade de Erechim após os incêndios. A escala das edificações muda para adaptá-las ao plano moderno que permaneceu, assim como sua arquitetura e, em algumas construções, as funções, que se tornam exclusivamente comerciais.

Com a ocorrência dos incêndios a realidade exige da cidade uma resposta. A vida e a arquitetura pré-moderna são consumidas pelo fogo e discute-se como reerguê-las. Esse período de enfrentamento da mudança, analisado sobre o continuun da história, caracteriza-se como a ruptura, objeto principal de estudo deste trabalho.

A cidade interrompida, assim como em Lisboa, Londres, Chicago, aproveita-se dos acidentes para avançar décadas na arquitetura e sincronizá-la ao traçado implantado no início do século, que foi seguido até a década de 50, quando passou por mudanças para adaptação de novos bairros, novas edificações e, principalmente, pela especulação imobiliária.

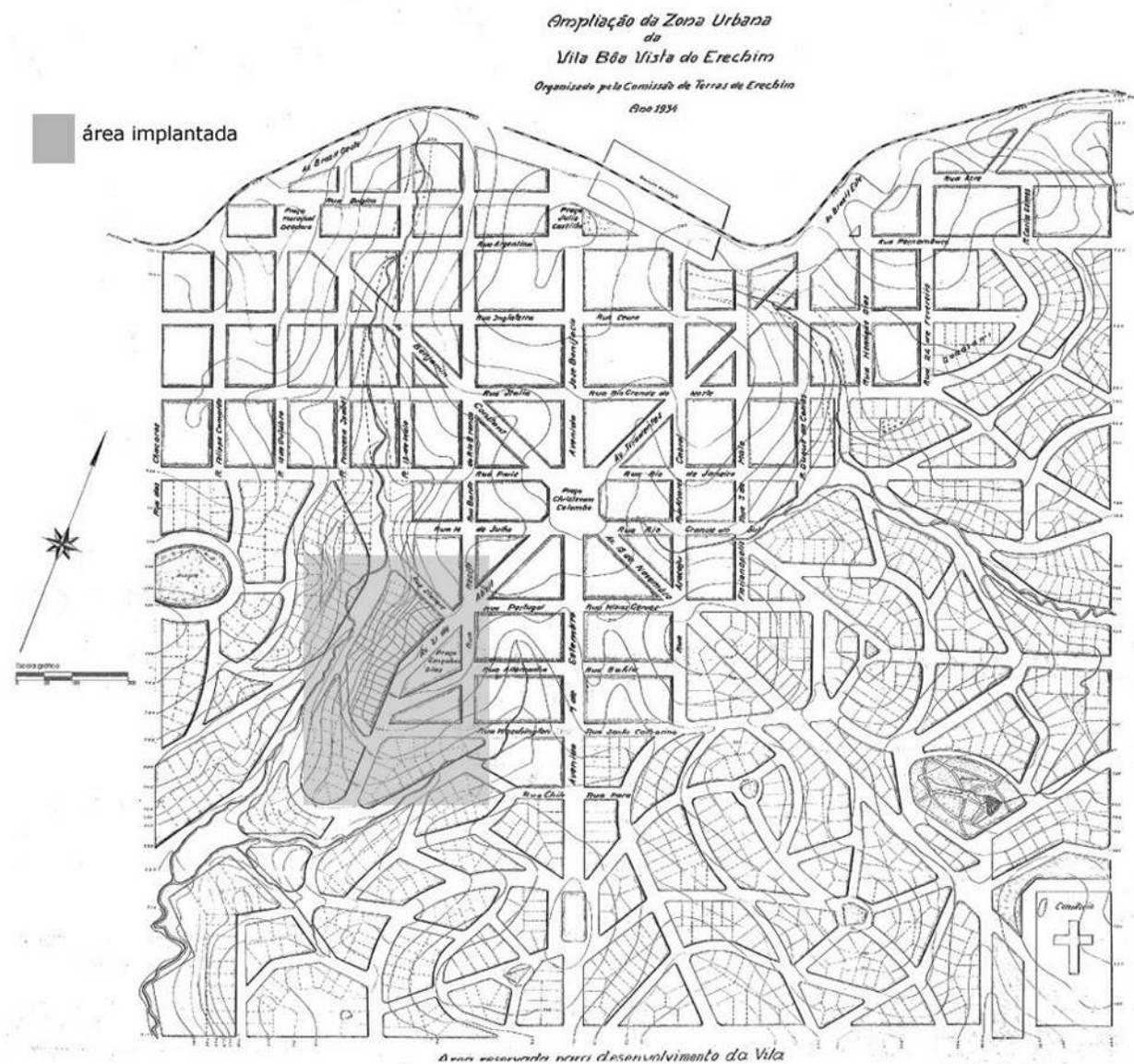
Os incêndios representam um marco na história da cidade. Mas outros acontecimentos

Capítulo 3

facilitaram a implantação da nova cidade, todos eles ocorridos no início dos anos trinta, coincidindo com as datas dos grandes incêndios.

O plano teve uma tentativa de intervenção que acabou não sendo efetivada. Em 1931 a pedido do Governo Estadual, foi realizada uma nova proposta de planejamento para a cidade, desenvolvida pela Comissão de Terras de Erechim, com a imagem da cidade-jardim, de E. Howard, em resposta aos problemas encontrados na implantação do primeiro projeto devido à topografia acidentada do terreno. Projetado por Diumier Schneider e Longines Malinowski a proposta tinha inscrita nos papéis “projeto novo organizado por ordem superior em 1931” e preservava a parte central do plano xadrez já implantado. As ruas se acomodam à topografia e dão continuidade às existentes enquanto que os lotes continuam sendo definidos com as mesmas dimensões e regularidade. Este projeto não foi implantado a não ser em uma quadra onde a topografia não oferecia outra possibilidade, mas esteve presente até o início dos anos 50, como pode ser observar no Mapa 15.

Capítulo 3



Mapa 15 - Planta proposta em 1931 desenvolvida sob ordem superior.
Fonte: FUNGELT, Karla. 2004: 30.

Capítulo 3

A reconstrução foi guiada pelo plano moderno e por regulamentações municipais. Em 1931 o Prefeito Municipal Amintas Maciel, nomeado pelo interventor federal, através de ato n. 22, de 12 de fevereiro de 1931, a proibição da construção de edificações de madeira no eixo central. Além disso, proibiu a restauração ou modificação das casas já existentes nessa área¹⁶. A área de validade da Lei compreendia o centro da cidade, principalmente às edificações voltadas para a avenida principal¹⁷. Por esse ato, então, só poderiam ser construídas casas em madeira fora do perímetro definido na Lei e as casas que ocupavam o centro da cidade não poderiam sequer se reformadas, a não ser que utilizassem a alvenaria.

O prefeito declarou que a cidade estava em próspero crescimento e para isso “precisa tomar outra feição”.

Ainda no mesmo ano o Prefeito Amintas Maciel fez valer o ato n. 30, no qual regulamenta a construção de muros e cercas para completar a unidade já estabelecida nas edificações através do material utilizado. A lei explicita alturas e alinhamentos dos muros, bem como a obrigatoriedade de aprovação dos projetos destes junto à Prefeitura. O ato propõe a construção de muros em todas as residências, com projeto a ser aprovado pela prefeitura,

¹⁶Cabe lembrar que até então só havia três construções em alvenaria na cidade, a Estação Ferroviária, a casa de comércio do Sr. Atílio Assoni, próxima a ferrovia, e a residência de Reynaldo Seger, na rua Portugal, todas fora do perímetro estabelecido pelo prefeito para implantação de edificações de alvenaria.

¹⁷A Lei de 12 de fevereiro de 1931 encontra-se nos Anexos.

Capítulo 3

como pena ao não cumprimento, os proprietários teriam de efetuar o pagamento de uma multa e estariam submetendo suas propriedades à possível demolição.

Complementando os atos já impostos o prefeito ainda proíbe a construção de corrimãos em frente aos hotéis e estabelecimentos comerciais na Avenida José Bonifácio evitando assim que animais fossem presos a estes durante os fins-de-semana e às festas municipais. Demonstra mais uma vez a preocupação estética e também higiênica com a cidade.

A homogeneidade que se adotou no novo conjunto foi resultado da ação municipal que implantou em 1933 o primeiro Código de Construções que irá regulamentar todas as edificações a serem construídas na cidade. Esse código é uma resposta à exigência estadual descrita em Relatório da Comissão de Terras que afirma a responsabilidade de cada Município na execução do seu Código de Construções, devendo considerar a higiene, a estética, a estabilidade, bem como a previsão para expansão urbana.

O Código prevê desde a licença para construção, apresentação do projeto para aprovação na Prefeitura, alinhamentos e alturas, até a definição dos detalhamentos construtivos da

Capítulo 3

fachada. Previa largura de quatro metros para edificações térreas e cinco para sobrados, alinhamento à via ou afastamento dela medindo 4,0 metros, os edifícios alinhados devem conter platibanda na sua frente e recolher a água da chuva para que desça até a sarjeta da rua, o pé-direito deve ter 3,5 metros quando a edificação estiver alinhada na rua podendo ser reduzido para 2,75 metros nas construções recuadas. E ainda dá outras definições.

A padronização descrita pelo Código juntamente com a necessidade de reconstrução originada pelos incêndios, deu origem a uma nova cidade com edificações ecléticas, inspiradas nas construídas na capital do Estado. Segundo o autor Reis Filho (1987: 186 apud FUNFGELT, 2004: 80), "o Ecletismo foi, pois, em arquitetura, conciliação e progresso, tradicionalismo e progresso, ou, como se diria depois, ordem (...) e progresso."

O Ecletismo foi um movimento que teve origem na Europa do século XIX, período de grandes experimentações devido às possibilidades que surgiram pela presença em larga de escala de novos materiais, como o ferro e o concreto. A primeira fase ocorreu com a substituição dos materiais e a manutenção das velhas formas para que todos se acostumassem, para só em seguida serem implantadas novas formas, como ocorreu com o Art D'eco.

Capítulo 3

No Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que chegou foram novas formas já experimentadas na Europa, com a mistura de estilos Clássico, Barroco, Gótico, dando origem ao que foi chamado Ecletismo.

“As igrejas eram o mais góticas possíveis, os prédios públicos ostentavam colunas clássicas, as residências e prédios comerciais exibiam volutas barrocas.” (DETONI, 1997:22)

Em todo o Rio Grande do Sul e também em Erechim o Ecletismo se propagou devido à influência que desembarcava do Rio de Janeiro e São Paulo como também diretamente da Europa, com a vinda dos mais recentes imigrantes que vivenciaram a experimentação Eclética no fim do século, antes da vinda ao Brasil.

Como consequência, as casas de madeira deram lugar a uma seqüência homogênea de prédios pequenos com dois pavimentos, com comércio no térreo e residência no segundo pavimento, todos eles com fachadas profusamente enfeitadas. Quem quisesse construir em madeira teria de fazê-lo fora do centro. Dessa forma muitos dos que perderam sua edificação devido ao incêndio construíram fora da área central, com o dinheiro que receberam da venda do lote e da seguradora do imóvel.

Capítulo 3

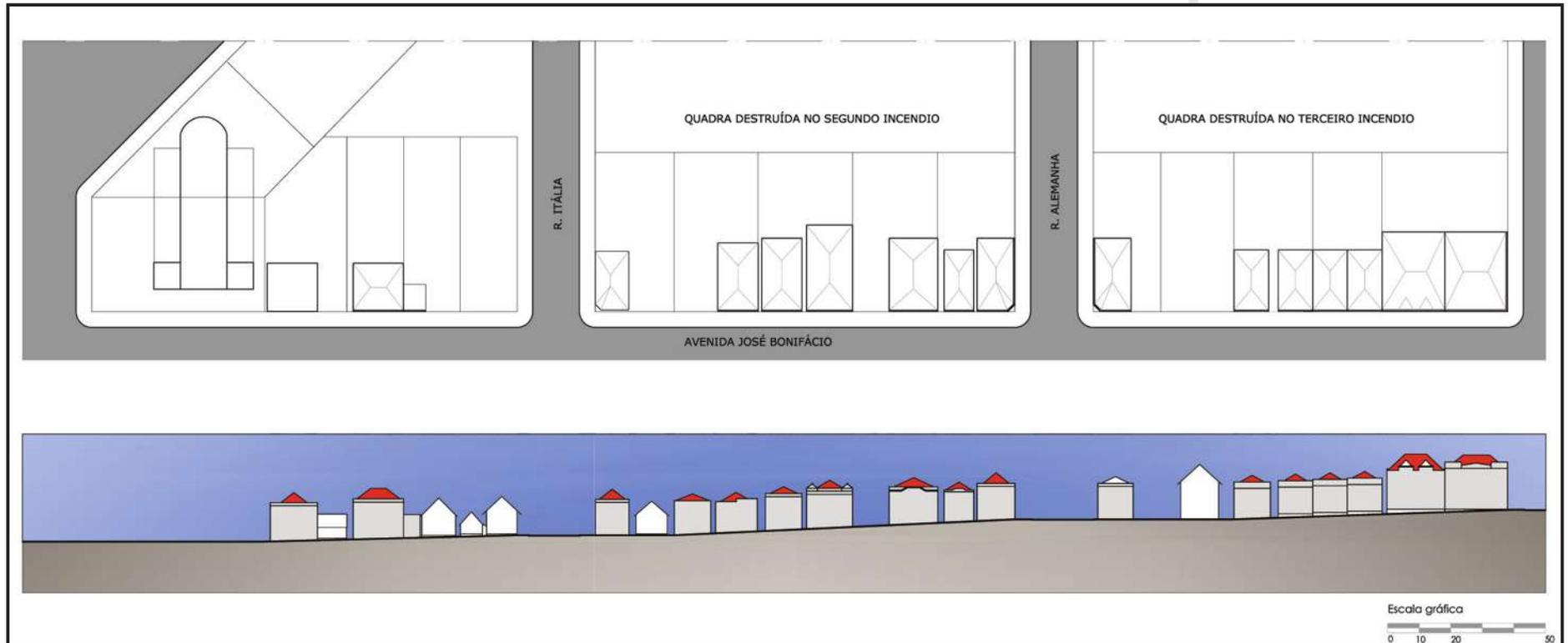


Fig. 40 - Planta baixa e vista oeste da via central elaborada a partir de fotografias da década de quarenta.
Fonte: desenho da autora baseado em fotos.

Capítulo 3



Fig. 41 - Planta baixa e vista leste da via central elaborada a partir de fotografias da década de quarenta.

Fonte: desenho da autora baseado em fotos.

Capítulo 3



Fig. 42 e 43 - Lado oeste e leste com os edifícios construídos depois dos incêndios, 1937.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.



Fig. 44 e 45 - Avenida principal sentido Norte-Sul – anos 40.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

Capítulo 3



Fig. 46 e 47 - Edifício da Prefeitura em 1932 e nos dias de hoje.

Fonte: Arquivo Histórico Municipal e site: <http://www.pmerechim.rs.gov.br/principal>

A transformação que foi provocada principalmente pelos grandes incêndios modificou o tamanho do lote (que até hoje já sofreu muitas alterações devido à especulação imobiliária) bem como o tipo de ocupação que se daria nele. As edificações passaram a ser geminadas em grande parte da avenida o que gerou uma avenida conformada por uma fachada contínua resultado da sucessão das fachadas das edificações.

Respondendo às exigências legais do governo estadual e municipal, a cidade reergue-se para sua população e para o mundo moderno, rendendo-se às técnicas e aos especialistas interessados em colocar em prática suas teorias.

Surgem nesse começo de década mais construções importantes na cidade. Em 1932 o edifício da Prefeitura é terminado, idealizado e projetado em Porto Alegre, foi inspirado em formas neoclássicas e reforça o centro monumental, político e religioso. Somam-se a isso os melhoramentos feitos na Praça Cristóvão Colombo, com uma demarcação feita em concreto, instalação de postes, plantio de árvores e execução de passeios.

Helly Parenti, entrevistado neste trabalho, afirma que a cidade nesse período “[...] já

Capítulo 3

demonstrava que o progresso não demoraria a chegar como de fato aconteceu. A maioria dos edifícios ou casas era de madeira. As ruas eram de terra e pedra bastante 'atoleiras' mas bem planejadas para o futuro.”¹⁸

A Igreja da Matriz também sofreu com esse período de grandes transformações. Anterior à Igreja de 1930 existia, segundo relatos dos moradores, uma Igreja de madeira localizada no terreno onde foi construída, em 1927, a nova Igreja da Matriz, mas não existem documentos que comprovem essa existência. A nova Igreja foi inaugurada em 1933 e foi construída em alvenaria inspirada no estilo Barroco. O projeto foi desenvolvido por Vitorino Zani, que já havia projetado outras igrejas no interior do Estado.

Na década de 40, impulsionada pelo progresso e pela resposta dada pelos moradores na construção e reformulação de suas edificações, surge na cidade um novo estilo, trazido pelo imigrante austríaco José Pohl, o Art Deco. Este estilo tem como referencia no estado a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha realizada em 1935 em Porto Alegre. Os adornos destas construções simplificaram e as formas tornaram-se mais puras. Alguns exemplos destas construções permaneceram até os dias de hoje na cidade.



Fig. 48 - Construção da Igreja da Matriz - 1928
Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

¹⁸Entrevista realizada em setembro de 2007 com Helly Luiz Parenti, nascido em 16 de março de 1929.



Fig. 49 - Igreja da Matriz - 1933
Fonte: Arquivo Histórico Municipal



Fig. 50 - Praça da Bandeira, antiga Cristóvão Colombo, que recebeu o trabalho de Francisco Riopardense de Macedo no desenho do piso.
Fonte: Beto Hachmann retirado de FUNFGELT, K. 2004.

Ao mesmo tempo o plano implantado por Torres Gonçalves mantém sua força de permanência, principalmente com o tratamento que receberam as vias. A avenida principal passa a se chamar Avenida Maurício Cardoso e recebeu um tratamento da Secretaria de Obras atribuindo a ela duas faixas de rolamento de 8 metros revestidas com paralelepípedo, dois passeios laterais de 5 metros com pedra portuguesa formando mosaicos de duas cores, e um canteiro central, com 14 metros, também revestido de pedra formando desenhos. A largura total da via se manteve com os 40 metros propostos no projeto desenvolvido por Carlos Torres Gonçalves. Com o ajardinamento e plantações de árvores a praça e a avenida se transformam. A Praça Cristóvão Colombo também recebe tratamento e projeto de Francisco Riopardense Macedo para sua nova pavimentação, e um novo nome, Praça da Bandeira.

Capítulo 3

E é com esta imagem que a cidade chega aos anos 50. Quando comparada a outras cidades do mesmo porte nesta época se percebe o quão se dedicou o Prefeito Municipal, orientado pela legislação estadual e pelos ideais vigentes, da Ordem e do Progresso, à transformação da cidade. O sonho idealizado pelos governantes parecia ter sido esquecido nos

primeiros anos da cidade, quando se realizavam os desejos dos imigrantes em ter um lugar para morar e trabalhar.

Com a atuação da Prefeitura, através de atos e legislações, e com a necessidade de reconstrução gerada pelos incêndios, todas as forças se direcionaram para que a cidade se transformasse e trouxesse de volta o sonho do Engenheiro Torres Gonçalves no início do século de se construir uma cidade moderna. Em pouco tempo essa cidade surgiria sobre a cidade do imigrante gerando novas esperanças e expectativas em moradores e governantes para um futuro promissor do qual acreditavam fazer jus.

CONCLUSÕES

O conceito de cidade vem se definindo desde as primeiras aglomerações humanas como exemplifica Mumford (1998), pois muitas das características da cidade de hoje remetem à forma da aldeia dos períodos pré-históricos. Pode-se dizer que a história da cidade mantém os conceitos primários de aglomeração, de formação do centro de convergência, de ímã, ao exercer um poder de atração sobre as pessoas que passam a formar grupos e a modificar o espaço. Na relação dialética que se estabelece, o meio se transforma para atender as necessidades do homem e o homem, simultaneamente, se adapta ao novo ambiente.

Nessa constante a cidade forma e se transforma e acumula em sua história os vestígios construídos e na memória da população, seus acontecimentos marcantes. Assim, a relação do ambiente e sua forma física e a vida social, os habitantes, faz a história da cidade. Entender a cidade sob essa continuidade histórica permite detectar, através da análise da forma urbana, os períodos em que outras forças atuaram no desenvolvimento urbano originando tempos de rupturas.

A cidade de Erechim passou por um período de grande destaque na história principalmente quando comparado a processos semelhantes ocorridos em algumas cidades como Londres e

CONCLUSÕES

Chicago. Os grandes incêndios na década de trinta, depois de realizada a análise histórica da cidade, foram classificados como os causadores de um período de ruptura dentro da evolução urbana da cidade.

O tempo de formação da cidade coincidia com a atuação, vivência e rotina dos imigrantes, principais agentes de transformação da região ainda sem conhecimento da vida humana. A forma implantada nas construções dos imigrantes revelou a origem européia deste povo que acreditava estar construindo nessas terras uma nova vida. A arquitetura em madeira destoava do plano projetado por Carlos Torres Gonçalves e implantado pela Comissão de Terras, nos moldes do urbanismo moderno. Essa tensão permaneceu, sob o ponto de vista dos idealizadores do projeto de modernidade, até a década de trinta, período dos grandes incêndios e de outras ações governamentais que permitiu pela união das forças o projeto de mudança. A continuidade da forma não se concretizou devido às perdas dos bens construídos e uma nova imagem é assumida na cidade.

O incêndio, como força acidental não programada, foi o grande responsável pela destruição desta paisagem. O prefeito positivista Amintas Maciel, como força política, também atuou na mudança radical da cidade, tomando decisões que modificaram o ambiente, principalmente a área central da cidade, que servia de referência para a área em expansão. A forma que a cidade assumiu concordou com o plano implantado diferentemente do que vinha sendo realizado desde sua origem. A permanência do plano na área central, apesar de toda a mudança arquitetônica, se confirmou e se tornou a referência para a adoção de novas formas para a cidade.

A nova cidade

A cidade do sonho idealizada por cada indivíduo é única e exclusiva. Na cidade de hoje encontra-se a cidade do desejo dos idealizadores adeptos à modernidade e também a cidade do sonho dos imigrantes, ainda que boa parte esteja guardada na memória dos mesmos, assim como as muitas cidades que se acumulam ao longo do tempo.

CONCLUSÕES

“É uma cidade igual a um sonho: tudo o que pode ser imaginado pode ser sonhado, mas mesmo o mais inesperado dos sonhos é um quebra-cabeça que esconde um desejo, ou então o seu oposto, um medo. As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreta, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.” (CALVINO, 1990:44)

A mudança da madeira pelo concreto era a primeira resposta ao projeto moderno idealizado para a sede da Colônia. As demais mudanças, resultados das leis e decretos governamentais, levaram Erechim a um desenvolvimento bastante acelerado para a época e pela situação em que surgiu. A especulação imobiliária influenciou novamente as mudanças urbanas, principalmente ao desligar o desenvolvimento e expansão de Erechim do plano original proposto pelo Engenheiro, isso já nos anos 50.

Considerações finais

Erechim surgiu do trabalho conjunto da Comissão de Terras e dos imigrantes, vindos através da implantação da ferrovia. Com trinta anos a cidade se transforma radicalmente devido a

CONCLUSÕES

ação de grandes incêndios, que promovem a renovação e a concretização do desejo e do sonho de ser uma cidade moderna. Sonho este presente nos idealizadores do projeto inicial que deram à população a possibilidade de habitar em uma cidade planejada e pensada esteticamente, conectada às inovações implantadas em diversas cidades do país.

Identificar a influência e a força de uma ação natural, como o incêndio, na história de uma cidade foi a proposta desta pesquisa ao demonstrar que apesar dos ritmos seguidos pela cidade, impostos pelos processos globais e adaptados pela vida social urbana, um elemento perturbador da ordem e da cotidianidade se torna um marco histórico.

A pesquisa teve sempre o foco voltado para o contraste entre a tradição e a modernidade, das construções e do plano, pois foram estes os dois pontos que permitiram entender a proporção da ruptura da forma urbana ocorrida nos anos trinta. A relação entre a arquitetura e o traçado se modificou como que para a realização de um sonho guardado na memória.

Segundo Rossi, “[...] a cidade é uma coisa que permanece através das suas transformações e [que] as funções, simples ou múltiplas, que ela desempenha progressivamente são

CONCLUSÕES

momentos na realidade da sua estrutura.” (2001: 46). A cidade é, então, ao mesmo tempo, única e soma de todas as cidades que se desenvolvem ao longo dos anos. A análise desenvolvida neste trabalho permitiu identificar a metamorfose da cidade através da análise de um período de ruptura.

O desenvolvimento de mapas e desenhos para se compreender o período dos grandes incêndios na cidade foram de extrema importância neste estudo por demonstrarem a proporção de destruição causada pelo fogo em relação às modificações profundas que se sucederam na forma urbana da cidade. Ainda que a cidade tenha se desenvolvido rapidamente e absorvido ainda mais os conceitos modernos, como a arquitetura Art Deco, o grande salto proporcionado pelo período dos incêndios direcionou a nova cidade que hoje é o lugar de todos os tempos de sua história e guardará, ainda que na memória de seus habitantes, as histórias dos seus 90 anos, completos nestes 30 de abril de 2008.

Este trabalho teve como pretensão resgatar uma parte importante da história da cidade e transpô-la a partir do grande marco que foi estampado pelos incêndios, como período propulsor para a sua evolução e transformação urbana. Espera-se que os documentos e

CONCLUSÕES

mapas aqui reunidos possam ser de grande valia para novas pesquisas sobre a cidade e que este trabalho contribua no registro de informações da cidade e abra espaço para novos estudos, novas descobertas, que venham acrescentar histórias à história da cidade de Erechim e de sua população.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. **A psicanálise do fogo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella. Permanência e ruptura no estudo das cidades. In: **Seminário** de História Urbana. Cidade e História.

FERNANDES, Ana e GOMES, Marco Aurélio A. de F. (Org.) Salvador: UFBA, Faculdade de Arquitetura. Mestrado em Arquitetura e Urbanismo; ANPUR, 1992.

BARROSO, Vera Lucia Maciel. **Povoamento e urbanização do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS/PMPA, 1992.

BARDA, Marisa. **Porque conservar?** Disponível em: <<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/163/artigo63526-4.asp>>.

BERMANN, Marshall. **Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1987.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

CASSOL, Ernesto. **Formação Histórica do Grande Erechim**. Revista Perspectiva, Erechim: CESE, n. 6, 1977.

_____. **Histórico de Erechim**. Erechim: CESE, 1979.

_____. **Carlos Torres Gonçalves**. Erechim: Gráfica São Cristóvão, 2003.

Bibliografia

_____. **Empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia Ltda.** Um estudo de fontes. Perspectiva, Erechim: CESE, n. 7, 1978.

_____. Estado e Colonização do partido republicano Rio-Grandense: a Colônia Erechim. In: **Anais VIII Encontro Estadual de Microistória.** Erechim, FuRI/ CIE – Campus Erechim, 1991.

_____. As várias fases e os vários modelos de ocupação humana na região do ex-grande Erechim. In: **Revista Perspectiva.** URI – Erechim. Ano 17, n. 60, dez. 93.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo:** utopias e realidades, uma antologia. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

CHIAPARINI, Enori. **Início de Paiol Grande.** Erechim, 1992.

DETONI, Maríndia Izabel Girardelo, CHIAPARINI, Enori, MENEGATI, Altair. **Álbum Fotográfico da História de Erechim.** Erechim: Edelbra, 1999.

DETONI, Maríndia Izabel Girardelo. **As construções, seus mestres e a transformação de Erechim.** Parte II - integrante do Caderno Especial do Jornal Diário da Manhã, Edição de 11 anos do Jornal. Erechim, 1997.

DUARTE, Cristóvão Fernandes. A configuração espacial da cidade. In: DUARTE, Cristóvão Fernandes. **Circulação e cidade:** do movimento da forma à forma do movimento. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2002.

Bibliografia

_____. A dialética entre permanência e ruptura nos processos de transformação do espaço. In: Denise Barcellos Pinheiro Machado. (Org.). **Sobre urbanismo**. 1 ed. Rio de Janeiro: Viana & Mosley / Ed. PROURB, 2006, v. 1, p. 27-36.

_____. Anotações preliminares sobre a utilização da grelha na planificação de cidades. IV Seminário de História da Cidade e do urbanismo, 1996, Rio de Janeiro. **Anais** do IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Rio de Janeiro : UFRJ, 1996.

DUCATTI NETO, Antonio. **O grande Erechim e sua história**. Porto Alegre: EST, 1981.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1989.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

FUNFGELT, Karla. **História da paisagem e evolução urbana da cidade de Erechim – RS**. 2004, 128 f. il. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.

FONT, Juarez Miguel Illa. **Serras do Erechim, tempos heróicos**. Erechim: Empresa Gráfica Carraro, 1983.

FRAINER, João. **Álbum do Município de Erechim**. Livraria Modelo: Boa Vista do Erechim, 1936.

GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e imigração em Erechim** - a saga das famílias polonesas. (1900-1950). 2.ed. Erechim: Edelbra, 2003.

Bibliografia

FRANCO, Sérgio da Costa. **Júlio de Castilhos e sua época**. 4.ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1996.

GONSALES, Célia Helena Castro. **Cidade moderna sobre cidade tradicional**: movimento e expansão. Arqutextos, texto especial n. 292 São Paulo, Portal Vitruvius, abr. 2005.

GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; LIMA, Fábio José Martins de. Pensamento e prática urbanística em Belo Horizonte. 1895-1961. In: LEME, Maria Cristina da Silva (coord.). **Urbanismo no Brasil 1895-1965**. São Paulo, FUPAM / Studio Nobel, 2001.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: A emergência do preconceito**. Porto Alegre/RS: Martins Livreiro Editor: 2004.

_____. **Imigração Judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization e a colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

GUTFREIND, Ieda. Historiografia sul-riograndense e o positivismo comtiano. In: GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes; LEAL, Elisabete (org.) **Revisitando o positivismo**. Canoas: Editora La Salle, 1998.

HALL, Peter. **Cities of Tomorrow**. Cambridge, Mass., Blackwell, 1990.

HAROUEL, Jean-Louis. História do urbanismo. Campinas, SP: Papirus, 1990, p. 113. In: DUARTE, Cristóvão Fernandes. **Circulação e**

Bibliografia

cidade: do movimento da forma à forma do movimento. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HERÉDIA, Vânia. A imigração europeia no século passado: o programa de colonização do Rio Grande do Sul. Disponível em: **Scripta Nova** - Revista Electrónica de Geografía e Ciências Sociales. Universidad de Barcelona, n. 94, 2001.

HISTÓRIA da fundação de Washington. In: **History of Planning in Washington, 2005.** Disponível em: <www.ncpc.gov/about/histplann/histplann.html>.

HISTÓRIA de Erechim. il. Disponível em: <<http://erechimimagens.blogspot.com>>.

IMAGENS da Serra Gaúcha do Rio Grande do Sul. il. Disponível em:

<http://s244.photobucket.com>;

<http://www.skyscrapercity.com>

<http://www.geocities.com/TheTropics/Paradise/6624/gariba1.jpg>;

<http://www.ferias.tur.br/localidade/7466/bento-goncalves-rs.html>

Bibliografia

<http://s236.photobucket.com/albums>

INSTITUT Ildefons Cerda. **Cerdà Ciudad y Territorio**. Uma visión de futuro. Catálogo de la Exposición Cerda. Septiembre 1994 – Febrero 1995. Electa: Barcelona, 1996.

KARNAL, Oscar da Costa. **Subsídios para a história do Município de Erechim**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1926.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

_____. **La revolucion urbana**. Madri: Alianza Editorial, 1972.

LINS, Ivan. **História do Positivismo no Brasil**. Brasileira, volume 322. São Paulo, 1967.

LYNCH, Kevin. **De que tempo é esse lugar?** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1975.

MACHADO, M. A. y HERÉDIA, V. B. A formação de núcleos urbanos na região de colonização italiana no Rio Grande do Sul. Disponível em: **Scripta Nova**. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, v. VII, n. 146, 2003.

MAGALHAES, Sérgio Ferraz. **Ruptura e contigüidade: a cidade na incerteza**. Tese (doutorado em Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2005.

Bibliografia

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NEUMANN, Rosane Márcia. **A colonização do Planalto gaúcho por empresas privadas**. 2006. Disponível em: <www.historica.arquivoestado.sp.gov.br>.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. 2ª. ed. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2002.

_____. **Memória, história e cidade. Lugares no tempo, momentos no espaço**. In: Artcultura, Uberlândia: UFU, jun/2002. Vol. 4. nG 4. [p. 23 – 35].

PLANO de Barcelona. Disponível em: <<http://planocerda.blogspot.com/2007/05/os-objetivos-do-plano-de-extenso-de.html>>.

PLANO de Belo Horizonte. Disponível em: <www.idasbrasil.com.br/idasbrasil/cidades/belohorizonte/port/historia.asp>.

PREFEITURA Municipal de Erechim. Fotos e dados. Disponível em: <<http://www.pmerechim.rs.gov.br/principal.php>>.

RAMPAZZO, Sonia E.; SANTOS, José E.; PIRES, José S. Proposta de zoneamento ambiental para o município de Erechim (RS): contribuição ao desenvolvimento regional. **II Seminário** Internacional sobre Desenvolvimento Regional. Santa Cruz do Sul:

RAMPAZZO, Sonia Elizete. **Proposta conceitual de zoneamento ambiental para a cidade de Erechim**. 2003. 177 f. il. (Tese de

Bibliografia

doutorado em Ecologia e Recursos Naturais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ROSSI, Aldo. **Arquitetura da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Globo. Vol I e II, 1969.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1991.

SERRA gaúcha. Disponível em: < www.sitedovinhobrasileiro.com.br >

SOARES, Mozart Pereira. **O Positivismo no Brasil**. Porto Alegre: AGE – Ed. da Universidade, 1998.

SOUZA, Célia Ferraz de. Construindo o espaço da representação: ou o urbanismo de representação. In: SOUZA, Célia Ferraz de;

PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). **Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, UFRGS, 1997.

_____. O pensamento e atuação dos engenheiros na modernização das cidades. In: **IX Seminário** de História das Cidades e do Urbanismo, São Paulo: 2006.

Bibliografia

SPONCHIADO, Breno Antonio. O Positivismo na colonização do Norte do RS. In: **Revista Perspectiva**. Erechim. Ano 16, n. 51.52, dez. 1991.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da Imigração Polonesa no RS**. Caxias do Sul: UCS, 1976.

TASSO, Chico. **Meu Erechim Cinquentão**. Erechim: Modelo: 1968.

WEIMER, Günter (org.). **Urbanismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS. Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1992.

WOLFF, Gladis Helena. **Trilhos de Ferro Trilhas de Barro: a ferrovia no norte do Rio Grande do Sul Gaurama (1910-1954)**. Passo Fundo: Editora UPF, 2005.

Bibliografia

Arquivos e Bibliotecas

Arquivo Histórico Municipal Miguel Illa Font – Erechim – RS.

Arquivo da CEMAPA (Comissão de Terras). Erechim e Porto Alegre.

Arquivo Público do Rio Grande do Sul.

Biblioteca Estadual do Rio Grande do Sul.

Biblioteca Nacional Rio de Janeiro.

IGRA – Porto Alegre.

Periódicos

____Revista Estudos Históricos. Vol. 8, nº16, Rio de Janeiro, 1995, p. 279-290.

____Revista Perspectiva. Nº 06, Publicação CESE, Erechim, nov. 1977.

____Jornal Diário da Manhã. Caderno Especial 11 anos. Erechim, 11.03.97.

____Jornal A Voz da Serra. Caderno Especial 60 anos Erechim. Erechim, 17.06.89

Bibliografia

Leis

ERECHIM. Decreto n. 3784 de 10 de janeiro de 1867.

ERECHIM. Ato n. 73 de 21 de maio de 1924. Lei orgânica do Município de Erechim.

ERECHIM. Ato n. 22 de 12 de fevereiro de 1931. Proíbe a construção de casas de madeira na região central da cidade.

ERECHIM. Ato n. 23 de 16 de fevereiro de 1931. Prorroga o prazo da proibição da construção de casas de madeira e dá definições sobre a construção de muros.

ERECHIM. Ato n. 25 de 26 de fevereiro de 1931. Amplia o perímetro de atuação previsto no Ato n. 22.

ERECHIM. Ato n. 30 de 25 de março de 1931. Traz medidas sobre a construção de muros e cercas em lotes urbanos.

Anexos

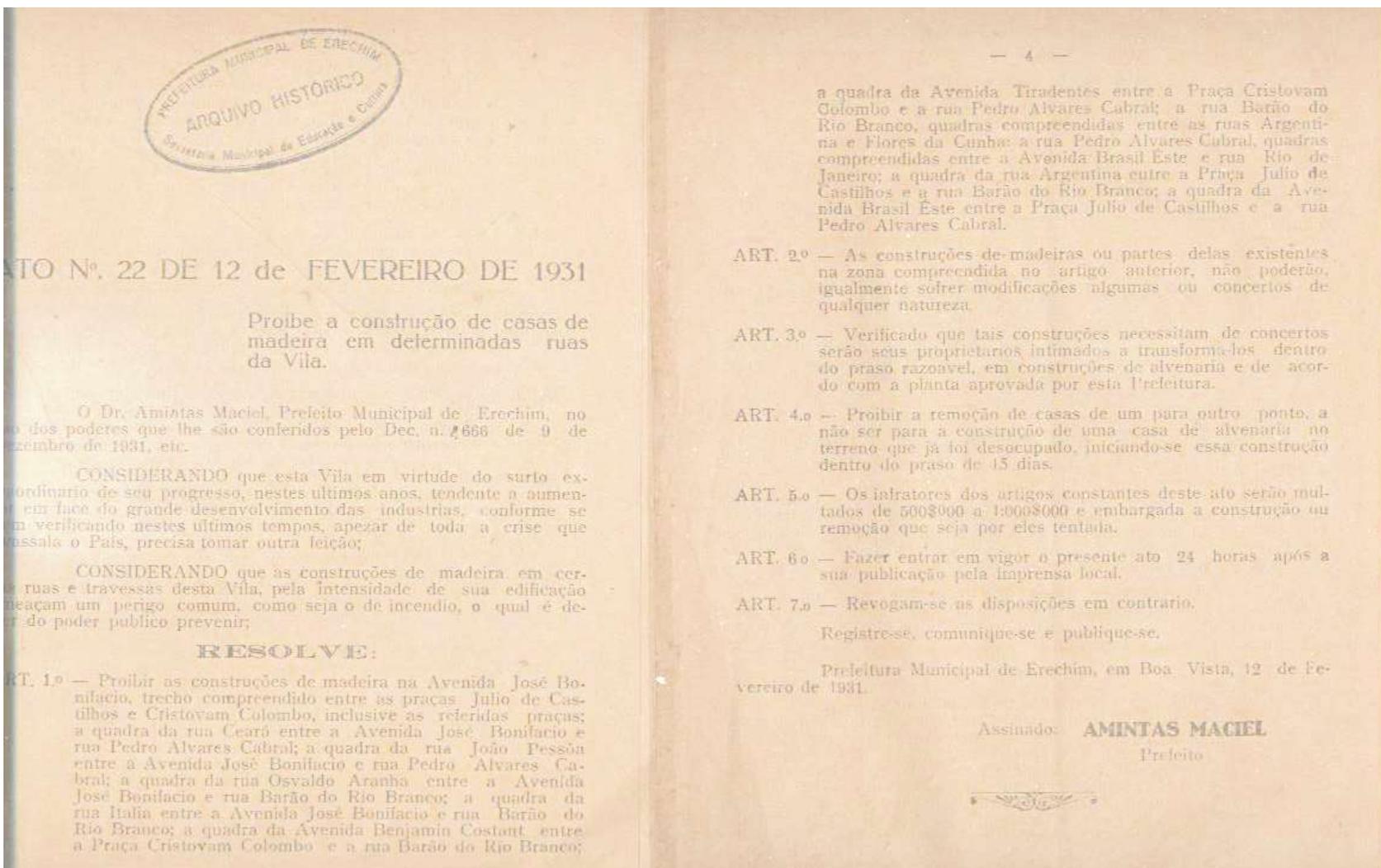
I - Artigo 22 de 12 de fevereiro de 1931, que proíbe as construções em madeira no centro da cidade de Erechim.

II - Recorte do jornal Diário de Notícias informando sobre o ocorrido dos incêndios em Erechim.

II - Entrevista realizada com os moradores da cidade de Erechim, nascidos antes da década de 30.

ANEXO I - Artigo N. 22

Anexos



Fonte: Arquivo Histórico Municipal.

O pavoroso incendio de domingo em Boa Vista do Erechim

Como decorreram as duas horas angustiosas que durou a destruição de quinze edificios da parte central da vila

A falta de agua, um problema importante cuja solução o sinistro veio mais uma vez reclamar

Boa Vista do Erechim, 9 (Diário) — 20,30 horas. A população é sobressaltada com o rebato dos sinos, tiros, cornetas nos quartéis, clamando, num apelo à solidariedade humana, pelo auxilio de todos.

Era o fogo que devorava o edificio onde funcionava o Cinema Avenida, de propriedade de sr. Emilio Neal, situado numa das quadras mais populosas da Avenida José Bonifacio, onde estão estabelecidos na maior parte os comerciantes varejistas desta vila.

A causa, qual seria a causa? Ninguém sabe. O fogo veio da cabine. Entretanto, era cedo ainda. A função ainda não começara. Os espectadores habituais do popular centro de diversões ainda não haviam chegado. E foi rápido, traiçoeiro... Quando acorreram os primeiros populares, nada mais se podia fazer.

A esposa do proprietario, que morava no sobrado do alteroso edificio, e que se encontrava de cama, em estado melindroso, a custo foi salva. Tudo tudo foi queimado. Não se pôde salvar nada, daquele edificio, a não ser a vida dos que o habitavam.



O que resta do resultado de anos e anos de trabalho

Emilio Neal, que não estava no local, achavam em estado gravissimo:

Os prejuizos

Calcula-se em quinhentos contos de réis os prejuizos sofridos por varios proprietarios e comerciantes, não incluindo aqueles que tinham seus predios e mercadorias segurados.

Quanto tempo durou o fogo

Começado ás 20,30 horas, ás 22,30 horas, portanto em duas horas, o fogo destruiu por completo os quinze edificios mencionados. Daí, pôde-se calcular qual tenha sido o esforço popular em tão curto tempo, no sentido de pôr a salvo não só as mercadorias das casas comerciais como os moveis e outros utensilios das casas de moradia.

A ação da policia

O destacamento da Brigada Militar garantiu, na medida do possível, a ordem e a segurança publicas. A prisão de quinze larplos constituiu uma prova da atividade policial.

Água! Água!

3 ANEXO III - Entrevista

Anexos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Faculdade de Arquitetura

Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Urbanismo PROURB

Proposta de entrevista para Dissertação de Mestrado Aline Beatrís Skowronski

1. Qual é o seu nome completo e data de nascimento?
2. Como era a cidade quando foi construída a Prefeitura? Como eram os edifícios e as ruas? De que material e forma foram feitos?
3. Tem alguma lembrança dos incêndios que aconteceram no centro da cidade?
4. Tinha alguma propriedade que tenha sido atingida pelo fogo? Se sim, reconstruiu sua casa no mesmo lugar?
5. Recorda-se quem era o governante da época, no início dos anos 30?
6. Tem algum fato curioso na memória que aconteceu na cidade? Quando foi?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)